

Empírica

metodologia de incubação



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

José Tadeu Jorge

Coordenador Geral da Universidade

Fernando Ferreira Costa

Pró-reitor de Graduação

Edgar Salvadori de Decca

Pró-reitor de Pós-Graduação

Teresa Dib Zambon Atvars

Pró-reitor de Pesquisa

Daniel Pereira

Pró-reitor de Desenvolvimento Universitário

Paulo Eduardo Moreira Rodrigues da Silva

Pró-Reitor de Extensão e Assuntos Comunitários

Mohamed Ezz El Din Mostafa Habib

Conselho Orientador

Miguel Juan Bacic (IE) (Presidente)

Angela Araújo (IFCH)

Angelo Trappé (FCM)

Eglé Novaes Teixeira (FEC)

Roberto Teixeira Mendes (FCM)

Mohamed Habib (IB)

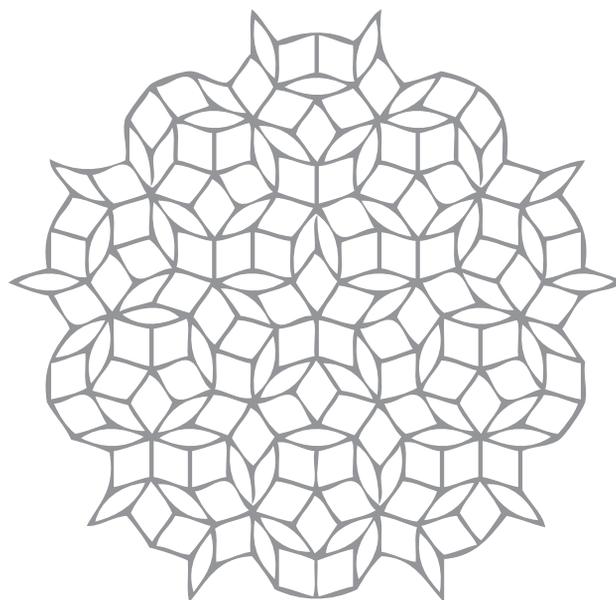
Renato Peixoto Dagnino (IG)

Sônia Giubilei (FE)

Geraldo Giovanni (IE)

Suporte Administrativo

Edison Nucci



Empírica

metodologia de incubação



UNICAMP



PREAC

Pró-Reitoria de Extensão e
Assuntos Comunitários





© **Copyleft: 2009** Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Estadual de Campinas

A re-produção, re-apropriação e re-edição de todo conteúdo para fins não comerciais é livre, desde que citada a fonte e mantida esta nota.

Caderno Empírica / Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Estadual de Campinas , Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários/ UNICAMP – Campinas, SP: Instituto de Economia, 2009.

166 p.

Vários autores.

Inclui Bibliografia.

1. Economia Solidária 2. Cooperativismo 3. Educação Popular 4. Metodologia

I. Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Estadual de Campinas (2009)

CDD - 330.981

C114

ISBN 978-85-86215-60-5

Índice para catálogo sistemático:

1. Economia Solidária: Educação Popular

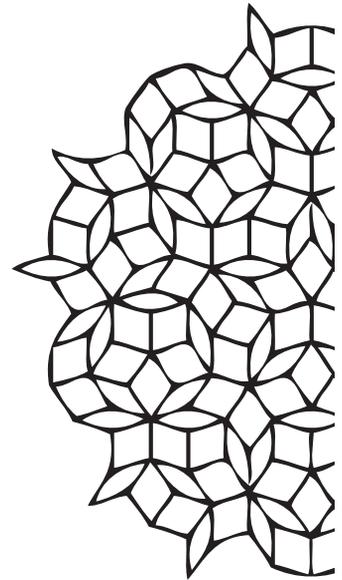
330.981

C114



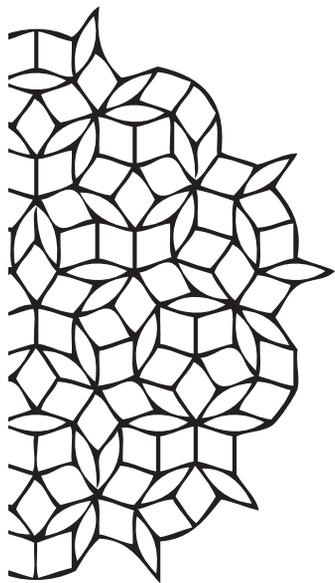


SUMÁRIO



7	APRESENTAÇÃO
7	A ITCP/Unicamp
10	O planejamento multidisciplinar da equipe de incubação
11	O Caderno Empírica
15	OFICINAS E ATIVIDADES
15	Categorias
17	Algumas recomendações
22	Índice e quadro de categorias
24	Oficinas e atividades
149	SUGESTÕES
149	Leituras
156	Filmes
160	CRÉDITOS







APRESENTAÇÃO

A ITCP/UNICAMP

A Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP/UNICAMP) tem buscado, ao longo de sua história, sistematizar e socializar suas experiências de incubação em Empreendimentos Econômicos Solidários¹ (EES). Esse esforço possibilita o acúmulo do conhecimento produzido e contribui para o amadurecimento da Economia Solidária. Nesse processo, a especificidade de uma incubadora universitária é a compreensão da Economia Solidária não apenas enquanto um campo de luta, mas também como um campo acadêmico.

No entanto, a Economia Solidária não pode ser um campo acadêmico tradicional, mas sim um campo que surja da experiência cotidiana de incubação que, ao mesmo tempo em que oxigena a universidade, é também “alimentado” por ela. Deve ser baseado, então, em uma troca constante entre universidade e sociedade, em uma via de mão dupla.

Por sua vez, a universidade deve estar fundamentada no clássico tripé pesquisa-ensino-extensão. E é com o desafio de aliar essas três dimensões acadêmicas que a ITCP/UNICAMP surge, em 2001, como um programa de extensão

¹ Ao longo deste caderno, utilizaremos a palavra “empreendimento” para designar os Empreendimentos Econômicos Solidários (EES).



universitária vinculada à Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários (PREAC). Não surge, no entanto, como uma experiência isolada, mas em consonância com um movimento mais amplo de reação das universidades públicas do país à situação de desemprego que aumentou na década de 1980 e se agravou, consideravelmente, na década de 1990. E como resultado desse movimento histórico, surge a Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares, que conta hoje com mais de 50 incubadoras por todo o país.

A razão de existir da ITCP/UNICAMP é contribuir para o desenvolvimento da Economia Solidária a partir da formação e acompanhamento de Empreendimentos Econômicos Solidários e produzir conhecimento a partir do processo de incubação.

É, precisamente, nesse segundo aspecto que reside a possibilidade e a necessidade de aliar o ensino, a pesquisa e a extensão. O conhecimento produzido a partir (e com) os empreendimentos de Economia Solidária carrega elementos diferentes do conhecimento científico convencional que são necessários à transformação social.

Entendemos que o conhecimento carrega os valores e interesses predominantes no contexto no qual foi desenvolvido e, por isso, não é neutro. Os trabalhadores e trabalhadoras dos Empreendimentos Econômicos Solidários podem ser considerados(as) personagens historicamente excluídos da produção de conhecimento, o que nos permite dizer que é pouco provável que seus valores e interesses estejam presentes na produção acadêmica convencional. Além disso, a Economia Solidária tem como fundamento a autogestão, bandeira histórica dos trabalhadores e das trabalhadoras, que pressupõe não apenas uma maneira alternativa de produzir o sustento, mas também, quando ligada à universidade, de produzir conhecimento.

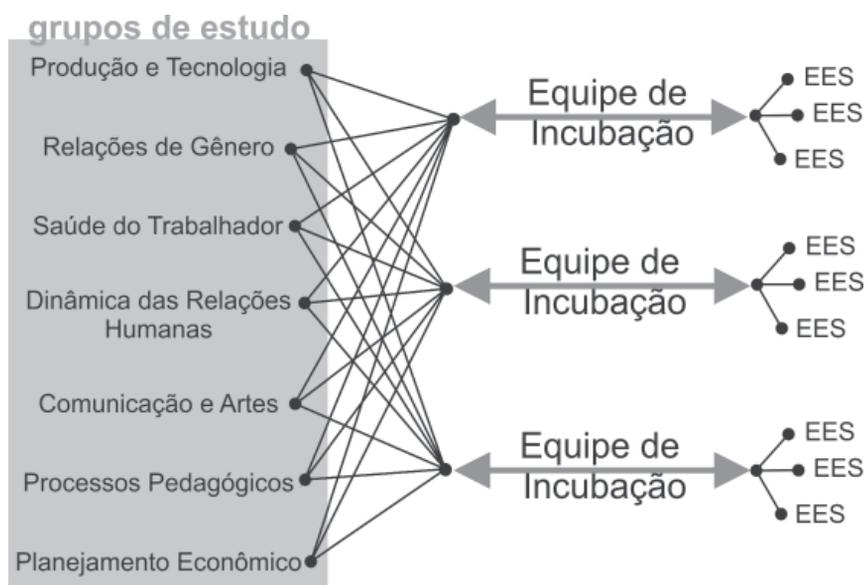
Essa reflexão nos conduz, necessariamente, a uma metodologia de incubação que seja capaz de questionar o conhecimento disponível e reprojeta-lo com a participação direta desses trabalhadores e dessas trabalhadoras. Assim, na incubação estão implícitas outras maneiras de educar, aprender e pesquisar: a Educação Popular e a Pesquisa-Ação.

Este caderno apresenta alguns instrumentos utilizados pela ITCP/UNICAMP durante o processo de incubação junto aos Empreendimentos Econômicos Solidários. Julgamos necessário, para a melhor compreensão das atividades e oficinas descritas, tecer algumas considerações a respeito de nossa metodologia. Isto, porque sabemos que cada incubadora desenvolve uma metodologia muito particular. Certamente, há pontos de cruzamento entre as

metodologias de incubação existentes, porém acreditamos que a história e as áreas de atuação de cada incubadora têm um papel fundamental na definição de uma metodologia. Nesse sentido, dedicamos este tópico à estrutura e metodologia de funcionamento da ITCP/UNICAMP.

A ITCP/UNICAMP está estruturada de maneira a aproximar o estudo e a pesquisa realizados nas mais diversas áreas do conhecimento ao trabalho direto com os Empreendimentos Econômicos Solidários. Essa aproximação tem a finalidade de produzir um saber válido para a transformação da realidade desses empreendimentos.

A figura a seguir ilustra o funcionamento da incubação da ITCP/UNICAMP e os seus dois pólos.



De um lado, temos as diferentes áreas do conhecimento presentes na incubadora na forma de Grupos de Estudo e Pesquisa em Economia Solidária, os GEPES. Do outro lado, temos os Empreendimentos Econômicos Solidários incubados. A equipe de incubação, eixo central das atividades da ITCP/UNICAMP e que trabalha diretamente com os grupos incubados, é formada por uma combinação das áreas do conhecimento que compõem a incubadora. Atualmente, na ITCP/UNICAMP, existem sete áreas do conhecimento,

como mostra a figura. Todo(a) formador(a)² da incubadora está inserido(a) em uma equipe de incubação, na qual exerce sua prática, e em um grupo de estudo, no qual busca referenciais teórico-metodológicos.

Assim, temos grupos de estudo e pesquisa disciplinares que se articulam na incubação dos Empreendimentos Econômicos Solidários em um processo interdisciplinar, formando as equipes de incubação. Isso nos conduz a uma prática registrada, refletida e transformada pela teoria; e a uma teoria “alimentada” e reprojeta da prática.

A incubação é o período durante o qual a equipe de formadores(as) acompanha os grupos que querem tornar-se cooperativas, empreendimentos, associações etc. Esse processo é subdividido em três etapas: pré-incubação, incubação e desincubação. Na primeira etapa, acontece o estudo da realidade do empreendimento a ser incubado à luz de diagnósticos e questões específicas de cada uma das sete áreas de conhecimento da incubadora. A partir desse estudo, é projetado, em conjunto com os trabalhadores e as trabalhadoras, um plano de incubação para cada empreendimento. A segunda etapa consiste na execução do plano e tem, portanto, duração mais longa. É permeada por um intenso trânsito entre os dois pólos ilustrados na figura acima. É nessa etapa que os conhecimentos acadêmicos são colocados à prova, isto é, são utilizados, avaliados e reprojeta dos segundo as condições específicas de cada empreendimento e segundo os princípios da Economia Solidária. Nesse processo, os GEPES atualizam seus debates e experimentam novas formas de intervenção. A última etapa é a finalização da incubação, que deve culminar com a sustentação financeira e o fortalecimento político do empreendimento por meio de sua inserção em redes de Economia Solidária.

O PLANEJAMENTO MULTIDISCIPLINAR DA EQUIPE DE INCUBAÇÃO

A incubação é uma atividade que se desenvolve a partir do cotidiano do empreendimento e, por isso, está sempre sujeita aos contratempos que o empreendimento enfrenta: reunião com parceiros, a produção que não pode parar, problemas de coesão interna etc. Com tudo isso acontecendo, a

² A troca de saberes realizada entre universidade e os grupos incubados reconstrói, constantemente, a maneira de trabalhar da incubadora e por essa razão não se estabelece um padrão para o termo que designa os integrantes da ITCP/UNICAMP. Discutiu-se diversas vezes que termo melhor se adequaria à metodologia proposta: “educadores(as)”, “monitores(as)”, “facilitadores(as)”, “formadores(as)”, entre outros, acabando por se utilizar distintos termos de acordo com os interlocutores ou espaço de atuação. Para facilitar a leitura do Caderno Empírica, resolvemos padronizar o uso do termo “formador(a)” para designar os integrantes da incubadora.

incubação pode se perder em atividades pontuais se a equipe de incubação não conseguir elaborar um plano de atuação no empreendimento. Para minimizar os efeitos desse caráter da incubação, sugerimos fortemente que a equipe de incubação realize o seu planejamento regularmente.

O planejamento deve ser realizado com todos(a) os(as) integrantes da equipe a partir dos problemas previamente levantados e das metas a serem atingidas. Para o levantamento de problemas e necessidades sugerimos algumas atividades de diagnóstico junto aos empreendimentos.

O planejamento irá organizar o trabalho da equipe com os empreendimentos, mas também deve contemplar outras atividades que a equipe realiza. Em um projeto de extensão, é de se esperar que além da incubação a equipe participe de seminários, disciplinas, elabore artigos etc. Essas atividades relacionadas ao trabalho na incubadora devem ser contempladas no planejamento.

No planejamento, deverão constar objetivos, prazos, atividades contínuas de assessoramento aos empreendimentos, atividades pontuais (oficinas e seminários); deverão estar, ainda, discriminadas as frentes em que a equipe atuará como um todo e as frentes de atuação específicas de cada formador(a). No caso da ITCP/UNICAMP, possuímos sete áreas do conhecimento que se articulam em um trabalho interdisciplinar. Assim, a equipe tem um eixo central de atuação, mas cada formador(a) tem atividades específicas de sua área.

Esse planejamento é prévio à elaboração do Plano de Incubação, isto é, o plano de ações construído coletivamente entre equipe de incubação e empreendimento incubado. O planejamento da equipe possibilita a organização necessária para pensar a incubação em longo prazo e, inclusive, promover o planejamento participativo com o empreendimento.

É preciso ressaltar que percebemos os limites da incubação para promover a viabilidade dos empreendimentos. O processo de incubação é um dos fatores que fortalece a Economia Solidária, mas se não houver crédito, infra-estrutura e políticas públicas específicas para o desenvolvimento dos empreendimentos, a incubação, muitas vezes, corre o risco de se tornar pouco efetiva do ponto de vista da viabilidade econômica dos empreendimentos. Mas essa percepção em nada invalida a necessidade do processo de incubação, tanto para os empreendimentos, quanto para a universidade.

O CADERNO EMPÍRICA

Buscamos com o Caderno Empírica sistematizar atividades de incubação da ITCP/UNICAMP desenvolvidas entre os anos de 2005 e 2007 e, assim,

11

consolidar um referencial teórico e prático construído cotidianamente pelos formadores e formadoras, trabalhadores e trabalhadoras. Um caderno de metodologia cumpre o papel de transformar a prática da incubadora em material de estudo para que esse sirva, novamente, de subsídio para a intervenção na realidade. Por isso, partimos do entendimento de que a extensão deve ser refletida e não só praticada. As investigações empíricas devem ser aprofundadas em forma de texto; as ações devem ser planejadas, avaliadas e transformadas, também, em método de trabalho.

E é desta idéia que surge o nome deste caderno de metodologia. As palavras “empírico” ou “empirismo” carregam fortes marcas históricas da tradição filosófica e científica e, atualmente, assumem até mesmo um sentido pejorativo. No entanto, ousamos ressignificar, provocar e mudar seu gênero. Este caderno de metodologias enfatiza uma parte do trabalho da ITCP/UNICAMP que se inspira na prática educativa e cotidiana junto aos empreendimentos, mas traz à tona também outra “perna” do tripé da universidade: a pesquisa. Assim, Empírica reflete a prática, a experiência, a investigação e a ação na relação entre universidade e sociedade que pensadas, analisadas e recriadas, tornam-se uma forma de conhecimento.

Para a elaboração deste Caderno, buscamos relatos de incubação de diversos(as) formadores(as) que trabalharam na ITCP/UNICAMP. Esses textos descritivos são como diários de campo e cumpriram o papel de registrar uma memória educativa dos(as) formadores(as) e trabalhadores(as) transformando-se, agora, em metodologia de trabalho. Em suma, este Caderno de Metodologia consiste em uma coletânea de oficinas e atividades realizadas na prática de incubação da ITCP/UNICAMP.

Cabe ressaltar que muitas destas atividades foram planejadas e pensadas a partir de referências já existentes, utilizando-se de práticas já conhecidas e divulgadas por meio de aulas, oficinas e bibliografia. Por isso, o Caderno Empírica também cumpre o papel de multiplicar instrumentos de educação já conhecidos, mas refletidos, reelaborados e adaptados para o contexto dos Empreendimentos Econômicos Solidários. Por esse motivo, ao final do livro, recomendamos algumas leituras, fonte de muitas reflexões que, direta ou indiretamente, aparecem neste Caderno de Metodologia.

É importante enfatizar que as atividades aqui descritas foram elaboradas a partir da idéia de que a Economia Solidária se fundamenta na autogestão, tanto de formadores e formadoras quanto de trabalhadores e trabalhadoras. Esse princípio e forma de organização perpassam todas as áreas, como gestão, produção e comunicação, e todos os momentos da incubação (diagnóstico, planejamento, execução e avaliação). Portanto, é fundamental que estas atividades contribuam para romper a lógica da educação convencional,

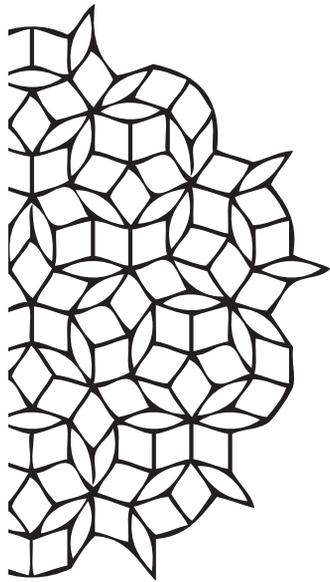


pautada pela centralização da fala, do conhecimento e do poder. São estratégias práticas que buscam favorecer a expressão e a participação de todos os trabalhadores e trabalhadoras de maneira coletiva e autogerida.

Apesar de o Caderno Empírica ser especialmente voltado à realização de atividades em Empreendimentos Econômico Solidários, também o recomendamos para outros espaços educativos. Acreditamos que a organização de instrumentos que auxiliem no processo de educação popular é de fundamental importância, pois educação é muito mais que transmissão de conhecimentos: é diálogo - como diria Paulo Freire -, é comunicação, é troca de saberes, é contato corporal, é sensibilização, é praticar um jogo, uma brincadeira, uma encenação, um texto coletivo, é fazer uma abstração por meio do concreto. Buscamos, pois, com o Empírica oferecer elementos que propiciem outras formas de abordagem e integração junto aos empreendimentos populares.

O material disponível nesta publicação é resultado de projetos realizados com apoio do PRONINC/FINEP, RTS/FINEP e CNPq. E esta publicação só foi possível devido ao apoio do MEC/SESu - PROEXT 2007.





OFICINAS E ATIVIDADES

AS CATEGORIAS

Para facilitar a leitura e utilização do Caderno, as oficinas foram classificadas em categorias. Assim, o(a) leitor(a) pode buscar a oficina que deseja por meio da afinidade com cada uma delas. Segue, abaixo, uma breve explicação sobre cada categoria. Vale lembrar que as oficinas podem ser classificadas em diferentes categorias simultaneamente (o que para nós é desejável e recorrente), dependendo de sua abrangência disciplinar. Após a descrição de cada categoria, você poderá buscar a oficina/atividade desejada no índice com o quadro de categorias (p. 22).



Diagnóstico¹: oficinas e atividades que visam levantar dados quantitativos e qualitativos sobre a realidade do empreendimento, bem como coletivizar essas informações entre todo o grupo, construindo uma base de conhecimento comum sob a qual se organizará o plano de incubação (plano de trabalho tanto da equipe de incubação, quanto do empreendimento). *Oficinas:* 1, 3 à 8 e 11 à 17.

¹ Recomenda-se que as oficinas sejam realizadas nesta ordem: primeiramente, as atividades de “Diagnóstico” e, a partir delas, as atividades de “Planejamento”, seguidas das atividades de Incubação em geral e, por fim, a “Avaliação” de todo processo..



Planejamento: oficinas e atividades realizadas após o diagnóstico nas quais, coletivamente, são projetados objetivos a serem alcançados, bem como caminhos para atingi-los, possibilitando a elaboração de um cronograma de execução. *Oficinas:* 21 e 22.



Avaliação: oficinas e atividades que propiciam a rememoração de um percurso já trilhado pelo empreendimento, a coletivização dos processos ocorridos e a construção de uma memória do grupo visando solucionar problemas e melhorar planejamentos futuros. *Oficina:* 49



Autogestão: oficinas e atividades que visam a formação em autogestão. Essas atividades estimulam a tomada de decisões coletivas a partir da participação em assembleias, espaços de debate; assim como a divisão de tarefas, a rotatividade de funções e a autonomia do grupo. *Oficinas:* 6, 12, 14, 17 a 20, 41, 43 e 45 a 48.



Produção: oficinas e atividades que têm como foco o setor produtivo do empreendimento, entendido desde a recepção de matéria-prima até a comercialização do produto pronto. São oficinas que propiciam a reflexão sobre o fluxo dos produtos, mas também sobre a utilização do espaço, a divisão do trabalho e utilização das máquinas e equipamentos. *Oficinas:* 5, 8, 17, 27, 29, 38, 41, 45 e 46.



Coesão e Conflito: oficinas e atividades que permitem a reflexão sobre os conflitos existentes no empreendimento, buscando respostas para os desafios típicos da autogestão (relação entre os trabalhadores e as trabalhadoras, organização do trabalho, relações de poder etc.). *Oficinas:* 2, 9 à 11, 13, 23 e 47.



Organização Política: oficinas e atividades que envolvem questões relacionadas à compreensão da estrutura do sistema capitalista e da exploração do trabalhador e da trabalhadora para lutar por seus direitos e condições dignas de trabalho. Além disso, incentiva a organização dos trabalhadores e trabalhadoras no movimento de Economia Solidária. *Oficinas:* 3, 12, 23, 26, 33, 42, 44, 46 e 48.



Comunicação: oficinas e atividades para a criação coletiva de materiais de comunicação interna e externa do empreendimento, utilizando a comunicação não só como ferramenta de divulgação do empreendimento, mas também como instrumento de educação popular e organização política. *Oficinas:* 4, 25, 31 à 37 e 44.





Criação e Arte: oficinas e atividades manuais, artesanais e artísticas que visam estimular a criatividade dos trabalhadores e das trabalhadoras por meio do resgate e construção de sua própria identidade artística e cultural. *Oficinas:* 23 e 31 à 40.



Corpo e Saúde: oficinas e atividades que visam o desenvolvimento da consciência corporal dos trabalhadores e das trabalhadoras, prevenindo possíveis implicações específicas do processo produtivo à saúde. *Oficinas:* 24, 27 à 30.



Identidade: oficinas e atividades que contribuem para a construção contínua da identidade do grupo e para o fortalecimento das características que unem os trabalhadores e as trabalhadoras do empreendimento. *Oficinas:* 1, 3, 4, 9 à 11, 13, 25, 26, 31 à 36, 38 à 40 e 42.



Gênero: oficinas e atividades para a promoção e mediação do debate em torno: da divisão sexual do trabalho no âmbito doméstico, no ambiente de trabalho e na esfera pública; do preconceito de gênero, em especial sobre a mulher trabalhadora; e das conseqüências da desigualdade entre os sexos (menores salários, dupla jornada de trabalho etc.). *Oficinas:* 17, 41 e 42.

ALGUMAS RECOMENDAÇÕES

A maior parte das oficinas relatadas no Caderno Empírica aborda temas específicos, que surgiram a partir de uma investigação detalhada das necessidades e problemas de cada empreendimento. No entanto, existem alguns instrumentos de trabalho que são transversais e comuns aos diferentes empreendimentos, que indicamos como sugestões pedagógicas e metodológicas para o trabalho educativo. São os seguintes:

1. É fundamental que a equipe elabore um plano de incubação, instrumento que norteará o trabalho junto aos empreendimentos. Nele, deverão constar objetivos, prazos, atividades contínuas de assessoramento aos empreendimentos, atividades de formação (oficinas e seminários), deverão estar ainda discriminadas as áreas prioritárias em que a equipe atuará como um todo e as frentes de atuação específica de cada formador(a). A construção do plano de incubação deverá ser feita coletivamente com os(as) trabalhadores(as) ou futuros(as) cooperados(as) sempre ao se iniciar o trabalho no empreendimento, ao final de cada cronograma de trabalho, ou quando a equipe e/ou empreendimento demandar uma mudança de planejamento no meio do percurso.

2. Para as atividades de incubação, sempre manter separada uma sacola/caixa/cesta com materiais pedagógicos e didáticos, como: revistas, tesouras, cola, giz de cera, giz branco, canetas coloridas, folhas sulfite. Esses materiais podem ser utilizados como fonte de criação e debate nas mais diversas áreas.

3. É importante montar um banco de imagens, músicas e vídeos para ser utilizado como instrumento pedagógico quando necessário para as oficinas. Por exemplo, na ITCP/UNICAMP foram montadas pastas de arquivo com imagens organizadas por blocos temáticos: "mulher e gênero", "luta da classe trabalhadora", "meio ambiente e recicláveis", "educação e escola" e "desigualdades sociais". As imagens também foram plastificadas para possibilitar seu manuseio e prolongar sua durabilidade.

4. Em empreendimentos com trabalhadores(as) alfabetizados(as), é interessante sugerir que cada um(a) tenha um "caderno do empreendimento" no qual anotar tudo que esteja relacionado às oficinas, reuniões, encontros, reflexões, dúvidas etc. O ideal é que a incubadora forneça esse material.

5. Ao longo do processo de incubação, é importante que sejam desenvolvidas atividades burocráticas junto aos(as) trabalhadores(as), para que se apropriem de instrumentos formais de comunicação, registro e prestação de contas. A idéia é que, em determinado momento, essas atividades sejam desenvolvidas com autonomia total pelos(as) trabalhadores(as). São exemplos de trabalhos burocráticos: criação de agenda de contatos do empreendimento (com telefones de parceiros, órgãos públicos etc.); criação de um livro de atas para as reuniões do empreendimento; prestação de contas e desenvolvimento de meios de circulação das informações, como a criação de um mural de comunicação interna; elaboração de ofícios; protocolamento de documentos na prefeitura (quando, por exemplo, o empreendimento precisar formalizar a solicitação de uma reunião ou necessitar de informações do poder público); agendamento de reuniões com parceiros e com representantes do poder público; entre outras atividades.

6. Incluir no processo de incubação atividades que sejam motivadoras da organização política dos(as) trabalhadores(as), para que eles se apropriem dos instrumentos necessários para reivindicar seus direitos junto ao poder público e se organizem para melhorar suas condições de trabalho. As atividades pedagógicas junto aos empreendimentos também fazem parte de um processo de formação política, de reflexão sobre as relações de trabalho, dificuldades enfrentadas e possibilidades de transformação dessa realidade.

7. Durante as atividades, deve-se incluir momentos lúdicos trazendo outras formas de linguagem que não apenas a oral e abordar temas que extrapolem o cotidiano do empreendimento, preferencialmente, objetivando a formação

política dos(as) trabalhadores(as). Uma das atividades levantadas é a exibição de vídeos seguida de debate com os(as) trabalhadores(as). Ao final da exibição, lançar perguntas, como: "Qual a relação do filme com sua vida? Qual a relação do filme com o cotidiano do empreendimento? Vocês se identificaram com algum momento do filme? Qual? Por quê?".

8. Para ver algumas sugestões de vídeos, consulte a bibliografia (p. 156).

9. Dependendo da atividade a ser realizada, ou do nível de interação entre os(as) trabalhadores(as), é indicada a realização de dinâmicas de "aquecimento" (para o corpo ou para facilitar o entrosamento do grupo), ou jogos de interação, como:

a. **Em roda:** cada um(a) diz o seu nome e uma característica pessoal;

b. **Sons em corrente:** em roda, uma pessoa faz um som, a pessoa seguinte repete o som anterior e soma mais um;

c. **Pessoa com pessoa:** todos(as) andando pelo espaço; Uma pessoa é líder e faz um som, gesto, tipo de passo. As outras a imitam. O líder vai alternando os movimentos até gritar "pessoa com pessoa". Nesse instante, cada um precisa encontrar uma pessoa para abraçar. Quem sobra, torna-se líder. Lógica: o(a) excluído(a) torna-se líder;

d. **Apresentação com palito de fósforo:** em roda, cada pessoa risca um palito de fósforo e tem o tempo da queima do palito para falar o máximo de coisas que conseguir sobre si próprio;

e. **Coral de vogal:** em roda, todos(as) fazem uma marcação de um pulso com os pés para um lado e para o outro (todos simultaneamente) e cada um(a) fala seu nome e, na seqüência, só as vogais de seu nome. Numa segunda rodada, cada um(a) fala novamente as vogais de seu nome colocando-as de forma criativa e musical dentro do pulso do grupo. Todos(as) repetem.

f. **João bobo:** em trios; duas pessoas se posicionam uma de frente para a outra e a terceira no meio a uma distância de meio passo de cada uma das duas. Com os olhos fechados e os braços cruzados sobre o peito (mãos nos ombros), a pessoa que está no meio deixa-se cair pra frente e pra trás com o corpo firme como uma tábua. As duas pessoas, das pontas, conduzem o balançar com suavidade e, depois, troca-se a pessoa do meio. Pode ser feito também com mais pessoas ao redor da que está com os olhos fechados.

g. **Carro:** em duplas; uma pessoa de olhos fechados é o carro, que receberá os comandos e os executará; a outra, de olhos abertos, é o motorista. Os

comandos são: um dedo no meio das costas: andar para frente; dedo no ombro direito: virar para a direita; dedo no ombro esquerdo: virar para esquerda; pegar na nuca: dar ré; apertar a orelha: buzinar. Passeio com os carros por alguns minutos e, depois, quem era motorista vira carro e vice-versa. Orientação importante: não falar durante o jogo. Carro não vê, não fala...

h. **Círculo de nós:** I - Um círculo de pessoas de mãos dadas se emaranham sem soltar as mãos, até todos(as) ficarem bem imobilizados(as), então tentam desfazer o nó ainda sem soltar as mãos. II - De volta ao círculo, uma dupla apenas solta as mãos, transformando o círculo numa corrente; uma pessoa, das duas que estão nas pontas da corrente, será a “agulha” a costurar por entre os(as) demais que vão apenas seguindo o fluxo sem soltar as mãos, até ficarem bem imobilizados(as). Então, aquela primeira dupla procura dar as mãos novamente e todos(as) tentam desfazer os nós, sem soltar as mãos.

i. **Coração do grupo:** todos(as) caminham pelo espaço jogando uma bolinha de mão em mão. Essa bolinha é o coração do grupo, por isso, cada vez que alguém a deixa cair, todos(as) devem se jogar no chão. A regra é jogar a bolinha olhando nos olhos da pessoa que deve recebê-la. Todos(as) devem estar atentos(as) ao “coração” para não deixá-lo cair.

j. **Dinâmica do censo:** consiste em levantar as afinidades e diferenças entre os participantes do grupo a partir de uma brincadeira. Para realizar a dinâmica, os(as) trabalhadores(as) devem ficar de pé no centro da sala e dois/duas mediadores(as), posicionados(as) cada um(a) em uma extremidade do recinto, terão em mãos uma lista de características que podem unir ou separar estes(as) trabalhadores(as). A idéia é que os(as) mediadores(as) anunciem estas características e peçam para que as pessoas que atendem a estas características dirijam-se para um lado e as que não atendem, para o outro lado. Por exemplo: "Quem é homem? Quem é mulher?" Após alguns segundos de polarização o grupo volta a se reunir no centro. "Quem já participou de algum movimento social? Quem não participou? Quem possui casa própria? Quem não possui?". E assim por diante. Ao final da atividade, o grupo terá um “censo” do grupo. É interessante que o(a) mediador(a) anote esses números do “censo” para apresentá-los ao final da atividade.

10. Ao final das atividades, é interessante realizar um espaço de avaliação para a crítica do que foi planejado e realizado. Uma sugestão de avaliação coletiva consiste em passar um objeto com as pessoas organizadas em roda: quem estiver com o objeto estará com a palavra e deve completar, oralmente, três frases: “Eu elogio...”, “Eu critico...”, “Eu proponho...”, relacionadas à oficina realizada. Durante as falas, é importante que o(a) formador(a) anote as críticas



e sugestões para uma posterior avaliação. Esta atividade é uma adaptação do método de avaliação coletiva de Freinet em que, originalmente, sugere-se a utilização das seguintes frases: “Eu felicito...”, “Eu critico...”, “Eu proponho” (Ver bibliografia).

11. Ao final da incubação, é fundamental elaborar o registro das atividades desenvolvidas. Esse pode ser feito de maneira bem detalhada, como um diário de campo, ou de maneira mais sucinta, como o que foi exposto neste caderno. Antes de registrar, é importante discutir para quem registrar e, a partir disso, escolher um modelo de registro.



ÍNDICE DE OFICINAS E ATIVIDADES

Oficinas	Categorias										página		
	Diagnóstico	Planejamento	Avaliação	Auto-gestão	Organização Política	Corpo e Saúde	Comunicação	Criação e Arte	Produção	Gênero		Coesão e conflito	Identidade
1	Construção e diagnóstico da identidade coletiva												24
2	Entrevistando o problema												26
3	Linha do tempo - Nosso lugar na História												28
4	Diagnóstico de Comunicação Externa												30
5	O caminho da Produção												32
6	Produção e (des)alienação												34
7	Observando o processo produtivo												38
8	Um dia de trabalho no empreendimento												42
9	Dinâmica do quebra-cabeça												44
10	Dinâmica da Teia												46
11	Expectativas em relação ao empreendimento												48
12	Oficina de bolas												50
13	Cultivando a empreendimento												52
14	Organograma												54
15	Entrevistas para conhecer o empreendimento												56
16	Mapa Cognitivo												59
17	Mãos que trabalham												61
18	Fazendo as contas com o empreendimento												63
19	Organização de uma assembléia												66
20	Preparação para assembléia eleitoral												69
21	Que caminho trilhar												71
22	Jogo objetivos e obstáculos												75
23	Teatro do Oprimido												78
24	Sexualidade												81
25	Como apresentar o empreendimento à sociedade?												83
26	O cooperativismo e a minha história												86

Oficinas		Categorias										página			
		Diagnóstico	Planejamento	Avaliação	Auto-gestão	Organização Política	Corpo e Saúde	Comunicação	Criação e Arte	Produção	Gênero		Coesão e conflito	Identidade	
27	Equipamentos de Proteção Individual (EPIs)						+			⊗					88
28	Oficina de alongamento						+								90
29	Perigos do Lixo						+			⊗					92
30	Massagem em duplas						+								97
31	Comunicação visual								📢	💡				👤	98
32	Ensaio fotográfico e auto-imagem dos(as) trabalhadores(as)								📢	💡				👤	103
33	Fotografia e história de vida					👤			📢	💡				👤	105
34	Fotografia e memória do empreendimento								📢	💡				👤	107
35	Nome e identidade visual								📢	💡				👤	109
36	Produção Coletiva de Video								📢	💡				👤	111
37	Comunicação popular: Oficina das três linguagens								📢	💡					115
38	Desenvolvimento de Produto e Identidade									💡	⊗			👤	117
39	O Manto da Minha História									💡				👤	119
40	O uso da cor e a paleta de cores do empreendimento									💡				👤	122
41	O que é ser homem e ser mulher? O gênero na linha de produção				○						⊗	♀			125
42	Gênero e identidade no trabalho em empreendimentos populares					👤						♀		👤	128
43	Para que serve um regimento?				○										130
44	Descrição Oral de uma Imagem					👤			📢						133
45	Debate sobre filme Tempos Modernos				○	👤					⊗				135
46	Dinâmica da Fábrica Capitalista				○	👤					⊗				137
47	Situações Problema e papéis da Coordenadoria				○								👤		140
48	Os princípios do cooperativismo				○	👤									144
49	Avaliação das atividades			✓											146



CATEGORIAS

diagnóstico
identidade

DURAÇÃO

2 horas

MATERIAL NECESSÁRIO

- papel pardo;
- fita adesiva;
- pincéis atômicos.

Construção e diagnóstico da identidade coletiva

OBJETIVOS

- Trabalhar a identidade individual e a identidade coletiva do empreendimento;
- Promover a socialização entre os(as) trabalhadores(as).

INTRODUÇÃO

A identidade coletiva de um empreendimento nem sempre é percebida pelo grupo de trabalhadores(as). Essa oficina tem como objetivo levantar elementos da identidade individual dos(as) trabalhadores(as) e características do empreendimento e, com isso, fomentar a construção coletiva da identidade do empreendimento.

DESCRIÇÃO/ROTEIRO DA ATIVIDADE

Dividir o grupo em duplas. Nessas duplas, as pessoas conversam sobre si mesmas, procurando obter o máximo possível de informações sobre cada uma.

Colocar, na parede, os dois cartazes preparados previamente, um com título de características socioculturais e o outro características subjetivas.

Juntar novamente o grupo e formar um duplo círculo: um interno, formado por uma pessoa de cada dupla, e um externo, formado pelas outras pessoas de cada dupla.

As pessoas que estão atrás apresentam as que estão na frente, falando tudo que conseguiram absorver da primeira conversa. Quem está sendo apresentado fica em silêncio.

Um dos(as) formadores(as) deve ficar responsável por anotar as principais informações de cada apresentação, distribuindo-as pelos dois cartazes:

- Aspectos socioculturais: sexo e sexualidade, estado civil, profissão, estado ou cidade de origem, se possui filhos ou não,

participação em movimentos sociais, etnia, com qual atividade do seu cotidiano mais se identifica etc.

- Aspectos subjetivos: características da personalidade, negativas e positivas.

As apresentações prosseguem até que todas as pessoas do círculo interno tenham sido apresentadas. Então, troca-se de lugar (quem estava no círculo interno passa para o externo e vice-versa) e repete-se o processo até que todas as pessoas tenham sido apresentadas.

Ao final, apresentam-se os quadros, chamando a atenção para os elementos socioculturais comuns ao grupo, que confirmam o perfil do grupo, e para as semelhanças e diferenças existentes em cada um dos quadros. Estimular o debate: refletir se há pontos de identidade entre os indivíduos do grupo. Quais? Caso concluam que “não há identidade”, como expressar a união desses indivíduos em uma identidade para o grupo?

ENCERRAMENTO

Essa atividade busca trazer à tona elementos comuns que nem sempre são percebidos pelo empreendimento (e pela própria equipe de incubação). Por isso, ela deve ser permeada por um intenso debate entre os(as) trabalhadores(as). No entanto, no momento dos comentários sobre semelhanças e diferenças socioculturais e subjetivas, é preciso atenção no modo de trabalhá-las, já que os dados socioculturais fornecem o contexto social em que as pessoas se constituem, enquanto que dados subjetivos constituem a individualidade de cada um.

Um dos pontos que valem a pena um destaque são as características subjetivas mais específicas de homens e mulheres em nossa cultura, reforçando o seu caráter de construção sócio-histórica e relacionando-as aos dados socioculturais. No entanto, a equipe de incubação deve avaliar, caso a caso, a importância desse destaque.

Além disso, a equipe de incubação deve ser cuidadosa para não homogeneizar as individualidades e a história pessoal dos(as) participantes.



CATEGORIAS

coesão e conflito

DURAÇÃO

1 hora

MATERIAL NECESSÁRIO

- microfone de brinquedo ou objeto que simbolize um microfone.

Entrevistando o problema

OBJETIVO

Aprofundar o debate sobre um problema enfrentado pelo empreendimento, que não é discutido nos espaços coletivos.

INTRODUÇÃO

Em grupos é comum a existência de problemas latentes, ou seja, que não são explicitados objetivamente. Essa oficina enfrenta essa questão de forma lúdica e descontraída, valendo-se do recurso da teatralização. É necessário que a equipe de incubação tenha conhecimento prévio sobre o empreendimento e sensibilidade para escolher um dos problemas latentes.

Sugestão de atividades para listar os problemas: **Mapa Cognitivo (p.59)** ou **Entrevistas para conhecer o empreendimento (p. 56)**.

DESCRIÇÃO/ROTEIRO DA ATIVIDADE

Etapa 1 - Apresentando o microfone.

Deve-se introduzir a atividade chegando ao empreendimento com o microfone na mão, entrevistando os(as) trabalhadores(as), apenas para descontrair. Perguntar qual o maior problema do empreendimento, as causas desse problema, quem mais acha isso etc. Em seguida, deve-se fazer a apresentação da oficina.

Etapa 2 - Quem será o problema?

Reunir os(as) trabalhadores(as) e apresentar o problema. O objetivo é colocar o problema em debate entre os trabalhadores(as) e, juntos, descobrir suas causas e possíveis soluções. Nesse momento, deve ser escolhida uma pessoa para representar o problema, transformando o problema em personagem. Exemplo: A partir de agora João chama-se "atraso".



Etapa 3 - Entrevistando o problema.

Todos(as) os(as) outros(as) trabalhadores(as) e os(as) formadores(as) podem pegar o microfone para entrevistar o problema. Apenas quem está segurando o microfone pode falar. As perguntas podem ser: “ ‘Atraso’, por que você está aqui hoje? Qual seu principal objetivo? Por que você existe? Como eu faço para me livrar de você?”. E, por aí, vai...

Enquanto a atividade acontece, um(a) formador(a) deve anotar as questões levantadas.

ENCERRAMENTO

Após a atividade, fazer uma conversa sobre as principais questões levantadas, estimulando os(as) trabalhadores(as) a relembrem as informações e, caso se perceba que informações interessantes não foram citadas, lembrá-las. Após o debate, buscar maneiras de resolver o problema.





CATEGORIAS

diagnóstico
identidade
org. política

DURAÇÃO

2 horas

MATERIAL NECESSÁRIO

- papel pardo;
- pincéis atômicos;
- fotos do empreendimento;
- imagens relacionadas ao trabalho do empreendimento.

Linha do tempo – nosso lugar na história

OBJETIVOS

- Fortalecer a identidade do grupo;
- Resgatar a história do empreendimento;
- Relacionar fatos históricos com a história do empreendimento;
- Contribuir para a consciência de sujeito histórico de trabalhadores(as).

INTRODUÇÃO

Essa oficina é um importante instrumento de Educação Popular na medida em que possibilita que a história de vida dos(as) trabalhadores(as) dialogue com a história oficial, podendo contribuir para consciência do fazer histórico da classe trabalhadora. A intenção é mostrar que cada um(a) tem uma história singular, mas que é semelhante à história de muitas outras pessoas e que essas histórias de vida fazem parte de uma história maior, que é a história do país em que vivem, mostrando que os fatores que levam determinadas pessoas a uma situação de pobreza ou desemprego não são conseqüências, apenas, de sua história de vida, mas de um contexto mais amplo, político, social e econômico.

Para se aproximar desse desafio, a equipe de incubação deve se preparar para essa atividade. Deve resgatar a história da região em que o empreendimento está inserido bem como fatos importantes da recente história da Economia Solidária e saber relacioná-los com outros fatos socioeconômicos marcantes da história do Brasil (mecanização do campo, êxodo rural, industrialização, desemprego, surgimento dos centros urbanos, arrocho populacional das grandes cidades, desemprego, aumento dos(as) trabalhadores(as) informais, empreendimentos como alternativa de trabalho a uma população sem alternativa de emprego/trabalho), que, de certa forma, associem-se com a história de vida dos(as) trabalhadores(as). A partir desse estudo prévio, a equipe de incubação poderá propor um recorte temporal, bem como elencar alguns elementos-chave a serem observados ao longo da história do empreendimento como, por exemplo, a variação das retiradas,

variação do número de trabalhadores(as). Em geral a rememoração coletiva da história do empreendimento acontece de forma desordenada, fala quem sente vontade, por isso, a equipe de incubação deverá estar atenta em relação a quem aparecerá como porta-voz da história do grupo e se existem divergências em relação a esta (todos relatam? Mulheres relatam? Somente lideranças se pronunciam? E os idosos?).

DESCRIÇÃO/ROTEIRO DA ATIVIDADE

Etapa 1 - Afixar um cartaz com a linha do tempo (em branco) com recorte temporal na parede e apresentar a proposta ao empreendimento bem como alguns elementos-chave que devem aparecer nos relatos de cada período. Em alguns empreendimentos foi utilizada a expressão "túnel do tempo" para explicitar a intenção da atividade. Os elementos-chave podem ser representados por figuras.

Perguntar pelo ano de fundação do empreendimento e registrar.

Etapa 2 - Perguntar pelas condições que possibilitaram a fundação. Como o grupo se formou? Quem já estava no grupo? Onde essas pessoas trabalhavam antes? O grupo obteve apoio externo? Se possível, relacionar esses elementos com fatos da história recente. Fotos, reportagens e outros registros podem ser fixados na linha do tempo ou podem ser utilizados como disparadores de memória (depende do planejamento prévio da equipe de incubação).

Etapa 3 - Avançar da mesma forma na construção da linha do tempo relacionando histórias de vida, história do empreendimento e fatos da história recente. Essa atividade é complementar à oficina **Cooperativismo e a minha história** (p. 86).

ENCERRAMENTO

Ao final, trabalhadores(as) poderão se manifestar sobre o significado da atividade. A equipe de incubação também poderá se manifestar em relação ao aprendizado adquirido com as histórias de vida e do empreendimento. É interessante que a linha do tempo permaneça exposta no empreendimento por algum tempo, pois poderá ser utilizada em oficinas futuras ou complementada.

ANEXOS



Figura: Exemplo de linha do tempo.



CATEGORIAS

diagnóstico
comunicação
identidade

DURAÇÃO

1h30min

MATERIAL NECESSÁRIO

- exemplos de materiais de divulgação (folder, folhetos, cartão);
- folha sulfite;
- canetas coloridas;
- lápis de cor;
- papel pardo;
- pincéis atômicos.

Diagnóstico de comunicação externa

OBJETIVOS

- Avaliar a divulgação do empreendimento;
- Levantar suas principais necessidades de comunicação externa;
- Encaminhar a elaboração dos materiais de divulgação.

INTRODUÇÃO

Todo empreendimento precisa de um planejamento de comunicação externa para divulgar seu trabalho, estabelecer um diálogo com a sociedade e dar visibilidade aos produtos ou serviços prestados. No entanto, o processo de elaboração dos materiais de divulgação de um empreendimento popular deve ser feito de maneira coletiva, envolvendo formadores(as) e trabalhadores(as), e resultado de um debate sobre a identidade do grupo. A idéia é que o processo seja permeado de reflexões sobre as imagens e textos que melhor representam o empreendimento e que, em determinado momento, os(as) trabalhadores(as) se apropriem das principais ferramentas necessárias à elaboração desses materiais. Para aprofundar este tema, esta atividade pode ser antecedida pela oficina **Nome e identidade visual (p. 109)**.

DESCRIÇÃO/ROTEIRO DA ATIVIDADE

Etapa 1 - Reflexão sobre a identidade visual. Fazer questões para o grupo sobre sua identidade visual e idéias que devem ser associadas ao empreendimento na divulgação, como, por exemplo:

- Como foi o processo (debates, história, idéias, imagens) que fez com que o grupo definisse o nome do empreendimento? E a logomarca? Após o relato do grupo, os(as) formadores(as) também podem fazer relatos de experiências da incubadora com outros empreendimentos.
- O nome e a logomarca representam o empreendimento? Quais as idéias principais que devem ser veiculadas na divulgação sobre o grupo (identidade do grupo, do produto,



do cooperativismo etc.). A arte feita para e com o empreendimento deve ser alterada? Como deve ser a nova arte? Rascunhar em papel pardo ou lousa.

Nesse momento, também pode ser discutida a imagem do empreendimento perante a sociedade: como as diferentes instituições (bairro, entorno, prefeitura, clientes, fornecedores etc.) vêem o empreendimento? Qual seria a imagem ideal do empreendimento que gostaríamos de passar? Como mostrar esta imagem para as outras pessoas?

Etapa 2 – Análise da comunicação externa do empreendimento. Iniciar outro debate junto aos(as) trabalhadores(as) sobre a situação da divulgação do empreendimento. As seguintes questões podem ser levantadas:

- a) Qual é a divulgação atual do empreendimento (panfletos, cartões de visita, aparições nos meios de comunicação, faixa, informações na fachada etc.)?
- b) Qual deve ser a divulgação do empreendimento?

Etapa 3 – Encaminhamentos sobre a elaboração de materiais. Levantar os possíveis materiais de divulgação que podem ser feitos pelo empreendimento e as prioridades: panfleto, faixa ou “banner” para colocar em frente ao local do empreendimento, anúncio em jornal comunitário (impresso ou rádio), cartão de visita, assessoria de imprensa ao se lançar um novo produto ou em decorrência de algum fato político etc.

Após o levantamento, decidir coletivamente o que é mais urgente para a divulgação do empreendimento, levando em consideração a viabilidade de produção dos materiais gráficos sugeridos. As seguintes perguntas podem ajudar no debate: "Qual a possibilidade dos materiais serem produzidos? Quanto o empreendimento pode investir?" Dividir tarefas entre os(as) trabalhadores(as), como, por exemplo: contato com os jornais e rádios comunitárias, levantamento de diferentes orçamentos de gráficas, possíveis apoiadores (um exemplo: às vezes, a gráfica apóia em troca de colocar o logotipo no material), elaboração dos materiais (que podem ser diagramados ou feitos manualmente, com técnicas de colagem ou fanzine).

ENCERRAMENTO

A partir das idéias sugeridas e das possibilidades de viabilizar os materiais, fazer exercícios imaginativos sobre a diagramação dos materiais, registrando as idéias em papel pardo ou lousa. Estes exercícios iniciais serão utilizados para a produção final dos materiais, que podem ser diagramados ou feitos manualmente. Para dar continuidade a este processo, recomenda-se planejar a oficina **Comunicação visual (p. 98)**.





CATEGORIAS

diagnóstico
produção

DURAÇÃO

3 horas

MATERIAL NECESSÁRIO

- sucatas, isopor e o que puder ser utilizado para reproduzir o empreendimento;
- folhas sulfite;
- cartolina;
- canetinha;
- tesoura;
- cola;
- tinta.

O caminho da produção

OBJETIVO

Fomentar a compreensão coletiva da divisão do trabalho no empreendimento, das diferentes tarefas executadas e da interação entre elas a partir da geografia do terreno ou da organização do espaço de trabalho do empreendimento e de seus equipamentos.

INTRODUÇÃO

A oficina trabalha a relação entre o espaço utilizado pelo empreendimento e a organização da produção. Para isso, está organizada em três etapas: a elaboração de uma maquete do empreendimento, o desenho dessa maquete pelos(as) trabalhadores(as) e posterior socialização dos desenhos para o coletivo. Existem diversas maneiras de fomentar a compreensão da produção como um todo. Relacionar a produção com o espaço é umas delas. Especificamente, a construção da maquete, a elaboração e socialização dos desenhos têm a vantagem de trazer esse debate para o concreto e proporcionar a apropriação coletiva da organização da produção.

DESCRIÇÃO/ROTEIRO DA ATIVIDADE

Etapa 1 – Montagem da maquete. Para discutir o espaço utilizado pelo empreendimento e sua organização, propor a montagem coletiva de uma maquete do empreendimento com o objetivo de visualizar concretamente a produção.

Alguns pequenos materiais e sucatas podem ser utilizados para representar os equipamentos do empreendimento. Juntamente com os(as) trabalhadores(as), esses objetos são, então, posicionados na maquete. Fala-se da produção do material (ou do “caminho do material”) desde a matéria-prima até sua produção final. Pode-se relatar “o caminho do material” da forma como a equipe de incubação observou e os trabalhadores e as trabalhadoras podem complementar ou corrigir algumas informações.

Etapa 2 – Desenho individual. Desenho individual com base na maquete (mapa mental). Inspirados(as) por este primeiro momento coletivo (de montagem da maquete), os trabalhadores e as trabalhadoras são convidados(as) a fazer um desenho individual representando a maquete e o que foi discutido sobre ela.

Além de um desenho individual, outra possibilidade de atividade, nesse momento, é a elaboração de um fluxograma coletivo da produção. O fluxograma pode servir de base para outras oficinas e para o levantamento dos problemas a serem enfrentados na produção.

Etapa 3 – Socialização dos desenhos. Cada trabalhador(a) mostra seu desenho para o coletivo e explica, se quiser, suas representações. Nesse momento, é importante atentar para as diferenças na reprodução do caminho da produção feita pelas diferentes pessoas e as diferentes funções exercidas no empreendimento. Por meio das diferenças, omissões ou supervalorização de diferentes funções, ou espaços, nas representações feitas pelos(as) trabalhadores(as), é possível levantar elementos relacionados a problemas que o empreendimento enfrenta, como a pouca valorização do trabalho de alguma pessoa, ou em relação à produção de maneira geral (etapas, tempo de cada tarefa etc.).

Observação: Esta atividade foi realizada na cooperativa Tatuapé, uma cooperativa de separação de resíduos de construção que tem um espaço de trabalho muito grande. Neste exemplo, a pessoa que trabalhava na portaria do empreendimento desenhou uma portaria enorme, cheia de detalhes (janela, cancela, porta) e o restante da produção pequeno e simplificado. Os outros desenhos, dos(as) trabalhadores(as) que trabalhavam na separação do material mostravam uma série de outros detalhes. Posteriormente, na exposição coletiva, os desenhos foram trocados entre esta trabalhadora que ficava na portaria, que não entendia completamente o restante do trabalho, e os(as) trabalhadores(as) da produção, que também compreenderam melhor o trabalho da portaria.

ENCERRAMENTO

Avaliar a atividade; levantar os problemas encontrados na produção (incluindo as diferentes tarefas realizadas, quem executa cada uma, a organização do espaço, o fluxo dos materiais e pessoas, questões relacionadas à saúde dos(as) trabalhadores(as) e outros pontos que podem aparecer), discutir esses problemas para buscar soluções coletivamente.

Em alguns grupos, esse debate pode servir como um diagnóstico da produção. Por isso, se os problemas forem muito complexos, pode-se encerrar essa oficina com a realização de um planejamento para a reorganização da produção. Nesse planejamento, é importante levantar coletivamente quais são os problemas encontrados, quais problemas o empreendimento pode resolver sozinho (e, então, dividir tarefas entre os(as) trabalhadores(as) e a equipe de incubação) e quais problemas o empreendimento não pode (e, para esses, traçar estratégias para tentar resolvê-los com ajuda de parceiros). A oficina **Produção e (des) alienação (p. 34)** pode ser utilizada para realizar esse planejamento.



CATEGORIAS

diagnóstico
produção
autogestão

DURAÇÃO

2 encontros
de 2 horas

MATERIAL NECESSÁRIO

- televisão;
- aparelho de DVD;
- papel pardo;
- pincéis atômicos;
- figuras (descritas na atividade).

Produção e (des)alienação

OBJETIVOS

- Promover o conhecimento global do processo produtivo e da dependência entre as etapas da produção e entre as atividades realizadas por cada trabalhador(a);
- Discutir a alienação do trabalho e a autogestão na produção;
- Elaborar um diagnóstico coletivo do processo produtivo (descrição, levantamento de problemas e etapas críticas).

INTRODUÇÃO

Essa oficina tem como objetivo fomentar a solução dos problemas na produção do empreendimento de maneira coletiva. Isso requer uma sensibilização dos(as) trabalhadores(as) sobre o modo convencional de organizar a produção. A oficina parte do entendimento de que o trabalho, como é realizado no modo capitalista de produção, tenta reduzir ao máximo o controle do(a) trabalhador(a) sobre as tarefas realizadas e sobre a produção como um todo. O trabalho é cada vez mais subdividido em tarefas extremamente simples e, com isso, o(a) trabalhador(a) perde a capacidade de relacionar essas tarefas com o processo produtivo como um todo e com o produto final. Além disso, a gerência no trabalho (representada na figura do patrão, do gerente de produção ou do engenheiro) passa a ser indispensável para o funcionamento do processo produtivo. Isso gera, além de uma desmotivação do(a) trabalhador(a), uma tendência claramente contrária à autogestão. Pensando nisso, a oficina se fundamenta na busca da autogestão na produção por meio da *desalienação* do(a) trabalhador(a).

DESCRIÇÃO/ROTEIRO DA ATIVIDADE

Etapa 1 – Sensibilização. a) Dinâmica da “linha de produção”. Escolher alguns voluntários para comporem a linha, que encenarão, para os demais, uma linha de produção genérica (trabalhadores(as) em uma esteira de transporte, por exemplo). É preciso eleger um produto para ser produzido, por exemplo, sapatos, que poderão ser representados por papéis. A linha terá alguns problemas que poderão ser combinados

previamente ou não (velocidade muito alta ou muito baixa, falta de pessoas para realizar uma tarefa mais demorada, falta de padronização dos produtos, falta de instrumentos adequados etc.). Em determinado momento, a linha deve ser “congelada” e o grupo poderá sugerir alterações para melhorar a produção. Essa etapa pode ser repetida. Os problemas levantados nessa etapa devem ser anotados e usados nas etapas seguintes.

Atividade semelhante à **Dinâmica da fábrica capitalista (p. 137)**.

b) Realizar a atividade **Debate sobre o filme ‘Tempos Modernos’**, descrita na p. 135.

c) Discussão sobre as duas atividades anteriores. A partir das questões levantadas pelos(as) trabalhadores(as) na dinâmica da “linha de produção” e no debate do filme “Tempos Modernos”, discutir a realidade da organização do trabalho naquele empreendimento:

- Quais são as tarefas realizadas?
- Qual a relação entre as tarefas realizadas?
- Quem toma as decisões sobre como será o trabalho em um empreendimento autogerido e em uma empresa convencional?
- Quem decide em que velocidade será realizado o trabalho?
- Quem decide o que é produzido pelo empreendimento e como será produzido?
- Qual é o padrão de qualidade do produto? Como deveria ser?
- Como o empreendimento se organiza para executar diferentes tarefas?
- Como pessoas com habilidades diferentes executam tarefas semelhantes?
- Como é a organização coletiva do processo produtivo?

Embora todos esses pontos possam ser discutidos, o debate deve ser solto e fluir a partir das inquietações que o grupo trouxe no momento. Por isso, as perguntas são apenas sugestões. O importante é discutir essas questões para, então, realizar a próxima etapa da oficina.

Etapa 2 – Diagnóstico e priorização de problemas. Após discutir os problemas na produção de um empreendimento, é fundamental canalizar essa discussão para um planejamento que vise à solução dos problemas levantados. Se o contato com o empreendimento for recente e a produção ainda desconhecida, sugerimos a elaboração da oficina **Entrevistas para conhecer o empreendimento (p. 56)**.

a) Fluxograma da produção: desenhar um fluxograma da produção do empreendimento em papel pardo com as principais etapas do processo produtivo (em tamanho que todos(as) possam ver). Isso deve ser feito coletivamente, por meio de perguntas, como: “Quais são as principais tarefas do empreendimento? Em



que ordem são realizadas?”. Em seguida, desmembrar o esquema em etapas para o trabalho em subgrupos.

b) O coletivo do empreendimento deve ser subdividido e cada grupo deverá detalhar uma etapa de acordo com cinco parâmetros: pessoas (quem faz essa atividade, como faz, quem sabe fazer); tempo (quanto tempo gasta, qual a frequência, a que hora do dia é realizada); parâmetros de padronização do produto (peso, medidas, qualidade etc.); ferramentas e equipamentos usados; fluxo (o que entra e o que sai de cada etapa). Esses parâmetros podem ser adaptados.

Observação: os grupos podem ter de 4 a 5 pessoas; verifique se há algum(a) trabalhador(a) que sabe escrever em cada grupo; caso não haja, colocar um(a) formador(a) em cada grupo para registrar a atividade.

Esta oficina foi realizada com um empreendimento de triagem de material reciclável e as etapas enumeradas foram: pátio (recepção do material); mesa (triagem do material); plástico (segunda etapa de triagem, mas específica para os diferentes tipos de plástico); prensagem e armazenamento. Esses parâmetros também foram pensados para essas etapas. Repare que os termos utilizados não precisam ser os termos técnicos. Se os(as) trabalhadores(as) chamam a recepção de pátio, essa será a maneira mais eficaz de comunicação. Isso não significa que os termos técnicos não devam ser utilizados, eles podem e devem ser explicados durante a atividade.

Cada subgrupo elabora um cartaz com as informações levantadas.

c) Apresentação das etapas pelos subgrupos, evidenciando os problemas. Aqui as descrições de cada etapa podem ser complementadas pelos outros grupos. É nessa etapa que o diagnóstico coletivo do processo produtivo fica pronto, por isso há a necessidade de um registro detalhado da apresentação dos grupos e das complementações feitas pelo coletivo. Terminada as apresentações, são levantados os principais problemas na produção e, se possível, elaborado um planejamento para a solução dos mesmos.

ENCERRAMENTO

Nesta atividade, é importante sempre juntar os problemas técnicos da produção com os problemas de gestão e outros problemas enfrentados pelo empreendimento, porque, muitas vezes, esses problemas estão fortemente relacionados tornando inviável resolver um sem refletir sobre o outro. Muitas questões de gestão (concentração de poder, relações desiguais de gênero) materializam-se no dia-a-dia da produção.

Além disso, é importante separar os problemas que podem ser enfrentados pelo próprio empreendimento (relacionados à autogestão da produção) e os que demandam a busca de parceiros (geralmente, infra-estrutura para o





trabalho). E o planejamento deve dar conta de buscar soluções para ambos os tipos de problemas.





CATEGORIAS

diagnóstico
produção

DURAÇÃO

2 horas

MATERIAL NECESSÁRIO

- trena;
- prancheta;
- caneta;
- folhas sulfite.

Observando o processo produtivo

OBJETIVO

Elaborar um diagnóstico detalhado do setor produtivo de um empreendimento de triagem de resíduos sólidos.

INTRODUÇÃO

A produção tem, ou deveria ter, papel fundamental na incubação, pois é onde se estabelecem conflitos e contradições muitas vezes “naturalizados”. A produção se relaciona profundamente (mas nem sempre de maneira evidente) com a gestão do empreendimento, as relações de gênero, a saúde do(a) trabalhador(a), a comunicação, a viabilidade econômica etc.

O diagnóstico sugerido consiste em um roteiro de questões a ser utilizado pelo(a) formador(a) durante a observação e sistematização das informações coletadas sobre o processo produtivo do empreendimento. Esse roteiro foi construído especificamente para a temática Resíduos Sólidos.

DESCRIÇÃO/ROTEIRO DA ATIVIDADE

Etapa 1

Observação do processo produtivo do empreendimento. Sugerimos que a observação seja feita segundo o roteiro a seguir (que deve ser adaptado para a realidade dos empreendimentos).

a) “Layout” da cooperativa

Desenho esquemático da disposição das máquinas e da divisão dos espaços de trabalho.

Desenho do caminho dos resíduos dentro da cooperativa, da recepção à comercialização.

Desenho da alocação dos(as) cooperados(as) na cooperativa.

A partir dessa sistematização, o objetivo é detalhar cada etapa da produção. Além desse detalhamento, levantamos algumas



questões pertinentes à produção como um todo.

b) Recepção/coleta

Quem faz a coleta?

Qual a origem dos resíduos? (residencial, industrial, comercial etc.).

Se coleta própria, a prefeitura paga por isso? Quanto?

Se coleta própria, como é dividida a tarefa? Como é o uso do veículo/carrinho?

Com qual(is) veículo(s) os materiais são coletados?

O que fazem com rejeito?

c) Pesagem

Quem faz?

Quantas pessoas estão aptas a fazer? O que acontece se essas pessoas faltam?

Em quais etapas é feita a pesagem?

Quantas balanças existem?

É feito o registro dos materiais pesados? Se sim, como?

d) Triagem

Existe algum tipo de pré-triagem?

Quem faz?

Quantas pessoas estão aptas a fazer? O que acontece se essas pessoas faltam?

Onde é feita? Como é feita (mesa, esteira)? (se existir pré-triagem, repetir).

Se feita em esteira, como se dá seu funcionamento?

Quais resíduos são triados pela cooperativa?

Existe dificuldade na triagem de algum resíduo? Qual? Como o empreendimento age com relação a essa dificuldade?

Os resíduos são triados todos da mesma maneira ou existe diferença? Por quê?

Qual o destino do rejeito nesta etapa?

Como são armazenados os materiais triados?

f) Prensagem

Quem faz?

Quantas pessoas estão aptas a fazer? O que acontece se essas pessoas faltam?

Quantas prensas existem?

Existe padronização da quantidade de cada tipo de material necessário para fazer um fardo?

Como o fardo é amarrado?

Como ele é transportado?

g) Beneficiamento

Quais beneficiamentos são feitos?

h) Armazenamento





Como são armazenados os fardos e/ou produtos beneficiados?
Como o caminhão para a venda é carregado?
Existe um controle do que está no armazenamento? Se sim, como é feito?

i) Outras informações sobre a produção

Horário de trabalho:

Divisão de turnos?

Existem outros empreendimentos de triagem próximos?

O atual “layout” do empreendimento sempre foi o mesmo ou passou por mudanças? Como era antes? Como foi a mudança (pelo coletivo de trabalhadores(as), Conselho Administrativo, incubadora)?

O processo de produção sofreu outras alterações ao longo do tempo? Quais?

Quais máquinas são utilizadas pelo empreendimento e como são utilizadas?

Descreva com detalhes.

Elas são suficientes ou existe carência de determinada máquina? Por quê? São necessárias? Poderiam ser substituídas?

De que maneira as máquinas colaboram para a produtividade do empreendimento?

Existe inadequação de alguma máquina ou ferramenta para o trabalho realizado? Como essas inadequações influenciam na produção? Trazem transtornos para os(as) trabalhadores(as)?

Existe dificuldade na utilização de alguma máquina? Todos(as) sabem manuseá-las? Como foi o processo de aprendizado do manuseio de cada máquina?

Existe dificuldade para os(as) trabalhadores(as) na realização de alguma tarefa da produção (que demande muita força física, ou que está centrada em só uma pessoa, por exemplo)? Como essa dificuldade é superada?

Todos(as) os(as) trabalhadores(as) desenvolvem as mesmas atividades ou existem funções específicas no processo produtivo? Caso existam, quais são elas e por que sofrem diferenciação?

Existe diferenciação do trabalho por gênero? E por faixa etária? Caso existam, quais são?

Os(as) trabalhadores(as) que sofrem de problemas de saúde ou alguma debilidade física trabalham de maneira diferente no processo produtivo? Se sim, como?

Se sim, quais foram? Estas alterações colaboraram positivamente para melhoria da produção? De que maneira?

Caso tenha havido mudanças, como elas ocorreram? Via incubadora, Conselho Administrativo, coletivo de trabalhadores(as)?

Todos(as) trabalhadores(as) conhecem todo o processo de produção? Se não, quais conhecem?

Quais são os fatores que afetam negativamente a produção? (Espaço físico,



número de trabalhadores(as), quantidade de material, ausência/inadequação de maquinário etc.).

Qual o gasto energético de cada máquina? Quanto tempo cada máquina é utilizada?

As vendas interferem na padronização da produção? Se sim, de que forma? (padronização dos fardos, metas de produção etc.).

O modo como é feita a retirada do empreendimento influencia a produção?

j) Outras informações sobre o empreendimento

Os materiais recicláveis chegam prensados ou sofrem algum outro tipo de deterioração na coleta?

Qual a quantidade de rejeito?

Qual o destino dos materiais especiais? (pilhas, lâmpadas fluorescentes).

Qual a frequência de chegada de recicláveis?

Há ocorrência de problemas com a coleta? (por exemplo: desvio de recicláveis por parte dos responsáveis pela coleta, caso esta seja realizada por terceiros).

Há relação do empreendimento com redes e/ou movimentos?

Como fazem com os materiais doados por pessoas?

Como é realizada a comercialização dos recicláveis?

Como ocorre a mudança de diretoria? Os(as) trabalhadores(as) se revezam nos cargos administrativos? A diretoria é responsável pela produção? Se não, quem é?

Os(as) trabalhadores(as) usam equipamento de proteção individual? Quais? Se não, por que não usam?

Etapa 2 - Sistematização dos dados coletados.

ENCERRAMENTO

O diagnóstico da produção visa possibilitar ao(à) formador(a) uma visão inicial do processo produtivo do empreendimento que está sendo incubado. Por isso, o instrumento aqui apresentado não é suficiente para um diagnóstico completo da produção. Ele deve ser entendido como um primeiro passo e de fundamental importância para a equipe de incubação planejar suas ações. Em um segundo momento (como exemplifica a oficina **Produção e (des)alienação** na p. 34) deve ser realizado um diagnóstico coletivo.



CATEGORIAS

diagnóstico
produção

DURAÇÃO

um dia útil
de trabalho

MATERIAL NECESSÁRIO

- caderno de anotações;
- canetas;
- máquina fotográfica.

Um dia de trabalho no empreendimento

OBJETIVOS

- Aproximação da equipe de incubação da realidade de trabalho do empreendimento;
- Percepção dos aspectos do cotidiano do empreendimento;
- Troca de conhecimentos e aproximação entre trabalhadores(as) e formadores(as);
- Construção de um diagnóstico coletivo e multidisciplinar.

INTRODUÇÃO

A atividade baseia-se no acompanhamento de todo o expediente de trabalho do empreendimento por meio de uma inversão de papéis no dia de incubação: formadores(as) aprendem a executar o trabalho produtivo. Os(as) trabalhadores(as) ensinam os(as) formadores(as). Essa oficina visa a instrumentalizar a equipe de incubação com os saberes necessários para propor uma intervenção adequada à realidade do empreendimento. A data da atividade deve ser marcada previamente junto ao empreendimento. A equipe de incubação poderá elaborar previamente roteiros de observação.

DESCRIÇÃO/ROTEIRO DA ATIVIDADE

Geralmente, o momento da incubação é o momento em que os(as) trabalhadores(as) param o trabalho de produção e participam de reuniões e oficinas. Nessa atividade, a situação é inversa: os(as) trabalhadores(as) continuam trabalhando e a equipe de formadores(as) deve aprender e perceber aspectos da realidade do empreendimento por meio da observação e da participação nesse trabalho. Para isso, a proposta consiste em fazer um revezamento das atividades existentes no empreendimento para que todos(as) os(as) formadores(as) possam circular por todas as etapas da produção.

Etapa 1 - A equipe de incubação realiza uma observação inicial de todas as atividades do empreendimento.



Etapa 2 - Participação da equipe de incubação em todas as etapas da produção com os(as) trabalhadores(as) por meio de revezamento entre os(as) formadores(as). Os(as) trabalhadores(as) devem ensinar os(as) formadores(as) como fazer o trabalho, como se estes fossem trabalhadores(as) novos(as).

ENCERRAMENTO

Após um dia de trabalho, fazer um espaço de discussão com os(as) trabalhadores(as) sobre os aspectos percebidos: dos problemas detectados (desde equipamentos inadequados a dores no corpo) passando por questões que envolvem organização da produção e relação entre os(as) trabalhadores(as). Recomenda-se sistematizar os elementos discutidos para a elaboração de um diagnóstico do trabalho no empreendimento e levantamento das ações que devem ser incluídas no planejamento de incubação.





CATEGORIAS

coesão e conflito
identidade

DURAÇÃO

1 hora

MATERIAL NECESSÁRIO

- quebra-cabeça
(modelo em anexo)
de uma foto dos
integrantes do
empreendimento.

Dinâmica do quebra-cabeça

OBJETIVOS

- Fortalecer a identidade do empreendimento;
- Verbalizar conflitos para que possam ser posteriormente trabalhados.

INTRODUÇÃO

Esse instrumento permite reflexão mais livre sobre a dinâmica do empreendimento, por meio de uma fotografia de todos(as) seus integrantes transformada em quebra-cabeça. A oficina pode suscitar a discussão de conflitos bem como ressaltar a coesão e o êxito do coletivo. Também pode ser utilizada como atividade de “aquecimento” no início de atividades mais complexas.

DESCRIÇÃO/ROTEIRO DA ATIVIDADE

Etapa 1

Explicação da atividade com a distribuição igualitária das peças do quebra-cabeça para todos(as) os(as) participantes da reunião/atividade. Observação: na hora de confeccionar o quebra-cabeça, lembre-se de garantir, pelo menos, uma peça para cada pessoa.

Etapa 2

O quebra-cabeça deverá ser montado coletivamente da seguinte maneira: uma pessoa por vez deverá colocar sua(s) peça(s) no tabuleiro e, nesse momento, dizer algo, ou sua opinião, sobre o debate que envolve a atividade, de maneira que todos(as) os(as) integrantes falem algo sobre o assunto e, com isso, não concentrem o debate na voz de algumas pessoas. O caráter informal da atividade favorece a inserção de pessoas que têm dificuldade de se expressar nas reuniões habituais.

Durante a montagem da imagem coletiva em que aparecem todos(as) os(as) integrantes do grupo, ao mesmo tempo em que todos(as) montam juntos(as) essa imagem, as questões



relativas à identidade, gestão coletiva e/ou conflitos vão sendo, visualmente, elaboradas.

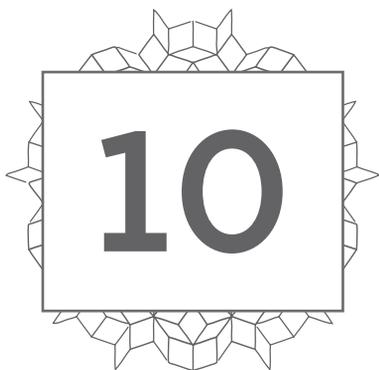
ENCERRAMENTO

Ao fim da atividade, deve-se fazer um debate tentando agregar as idéias colocadas durante a composição do quebra-cabeça, refletindo sobre a imagem gerada por todos(as), ressaltando a simbologia de cada peça para formar o todo, ou seja, a importância de cada pessoa do coletivo para gerir o empreendimento.



Figura: Modelo de quebra-cabeça.





Dinâmica da teia

OBJETIVOS

Debater a importância da união do grupo e avaliar os pontos fracos do empreendimento.

CATEGORIAS

coesão e conflito
identidade

DURAÇÃO

30 minutos

MATERIAL NECESSÁRIO

- novelo de lã;
- símbolo do empreendimento.

INTRODUÇÃO

A dinâmica do novelo de lã serve para debater a importância da rede e como todos(as) dependem um do outro, cooperam entre si para sustentar o empreendimento. Também funciona como atividade de “aquecimento” no início de oficinas mais complexas (basta retirar a pergunta-problema e fazer a atividade somente com a fala dos nomes e características pessoais).

DESCRIÇÃO/ROTEIRO DA ATIVIDADE

Em um primeiro momento, explica-se a atividade e, em seguida, o(a) formador(a) propõe a pergunta-problema que permeia o porquê da oficina.

O grupo está sentado em círculo. Uma pessoa tem um novelo de lã, segura uma ponta e lança o novelo para outra pessoa, aleatoriamente, dependendo de sua escolha. A pessoa que lançou o novelo diz o nome e alguma característica do colega para quem lançou e responde a pergunta-problema. Cada um responde e passa o novelo. E, assim, sucessivamente. No final, haverá uma rede unindo todos(as) os(as) integrantes do grupo. Então, deve-se colocar o símbolo do empreendimento no centro (placa com nome ou símbolo), de forma que seja sustentado pela rede. Conversar sobre o que une o grupo.

Esse momento pode ser registrado com uma foto da rede que sustenta o grupo e o(a) formador(a) pode trabalhar com a imagem em um momento posterior.

ENCERRAMENTO

Além das respostas, outro produto final será a teia representativa daquele grupo. É possível avaliar a forma e composição da teia buscando uma avaliação sobre a estrutura que compõe o grupo. Por exemplo: em um grupo com problemas



de coesão, a teia pode ficar com grandes buracos na sua estrutura, pela disposição das pessoas durante o exercício e/ou para quem estas pessoas jogaram o novelo de lã, facilitando, assim, identificar problemas de coesão no grupo.





Expectativas em relação ao empreendimento

CATEGORIAS

diagnóstico
coesão e conflito
identidade

DURAÇÃO

1h30min

MATERIAL NECESSÁRIO

- folha sulfite;
- caneta;
- fita crepe;
- giz;
- papel pardo;
- pincéis atômicos.

OBJETIVO

Levantar as expectativas dos(as) trabalhadores(as) no início do empreendimento e no atual estágio.

INTRODUÇÃO

Essa oficina deve ser utilizada para introduzir atividades mais complexas de diagnóstico, ou mesmo para iniciar atividades de planejamento. A socialização de expectativas é uma maneira de preparar o grupo para a realização de um planejamento. Caso as expectativas individuais não sejam conhecidas, a negociação dos diferentes interesses durante um planejamento pode não acontecer de maneira consciente, prejudicando-o. Para pensar um objetivo comum ao empreendimento e planejar as ações para atingi-lo, é necessário ter em mente os interesses individuais e negociá-los da maneira mais transparente possível.

DESCRIÇÃO/ROTEIRO DA ATIVIDADE

Etapa 1

Os(as) trabalhadores(as) devem escrever em uma folha de papel o que esperavam do empreendimento no momento que entraram para o grupo.

Etapa 2

Depois de escreverem, deve-se realizar uma troca das folhas entre os(as) trabalhadores(as) e leitura para o grupo da expectativa do colega.

Etapa 3

Nova rodada de escrita, agora, quanto à expectativa atual. Cada um registra em sua folha qual é a sua expectativa atual em relação ao empreendimento.



Etapa 4

Nova rodada de leitura das expectativas. No decorrer das falas, sistematizar na lousa/cartaz os aspectos gerais das expectativas.

ENCERRAMENTO

Avaliação conjunta das diferenças apresentadas entre as expectativas do passado e as atuais.

○ levantamento das expectativas e a socialização podem ser realizados de diversas maneiras, levando em consideração o nível de escolaridade e outras especificidades do empreendimento.





Oficina das bolas

OBJETIVO

Diagnosticar as relações do empreendimento com diferentes agentes sociais e instituições.

CATEGORIAS

diagnóstico
org. política
autogestão

DURAÇÃO

2h30min

MATERIAL NECESSÁRIO

- cartolinas coloridas;
- papel pardo;
- pincéis atômicos;
- canetinha;
- tesoura;
- cola.

INTRODUÇÃO

A proposta da oficina é levantar coletivamente quais são os agentes sociais e instituições com quem o empreendimento se relaciona e debater as características, as influências positivas e negativas e a proximidade com estes. Essa ferramenta permite que o empreendimento visualize melhor essas relações e, a partir disso, possa escolher de que forma pretende se articular com esses agentes sociais.

Essa oficina está baseada na metodologia do “Diagrama de VENN”. É aconselhável que o(a) formador(a), para realizar essa oficina, já conheça as metodologias de diagnóstico participativo.

DESCRIÇÃO/ROTEIRO DA ATIVIDADE

Etapa 1. Perguntar aos(as) trabalhadores(as) quais as pessoas, entidades e locais que influenciam, de alguma forma, o trabalho do empreendimento. Anotar essas informações na cartolina, ou papel pardo (pregado na parede), no decorrer das falas. Durante esse processo, fazer perguntas para estimular o levantamento de instituições, como: “Alguém influencia na venda? Alguém é responsável pela sede? Alguém contribuiu com algum tipo de doação? Quem?”. Caso o(a) formador(a) perceba que faltou alguma instituição importante, elaborar perguntas para que esta seja lembrada. Caso não seja citada, indicar como essa instituição também influencia no trabalho. Como guia, é importante ter em mente os seguintes grupos de instituições: poder público (governo federal, estadual, municipal, secretarias e órgãos públicos), instituições privadas, população, entidades não-governamentais, pessoas físicas que estabelecem algum tipo de relação com o empreendimento, movimentos populares e sociais, instâncias de decisão da Economia Solidária (municipais, estaduais e nacionais), meios de comunicação etc.

Etapa 2. A partir dessa lista, pedir aos(as) trabalhadores(as) que avaliem como essas diferentes instâncias influenciam no trabalho do empreendimento. Após discussão, levantar a ordem de importância destas instituições em relação ao empreendimento.

Etapa 3. Distribuir um “kit” com folhas de duas cores diferentes, caneta, tesoura e cola para que os(as) trabalhadores(as) recortem bolas de diferentes tamanhos e cores. A equipe de incubação também poderá optar por levar esse material já recortado.

Etapa 4. Combinar com o grupo que uma cor representará influência negativa, enquanto a outra representará influência positiva. Bolas maiores serão utilizadas para instituições de maior importância. Escolher, então, uma bola para cada uma das instituições.

Etapa 5. Criar um esquema de representação em uma cartolina com as diferentes bolas. Colar a bola “empreendimento” na cartolina e posicionar as outras de acordo com a proximidade de relação com o empreendimento. Ao final, o esquema mostrará a importância que estas instituições possuem e qual o grau de proximidade em relação ao trabalho do empreendimento.

ENCERRAMENTO

A partir desta atividade, é possível conversar sobre as possibilidades de diálogo com essas instituições e sobre o papel dessas junto ao empreendimento. Caso os(as) trabalhadores(as) queiram, deixar o painel exposto no empreendimento como forma de lembrar as instâncias que fazem parte da rede de relacionamentos e poder.

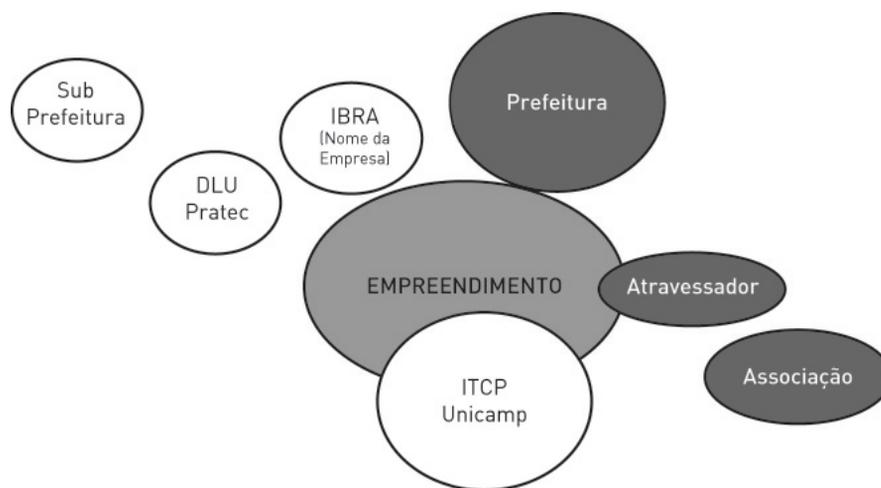


Figura: Exemplo de esquema criado junto a um empreendimento incubado.



CATEGORIAS

diagnóstico
coesão e conflito
identidade

DURAÇÃO

1h30min

MATERIAL NECESSÁRIO

- lápis de cor;
- folhas sulfite;
- canetas;
- fita crepe;
- tesoura;
- muda de planta.

Cultivando o empreendedorismo

OBJETIVO

Propiciar a expressão sobre os anseios dos(as) trabalhadores(as) em relação ao empreendedorismo.

INTRODUÇÃO

Essa dinâmica é uma metáfora do plantio. É indicada para um grupo que está começando a formar um empreendedorismo ou que esteja com muitos(as) trabalhadores(as) novos(as). Pode ser realizada com pessoas letradas ou de baixa escolaridade.

DESCRIÇÃO/ROTEIRO DA ATIVIDADE

Etapa 1

Explicar a atividade para todos(as) trabalhadores(as).

Propor para que, individualmente, desenhem ou escrevam algo para responder a seguinte pergunta: “Por que estou fazendo parte desse empreendedorismo?”.

Etapa 2

Após as manifestações em forma de desenho ou escrita, colar os papéis numa árvore já plantada, grande, representando essas construções pessoais (pode-se, também, colar em uma árvore desenhada ou em uma árvore do próprio local).

Etapa 3

Pedir para que cada um desenhe ou escreva sobre o futuro do grupo em um bilhete, a partir da questão: “O que espero do futuro?”.

Etapa 4

Esses bilhetes são colocados junto com uma muda de planta.

A muda deve ser plantada coletivamente no empreendedorismo.



ENCERRAMENTO

Fazer uma roda de conversa sobre a atividade.

A metáfora presente na atividade é a de que para atingirmos o que queremos coletivamente é preciso cuidar do dia-a-dia do empreendimento, assim como é preciso regar e cuidar da planta para que ela cresça e dê frutos.





CATEGORIAS

diagnóstico
autogestão

DURAÇÃO

2 horas

MATERIAL NECESSÁRIO

- papel pardo;
- folhas sulfite;
- pincéis atômicos;
- tesoura;
- fita adesiva;
- setas vermelhas de papel;
- quatro envelopes médios.

Organograma de uma cooperativa

OBJETIVOS

Evidenciar e coletivizar o entendimento dos(as) trabalhadores(as) sobre a estrutura do empreendimento e sobre como as diversas instâncias se relacionam.

INTRODUÇÃO

Essa oficina busca aliar a estrutura de funcionamento de uma cooperativa ao conhecimento palpável da prática de funcionamento das instâncias vivenciada por trabalhadores(as) cotidianamente. A oficina inicia com a discussão sobre o entendimento dos(as) trabalhadores(as) sobre a estrutura do empreendimento: conselhos administrativo e fiscal, assembléia, instâncias normatizadas pelo estatuto e termina na montagem de um organograma.

DESCRIÇÃO/ROTEIRO DA ATIVIDADE

Etapa 1 - Discussão sobre o entendimento dos(as) trabalhadores(as) sobre a estrutura do empreendimento.

Dividir os participantes em grupos de quatro ou cinco pessoas e entregar o “kit” da atividade a cada grupo. Cada grupo deve fazer uma discussão, que deve ser anotada para posterior sistematização, sobre o que cada um entende por: Conselho Administrativo, Conselho Fiscal, produção e assembléia (reunião de todos(as) os(as) trabalhadores(as)).

Etapa 2 - Registro escrito. Sugerir que alguém fique responsável pela sistematização escrita (oferecer ajuda caso o grupo tenha dificuldades com a escrita). Pedir para que cada grupo escreva o que foi discutido sobre cada instância em folhas de papel separadas, reservando uma folha para cada instância (Conselho Administrativo, Conselho Fiscal, produção e assembléia).

Etapa 3 – Envelopamento. Após essa etapa, as folhas são colocadas em envelopes previamente destinados a cada instância.

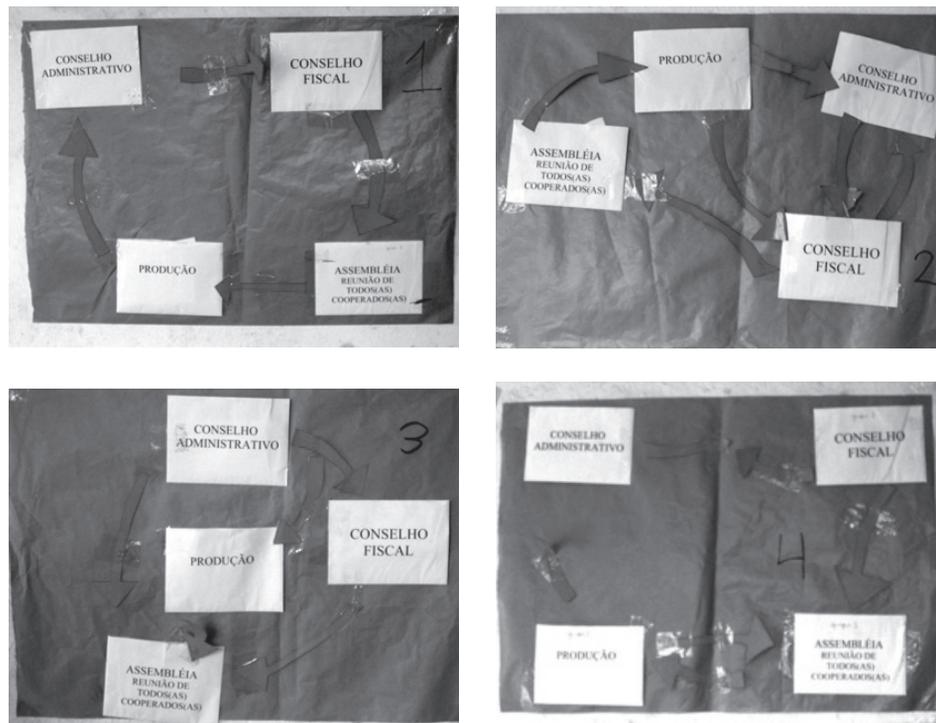
Etapa 4 - Montagem do organograma.

Munido dos quatro envelopes (cada um representando uma instância) e diversas setas de papel, cada grupo deverá montar um organograma que evidencie como as quatro instâncias se relacionam no cotidiano de seu empreendimento.

ENCERRAMENTO

Ao final, os organogramas estarão prontos, contendo a organização das instâncias do empreendimento, assim como, em cada envelope, o que os(as) trabalhadores(as) consideram como responsabilidade de cada uma dessas instâncias. Com os organogramas prontos, solicitar a cada grupo que apresente o que foi escrito sobre cada instância e como o organograma foi estruturado. Cada grupo pode escolher um representante ou fazer uma apresentação coletiva. Essa atividade levanta uma série de questões e problemas que precisarão ser registrados e organizados em um planejamento para serem trabalhados em médio prazo.

ANEXOS



Figuras: Exemplos de organogramas montados na cooperativa Tatuapé.



15

Entrevistas para conhecer o empreendimento

CATEGORIAS

diagnóstico

DURAÇÃO

4 horas

MATERIAL NECESSÁRIO

- folhas sulfite;
- caneta;
- prancheta.

OBJETIVOS

- Conhecer o empreendimento e sua história;
- Realizar diagnósticos de todas as áreas de conhecimento para embasar o planejamento da incubação (áreas: planejamento econômico; produção e tecnologia; saúde do(a) trabalhador(a); dinâmica das relações humanas; gênero; processos pedagógicos; e comunicação e artes).

INTRODUÇÃO

Essa atividade consiste na realização de observação coletiva e entrevistas simultâneas de trabalhadores(as) pela equipe de incubação. Conforme descrito na apresentação, a ITCP/ UNICAMP é constituída por sete áreas de conhecimento, por isso, esse diagnóstico abrange diversos focos específicos que se somam e constituem um diagnóstico único e multidisciplinar. Sugere-se que cada incubadora ou organização ajuste as questões das entrevistas ao perfil dos(as) formadores(as), a sua proposta de intervenção e à realidade dos empreendimentos que acompanha. Para a realização da atividade, deverão ser agendados com o empreendimento o melhor dia e horário para fazer as entrevistas, bem como deverá ser esclarecido aos(às) trabalhadores(as) a importância de levantar os aspectos que compõem o trabalho no empreendimento.

Observação: A equipe de incubação também poderá realizar outras oficinas de diagnóstico, como por exemplo: **Diagnóstico de comunicação externa (p. 30)**, **O caminho da produção (p. 32)**, **Um dia de trabalho no empreendimento (p. 42)**, **Oficina de bolas (p. 50)**, **Organograma (p. 54)** e **Linha do tempo - nosso lugar na história (p. 28)**.

DESCRIÇÃO/ROTEIRO DA ATIVIDADE

A entrevista deve ser como um bate-papo com o(a) trabalhador(a). Por isso, o ideal é que o questionário seja seguido apenas como um roteiro de perguntas. Esta atividade

será realizada em dois dias para que o material seja sistematizado e, então, retornado aos(as) trabalhadores(as).

Etapa 1

Observação do empreendimento de acordo com especificidades de cada área de conhecimento. Nesse momento, devem ser realizados diagnósticos por observação de cada área de conhecimento (planejamento econômico; produção e tecnologia; saúde do(a) trabalhador(a); dinâmica das relações humanas; gênero; processos pedagógicos; e comunicação e artes).

Etapa 2

Abordagem dos(as) trabalhadores(as) e realização das entrevistas.

Etapa 3

Sistematização dos dados obtidos com os questionários.

Etapa 4

Elaboração de um diagnóstico integrado entre a etapa de observação e a etapa dos questionários (ver sugestão de itens em anexo).

Etapa 5

Retorno da sistematização aos(as) trabalhadores(as).

ENCERRAMENTO

A partir do diagnóstico realizado, elaborar o planejamento de incubação junto ao empreendimento.

ANEXOS

Sugestão de itens a serem contemplados no diagnóstico integrado

Nomes dos integrantes, faixa etária, história pessoal e local, experiências de trabalho, histórico/condição educacional, familiar e de saúde, engajamento/experiência política, entre outros;

Condições do espaço de trabalho, saúde e equipamentos de segurança;

Sistema de produção, fluxograma de produção, caminho da matéria-prima/produto, organização do trabalho, utilização do espaço, máquinas e equipamentos;

Evolução das contas e retiradas, média de produção, existência de fundos (emergência e investimento), componentes da receita bruta, instrumentos de contabilidade de que o empreendimento dispõe e formas de controle financeiro

do empreendimento;

Comunicação externa e interna;

Relações de trabalho e autogestão;

Relações de gênero;

Relações institucionais e possíveis parceiros.

Sugestão de Questionário Individual para os(as) trabalhadores(as)

1. Idade.
2. Sexo.
3. Escolaridade.
4. Experiência de trabalho anterior com carteira assinada?
5. O que funciona bem no seu empreendimento?
6. E o que funciona mal?
7. Você acha que as pessoas que trabalham aqui estão satisfeitas com o que ganham?
8. Algo melhorou na sua vida depois que você veio trabalhar no empreendimento?
9. Algo piorou?
10. Quais são as pessoas com quem você mais convive no empreendimento?
11. Você mantém contato com alguma pessoa do empreendimento fora do ambiente de trabalho?
12. Qual sua melhor lembrança do empreendimento?
13. E a pior?
14. Se você tivesse oportunidade de trabalhar numa empresa você sairia do empreendimento?
15. Onde você mora?
16. Há quanto tempo você está no empreendimento?



CATEGORIAS

diagnóstico

DURAÇÃO

1 hora

MATERIAL NECESSÁRIO

- folhas sulfite;
- canetinhas;
- fita adesiva.

Mapa cognitivo

OBJETIVOS

- Identificar a visão geral que o empreendimento possui acerca de um tema;
- Socializar essa visão no coletivo de trabalhadores(as).

INTRODUÇÃO

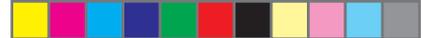
O mapa cognitivo aqui proposto é uma simplificação de uma metodologia mais complexa para o processo de incubação. Essa atividade pode ser aplicada em diversas situações, abordando diferentes temas como, por exemplo, gênero, cooperativismo e autogestão. Este instrumento pedagógico pode ser utilizado para mapear e socializar, no início da oficina, o que o empreendimento pensa sobre determinado assunto.

DESCRIÇÃO/ROTEIRO DA ATIVIDADE

Inicialmente, escolhe-se uma pergunta central sobre o tema a ser trabalhado e pede-se para que as pessoas registrem algumas idéias que têm a respeito do tema (o(a) formador(a) deverá ajudar os(as) trabalhadores(as) que possuem dificuldade com a escrita ou não sabem escrever). Cada idéia deve ser registrada em uma folha sulfite, com uma palavra ou no máximo uma frase, de forma clara, com letra de imprensa grande. Em seguida, o(a) formador(a) deve organizar as respostas em um local (lousa, parede, painel) visível para o coletivo. A organização deve ser realizada coletivamente segundo alguns critérios que podem ser: semelhança ou divergência entre as respostas, relações de causalidade, respostas gerais ou específicas etc. Esse critério deve ser escolhido anteriormente de acordo com o objetivo da oficina.

ENCERRAMENTO

Coladas todas as folhas, o resultado final é a visão geral que o grupo tem sobre determinado assunto ao qual chamamos de mapa cognitivo. Esse mapa pode ser retomado em outras atividades, inclusive para acompanhar a mudança de opinião do empreendimento sobre o tema. A partir dele, pode-se



proponer encaminhamentos como, por exemplo, a redação de textos a partir das idéias colocadas pelo grupo. Essa atividade talvez seja mais indicada para cursos ou aulas, por trabalhar de maneira abstrata conceitos e idéias. Por isso é necessário avaliar a possibilidade do empreendimento trabalhar com essa metodologia.





Mãos que trabalham

OBJETIVO

Discutir a divisão de tarefas em um empreendimento.

CATEGORIAS

diagnóstico
produção
autogestão
gênero

DURAÇÃO

1h30min

MATERIAL NECESSÁRIO

- mãos recortadas em papelão;
- papel pardo;
- pincéis atômicos.

INTRODUÇÃO

Essa atividade contribui para evidenciar de forma concreta os trabalhos invisíveis ou socialmente pouco valorizados, que, no entanto, são fundamentais para o funcionamento cotidiano do empreendimento. Permite identificar concentração de trabalhos em algumas pessoas. Também é ideal para auxiliar o debate sobre a divisão sexual do trabalho dentro do grupo.

DESCRIÇÃO/ROTEIRO DA ATIVIDADE

Etapa 1

Um(a) formador(a) pede para que o grupo liste todos os trabalhos realizados no interior do empreendimento e elabora uma lista em papel pardo para que todos(as) vejam. Caso sejam esquecidas, algumas tarefas podem ser lembradas pelo(a) formador(a) por meio de perguntas. Um exemplo recorrente de esquecimento é o trabalho relacionado com a limpeza. Neste caso, o(a) formador(a) poderá elaborar perguntas específicas como: “Esse lugar é varrido? Quais são as tarefas relacionadas à limpeza?”.

Etapa 2

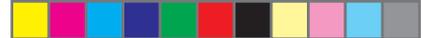
A seguir, cada tarefa listada deverá ser escrita em uma mão de papelão, previamente recortada.

Etapa 3

O grupo deve, então, distribuir as mãozinhas entre as pessoas do empreendimento, de acordo com o trabalho que cada um realiza.

Etapa 4

Ao final, a divisão das tarefas é evidenciada (quem tem muitas mãozinhas? Quem não tem? Que tipo de mãozinha cada um tem?). A partir disso, a equipe de incubação deve mediar o debate e colocar questões relacionadas à divisão



sexual do trabalho, aos diferentes tipos de trabalho e ao acúmulo de funções. O debate deve ser encaminhado para a redistribuição de tarefas entre os(as) trabalhadores(as).

ENCERRAMENTO

Debate sobre a atividade e sobre as formas de divisão do trabalho.





18

CATEGORIAS

diagnóstico
autogestão

DURAÇÃO

1h30min

MATERIAL NECESSÁRIO

- papel pardo;
- pincéis atômicos;
- folhas sulfite;
- canetinhas.

Fazendo as contas com o empreendimento

OBJETIVO

Trabalhar conceitos básicos de contabilidade e planejamento econômico a partir de dados financeiros do empreendimento.

INTRODUÇÃO

Fazer o balancete é uma das primeiras tarefas de um empreendimento quando se constitui. Se, por um lado, é uma difícil tarefa para trabalhadores(as) com baixa escolaridade (realidade da maioria dos integrantes dos empreendimentos incubados), por outro lado, a socialização dessas informações com todos(as) os(as) trabalhadores(as) viabiliza decisões conjuntas em relação ao planejamento econômico do empreendimento. Decidir, por exemplo, o valor da retirada, os gastos ou a constituição de fundos dependem de uma apropriação dos(as) trabalhadores(as) em relação ao balancete do empreendimento. Por isso, a proposta da oficina é fazer um balancete com todos(as) os(as) trabalhadores(as) com uma exposição do controle de todo o dinheiro que entrou e saiu do empreendimento no último mês. O mais indicado é que essa atividade seja mais do que uma oficina, tornando-se uma prática mensal em que, gradativamente, os(as) trabalhadores(as) do empreendimento adquiram mais autonomia para a elaboração e compreensão do balancete.

DESCRIÇÃO/ROTEIRO DA ATIVIDADE

Pedir ao conselho financeiro do empreendimento que separe o balancete do último mês, com gastos de entrada e saída. No dia da oficina, fazer uma apresentação inicial da proposta da atividade.

Etapa 1 - Distribuir folhas sulfite e canetas coloridas caso os(as) trabalhadores(as) queiram fazer anotações.

Etapa 2 - Utilização de uma cartolina colada à parede, dividida em duas partes, em cima da primeira metade escrever “ENTRADA”, e, em cima da segunda, escrever “SAÍDA”.

Etapa 3 - Enumerar junto com o(a) trabalhador(a) responsável os seguintes dados: em um primeiro momento, a entrada, e, depois, a saída de dinheiro do empreendimento. Durante esse processo, o(a) trabalhador(a) vai dizendo as informações e alguém vai anotando na cartolina (pode ser o(a) formador(a) ou algum(a) trabalhador(a)).

Etapa 4 - Após o levantamento de todos esses gastos, fazer a conta final do total de entrada e saída e incluir novos itens na cartolina “sobras” e “retirada” (a “sobra” corresponde ao dinheiro restante, quando o valor de “saída” é subtraído do valor de “entrada”; e a “retirada” corresponde à soma de todos os recebimentos dos(as) trabalhadores(as)); incluir alguns outros itens pertinentes ao empreendimento (por exemplo, na cooperativa Tatuapé, foram incluídos os itens “vales”, correspondente ao que foi retirado em vale pelos(as) trabalhadores(as), e “chequinhos”, correspondente aos cheques por cair, incluindo os cheques sem fundo). A tabela abaixo é um exemplo do quadro que pode ser montado.

Entrada	Saída
Madeira R\$ 4.661,50	Férias trabalhadores(as) R\$ 315,00
Papel R\$ 1.790,00	Motorista R\$ 500,00
Fino R\$ 1.981,60	Combustível R\$ 1.588,00
Plásticos R\$ 1.976,70	Parcela perua R\$ 944,00
Sucata (ferro) R\$ 5.460,30	Conserto perua R\$ 3.092,90
Avulso R\$ 1.338,56	Contador R\$ 200,00
Total R\$ 17.208,66	Passagens R\$ 373,00
	Outros R\$ 869,00
	Total R\$ 7.883,45
Sobra R\$ 8.622,58	
Vales R\$ 4.871,38	
Retirada R\$ 3.751,20	
Chequinhos R\$ 702,63	

Etapa 5 - Após o levantamento e exposição de todos os gastos do empreendimento, discutir com os(as) trabalhadores(as) os gastos, com perguntas como: “Vocês acham que o empreendimento está com algum gasto desnecessário? Qual? Como melhorar a entrada do empreendimento?”. O(A) formador(a) da incubadora pode fazer algumas observações (por exemplo, na cooperativa Tatuapé, o(a) formador(a) detectou que os(as) trabalhadores(as) estavam com um gasto em vales maior que o valor da retirada e sugeriu que houvesse um limite para o valor dos vales; ou, ainda, uma trabalhadora reclamou que estavam gastando demais com perua, se não poderiam usar ônibus para alguns serviços externos). Por fim, pode-se terminar com a pergunta: “Como melhorar a retirada



dos(as) trabalhadores(as)?”. Pensar em maneiras de aumentar a retirada em conjunto com eles(as), como agregar valor ao produto, reivindicar melhorias junto ao poder público, fazer algum evento para arrecadar fundos para comprar equipamento etc.

ENCERRAMENTO

O espaço final pode ser utilizado para decidir questões referentes aos gastos do empreendimento, como decisões de diminuição de alguns gastos (na cooperativa Tatuapé, decidiram que alguns serviços seriam feitos de ônibus, por exemplo). Além disso, é importante encaminhar como será realizada a prestação de contas e gastos, se ficará exposta em algum mural (mural interno, pois, por questões de segurança, as contas não devem ficar acessíveis a pessoas de fora do empreendimento) ou em algum documento acessível.





CATEGORIAS

autogestão

DURAÇÃO

1h30min

MATERIAL NECESSÁRIO

- cadeiras;
- mesa;
- folhas sulfite;
- papel pardo;
- pincéis atômicos;
- livro de atas.

Organização de uma assembléia

OBJETIVO

Trabalhar princípios de participação e autogestão por meio da organização de uma assembléia real, ou encenada, junto aos(as) trabalhadores(as).

INTRODUÇÃO

Acreditamos que o fomento da organização autônoma de assembléias é importante e necessário, em primeiro lugar, por ser prerrogativa legal e, em segundo lugar, por ser uma forma consagrada da gestão coletiva e democrática de coletivos de trabalhadores(as). Nos empreendimentos, encontramos muitos(as) trabalhadores(as) sem experiência em assembléias, por isso, essa oficina aborda a organização desse processo por parte dos(as) trabalhadores(as) como uma atividade educativa, que contribui para que as assembléias se tornem instrumentos cada vez mais acessíveis e legítimos para os empreendimentos. A incubadora pode contribuir com organização desse espaço. Caso trabalhadores(as) não se sintam aptos a presidirem e secretariarem a assembléia ordinária pode-se fazer esta atividade em forma de encenação, com pautas possíveis de acontecer no empreendimento, como expulsão, mudança de regimento, inclusão de trabalhadores(as) etc.

Alguns questionamentos podem surgir no processo de incubação diante da realidade dos empreendimentos e da prática da autogestão. Qual é o significado das assembléias ordinárias frente aos processos de construção da autogestão? Na realidade dos empreendimentos, as assembléias significam processos de tomadas de decisão coletiva ou, antes, ritos burocráticos e custosos? Caso o empreendimento possua maturidade em relação à realização das assembléias, esses questionamentos podem ser aprofundados com os(as) trabalhadores(as).

DESCRIÇÃO/ROTEIRO DA ATIVIDADE

O responsável pela assembléia ordinária deve ser o Conselho Administrativo do empreendimento, que deverá divulgar e organizar o espaço. No entanto, cada trabalhador(a) tem o direito de se mobilizar para que assembléias extraordinárias aconteçam.

Etapa 1

Deve-se divulgar a assembléia com o período de antecedência definido pelo estatuto do empreendimento. A divulgação deverá ser feita por carta e por meio de algum meio de comunicação (jornal local). Nessa divulgação, devem constar os pontos de pauta a serem discutidos, bem como o local, data e horário das convocações.

Etapa 2

No dia e horário da assembléia, designar um presidente para a mesa, um secretário para fazer a ata e, caso necessário, uma pessoa para fazer as inscrições das falas.

Etapa 3

A mesa deverá checar se existe quorum para deliberar as pautas (pelo menos 51% de presentes ou dois terços em caso de eleição) e o procedimento de segunda convocação (verificar no estatuto do empreendimento).

Etapa 4

Havendo quorum, a assembléia pode decidir somente assuntos relacionados às pautas anteriormente divulgadas.

Etapa 5

A assembléia será mediada pelo presidente da mesa, que apresentará as pautas do dia e, uma por uma, abrirá o debate. Caso não exista consenso nas decisões, será feita uma votação.

Etapa 6

Na votação, recomenda-se o seguinte encaminhamento de falas:

- Defesa da proposta A;
 - Defesa da proposta B;
 - Em votação: favoráveis à decisão A levantem a mão;
 - Em votação: favoráveis à decisão B levante a mão;
 - Abstenções;
 - Encerrada a votação. Registrar os votos em A ou B e o número de abstenções.
- Aprovada a proposta A ou B.



Etapa 7

Encerradas todas as pautas, deve-se anunciar o fim da assembléia e verificar o registro da ata.

Etapa 8

A partir de uma sistematização do que foi decidido, escrever em uma folha sulfite as deliberações e afixar na parede ou mural (com data da assembléia, presentes, pauta e decisões). Caso o empreendimento tenha algum meio de comunicação, incluir essas informações nesse instrumento também.

ENCERRAMENTO

Propiciar um espaço de avaliação sobre o processo de debate. Dinâmica sugerida: passar um objeto com as pessoas em roda. Quem estiver com o objeto estará com a palavra e deve completar, oralmente, três frases: “Eu elogio...”, “Eu critico...” e “Eu proponho...”, relacionadas à oficina realizada (essa atividade é uma adaptação do método de avaliação de Freinet. Ver bibliografia, p. 149).





CATEGORIAS

autogestão

DURAÇÃO

2 horas

MATERIAL NECESSÁRIO

- folhas sulfite;
- canetas;
- papel pardo;
- pincéis atômicos;

Preparação para a assembléia eleitoral

OBJETIVOS

- Possibilitar a apropriação coletiva dos trabalhos burocráticos e administrativos do empreendimento;
- Compartilhar a experiência administrativa.

INTRODUÇÃO

Essa atividade nasce devido à constatação de que há pouca rotatividade nos cargos administrativos dos empreendimentos. Os(as) trabalhadores(as) que assumem os cargos administrativos, no início do empreendimento, adquirem experiência e acabam permanecendo por várias gestões. Essa oficina pode contribuir para desmistificar a complexidade das tarefas burocráticas, bem como para evidenciar que presidente e tesoureiro(a) tornaram-se habilidosos por meio da experiência prática que tiveram. Dessa forma, é possível que mais trabalhadores(as) se sintam aptos a se candidatar a cargos de representação ou motivados a investirem em sua formação.

Observação: Recomenda-se que essa atividade seja antecedida pela oficina de **Organograma (p. 54)**. Se possível, fazer também a oficina **Organização de uma assembléia (p. 66)** antes desta atividade.

DESCRIÇÃO/ROTEIRO DA ATIVIDADE

E aconselhável que esta oficina seja planejada em conjunto com o atual Conselho Administrativo do empreendimento. A atividade é realizada em forma de exposição e debate. No início, podem ser distribuídas folhas e canetas para que os(as) trabalhadores(as) façam anotações (o ideal é que os(as) trabalhadores(as) tenham um caderno do empreendimento).



Etapa 1

Pedir para que os membros do Conselho Administrativo relatem quais trabalhos realizavam antes de serem eleitos. Perguntar se, no momento de assumir o cargo, sentiam-se preparados. Pedir para que relatem um dia de trabalho no empreendimento de forma bem detalhada, incluindo horário de chegada, telefonemas e outras tarefas que realizam.

Etapa 2

Abrir o debate para questões e comentários dos(as) demais trabalhadores(as).

Etapa 3

Sugerir uma reunião entre equipe de incubação e alguns(algumas) trabalhadores(as) que queiram aprofundar a compreensão sobre Conselho Administrativo e fiscal a partir do estatuto da cooperativa.

ENCERRAMENTO

Caso haja demanda, propor a organização de um estágio junto ao Conselho Administrativo para os interessados em se preparar para essas funções.





CATEGORIAS

planejamento

DURAÇÃO

3 horas

MATERIAL NECESSÁRIO

- papel pardo;
- pincéis atômicos;
- folhas sulfite;
- canetas;
- mapa do município;
- tabela com horários de funcionamento dos estabelecimentos.

Que caminho trilhar?

OBJETIVO

Definição da meta do grupo.

INTRODUÇÃO

A oficina consiste no planejamento fictício de um dia da vida do(a) trabalhador(a), no qual ele(a) deve fazer atividades para alcançar uma meta. As metas pré-selecionadas devem ter sido escolhidas anteriormente à oficina em outras atividades de diagnóstico e/ou planejamento, ou mesmo a partir de alguma dúvida do empreendimento sobre que caminho seguir.

Esta atividade é pensada para grupos que já estão em processo de incubação e que, por alguma razão, precisam reorganizar o planejamento por meio da escolha de uma meta principal dentre várias metas que necessitam ou querem realizar.

DESCRIÇÃO/ROTEIRO DA ATIVIDADE

Etapa 1

Cada meta deve ter um itinerário fictício de atividades a ser percorrido, criado previamente pelos(as) formadores(as) para ser distribuído no dia da oficina. São duas ou mais séries de atividades relacionadas às escolhas entre as possíveis metas que podem ser realizadas pelo grupo. O grupo terá o auxílio de um mapa do município e uma lista de atividades (fictícias) que as pessoas devem realizar durante um tempo específico.

Etapa 2

Dividir o coletivo em grupos pelo número de metas. Distribuir um mapa da cidade para cada grupo, bem como a lista de atividades específica de cada meta. Devem ser indicados, também, os horários de funcionamento dos locais a serem visitados (prefeitura, banco, cartório etc.).

Etapa 3

Os grupos devem se reunir para a resolução das atividades propostas pelos itinerários, planejando a que horas irão realizar cada atividade da lista recebida.

Etapa 4

Em seguida, as resoluções dos grupos são apresentadas para todo o coletivo, justificando a escolha do caminho.

Observação: Os grupos não precisam, necessariamente, ser divididos pela afinidade de cada pessoa com a meta que desenvolverá na dinâmica.

ENCERRAMENTO

Após as apresentações dos grupos, será realizado o debate para a escolha da meta do empreendimento. A idéia é relacionar o planejamento cotidiano que todos(as) fazem no seu dia-a-dia com o planejamento do empreendimento.

ANEXOS

Na associação de profissionais do sexo “Mulheres Guerreiras”, esta atividade foi realizada para decidir dois caminhos diferentes que a associação queria seguir, mas não tinha condições de realizá-los simultaneamente. Um deles era a regularização do grupo, com a composição de estatuto, legalização e eleição de representantes. O outro era a realização de uma cartilha com diversas informações de auxílio às profissionais do sexo que estavam nas ruas, de maneira a atraí-las para participação na associação e auxiliar na sua politização para defesa de seus direitos. Segue, em anexo, os materiais didáticos preparados, o mapa de Campinas utilizado, a lista de atividades de cada meta e a tabela de horários de funcionamento:

META 1 – CARTILHA: Tarefas de Gabriela que o grupo A tem que ajudar a resolver:

- Gabriela sai de casa às 7 horas;
- Procurar material sobre as profissionais do sexo em jornais, revistas, na internet, na biblioteca da cidade para colocar na cartilha;
- Fazer compras no supermercado para fazer uma torta que será levada no encontro das profissionais e, nisso, ela gasta duas horas;
- Visitar o “SOS mulher” para pedir apoio para as profissionais às 13h30min;
- Passar na gráfica da cidade para saber quanto custa a impressão de uma cartilha;
- Passar no posto de saúde para pegar camisinhas, porque as que ela tinha já acabaram;
- Levar um par de sapatos, que tinha emprestado da Ana Paula, na sapataria para consertar o salto;
- Atender um cliente, no hotel, que já estava programado;
- Ir à reunião da associação das profissionais que começa às 15h e termina às 17h;

META 2 – ESTATUTO: Tarefas da Ana Paula que o grupo B tem que ajudar a resolver:

- Ana Paula sai de casa às 7 horas;
- Passar na associação dos travestis para pedir uma cópia do estatuto deles para levar para a associação;
- Fazer compras no supermercado para fazer um bolo que será levado no encontro das profissionais e, nisso, ela gasta duas horas;
- Visitar uma amiga advogada no seu escritório para agendar uma data em que ela possa ir até a associação falar sobre os direitos das profissionais do sexo e sobre como se faz um estatuto;
- Passar numa casa de xérox para fazer cópia do estatuto para levar para as meninas lerem em casa;
- Levar os convites da associação às 13h30min, perto da catedral, para uma amiga distribuir na rua, lembrando as outras meninas que hoje tem reunião da associação;
- Passar na farmácia e comprar camisinha para atender o cliente;
- Atender um cliente, no hotel, que já estava programado;
- Ir à reunião da associação das profissionais que começa às 15h e termina às 17h;

Tabela: Horários de Funcionamento

Locais	Horário que começa/abre	Horário que termina/fecha	
1	Associação das travestis	09h	12h
2	Posto de saúde	08h	18h
3	Xérox da cidade	10h	16h
4	Casa da Gabriela	SAI DE CASA ÀS 07h	
5	Supermercado	08h	19h
6	Hotel	14h	19h
7	Associação das profissionais	15h	17h
8	Sapataria	09h	16h
9	Casa da Ana Paula	SAI DE CASA ÀS 07h	
10	Farmácia	08h	18h
11	Gráfica	10h	14h
12	SOS Mulher	10h	14h
13	Escritório da advogada	13h	18h
14	Catedral	13h30min	



Figura: Mapa de Campinas (Tabuleiro)

roteiro meta 1



roteiro meta 2



Figura: Locais a serem visitados por cada roteiro (colocar sobre o tabuleiro)





CATEGORIAS

planejamento

DURAÇÃO

1h30min

MATERIAL NECESSÁRIO

- folhas sulfite;
- papel pardo;
- canetinhas;
- cadeiras.

Jogo dos objetivos e obstáculos

OBJETIVOS

- Realizar o planejamento coletivo;
- Visualizar objetivos e obstáculos, soluções e prazos de forma concreta.

INTRODUÇÃO

“Mas o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade. No fim do processo do trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador. Ele não transforma apenas o material sobre o qual opera; ele imprime ao material o projeto que tinha conscientemente em mira, o qual constitui a lei determinante do seu modo de operar e ao qual tem de subordinar sua vontade.” (Marx em “O Capital”).

O jogo tem como objetivo trabalhar o planejamento coletivo. O grupo se reúne para discutir quais são os obstáculos a serem superados para atingir um determinado objetivo, as possíveis soluções e a prioridade das ações.

DESCRIÇÃO/ROTEIRO DA ATIVIDADE

Etapa 1 - Definir Objetivo.

Esse objetivo deve ter sido selecionado anteriormente pelo grupo, em atividades de diagnóstico e/ou planejamento. Deve-se escrever o objetivo na cartolina ou papel pardo sintetizado em uma frase. Essa frase deverá ser escrita com a conjugação verbal no particípio (exemplo: objetivo alcançado). Em seguida, colar o objetivo numa parede distante do grupo, mas visível para todos(as) (como a lousa ou uma das paredes da sala).

Etapa 2 - Elencar obstáculos.

Falar para o grupo que o nosso objetivo está distante e que para atingi-lo temos um caminho sem obstáculos. Mas será



que isso é verdade? Então, pedir para que os(as) trabalhadores(as) elenquem as dificuldades para se atingir esse objetivo. Os obstáculos devem ser escritos cada um em uma folha sulfite em um tamanho legível para todos(as). Colar cada sulfite, com o obstáculo escrito, no encosto de uma cadeira, que se torna um obstáculo entre os(as) trabalhadores(as) e o objetivo. No final dessa parte, teremos várias cadeiras, uma do lado da outra, indicando as dificuldades a serem superadas;

Etapa 3 – Elençar soluções.

Depois disso, cada problema (cadeira) é encaminhado para um grupo que pensará pense possíveis soluções para esse obstáculo (escrever as soluções na mesma folha sulfite do obstáculo a ser superado). As cadeiras voltam e faz-se a leitura coletiva das soluções perguntando se mais pessoas possuem sugestões de soluções;

Etapa 4 – Organização e priorização dos obstáculos.

Feito isso, dá-se de 15 a 20 minutos para que o grupo todo organize as dificuldades (cadeiras) de acordo com a relação de causa e efeito. Apenas depois de organizadas as cadeiras a partir dessas relações é que se segue para a etapa de priorização das ações.

Observação: É importante, nesta parte, observar a dinâmica do grupo: se apenas 1 ou 2 centralizam o debate, ou se várias pessoas se manifestam. É importante estimular que os trabalhadores e as trabalhadoras mexam na cadeira justificando seu ato. Caso fique claro que o grupo ainda não se organiza adequadamente, não respeitando as idéias dos outros ou polarizando a ação em poucos, ao final, é importante incluir outro obstáculo à frente de todos os outros obstáculos: “Organização – saber trabalhar em grupo, saber dar a própria opinião e respeitar a do outro”.

Etapa 5 – Sistematização e construção de calendário.

Sistematizar as prioridades, estabelecendo datas e prazos, e afixar no empreendimento esse material para que os(as) trabalhadores(as) possam acompanhar o trabalho da equipe por meio de um calendário de grande visibilidade. Esse calendário deve conter as atividades, os responsáveis e alguma imagem que identifique a atividade. Utilizar imagens para montar o calendário, no qual cada imagem represente uma atividade (cruz vermelha = oficina de saúde; instrumento de trabalho = oficina de produção etc.). Essa medida auxilia na visualização do calendário, principalmente para as pessoas não alfabetizadas.

Observação: O calendário coletivo das atividades de incubação é uma ferramenta importante para a organização e sistematização de planejamentos (podendo ser usado para encerrar outras oficinas de planejamento), facilitando o acompanhamento do processo de incubação pelo empreendimento.





Imagem 5

	DIA	OFICINA	RESPONSÁVEIS
J u n h o	09/06	Oficina de logotipo	Diana, Ioli, Karin, Ricardo
	20/06	Contabilidade \$	André, Karin
	23/06	Diagnóstico de saúde +	Tatiana, Ioli, Diana
J u l h o	30/06	Registro Histórico	Diana
	07/07	Comunicação Interna	Diana, Tatiana, Ioli
A g o s t o	21/07	Saúde do trabalhador +	Tatiana e Diana
	28/07	Contabilidade \$	André
	21 ou 22/08	Oficina P&T	Tatiana, Ioli, Ricardo
S e t e m b r o	28 ou 29/08	Oficina P&T	Tatiana, Ricardo, André
	4 ou 5/09	Oficina P&T	Tatiana, Ricardo, Ioli/André
		Contabilidade \$	André
O t u b r o		Plantão	Ioli
		Oficina de Gênero	Karin
		Oficina sobre Estatuto	
N o v e m b r o		Contabilidade \$	André
		Plantão	
		Consciência Corporal +	Tatiana
D i z e m b r o		Economia Política	André, Karin
		Teatro do Oprimido	Diana, Ioli
		Contabilidade \$	André
J a n e i r o		Plantão	Ioli

Figuras Exemplo de Oficina realizada no IDESC e exemplo de calendário

ENCERRAMENTO

Fazer uma roda de conversa sobre a atividade, tentando associar o debate à elaboração do plano de incubação.





Teatro do oprimido

OBJETIVO

Debater, através da interpretação de uma cena, alguma problemática do universo do grupo.

CATEGORIAS

coesão e conflito
criação e arte
org. política

DURAÇÃO

2 horas

MATERIAL NECESSÁRIO

- material para interpretação cênica.

INTRODUÇÃO

“Penso que todos os grupos teatrais verdadeiramente revolucionários devem transferir ao povo os meios de produção teatral, para que o próprio povo os utilize, à sua maneira e para os seus fins. O teatro é uma arma e é o povo quem deve manejá-la!” (Boal, 1977, p.127).

O “teatro do oprimido” é muito utilizado para trabalhar situações de opressão. Nos empreendimentos, a utilização dessa ferramenta estimula a reflexão, o debate e a criação de estratégias para o seu enfrentamento. Antes de iniciar o exercício prático é preciso debater o que é opressão com o grupo e solicitar voluntários para relatar histórias de opressão relacionadas ao empreendimento.

Importante ressaltar que para a realização dessa oficina o(a) formador(a) deve ter experiência com a mediação de oficinas de Teatro do Oprimido.

Em anexo, o relato de uma oficina realizada no contexto de incubação.

DESCRIÇÃO/ROTEIRO DA ATIVIDADE

Etapa 1

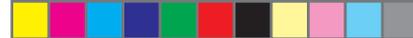
Eleger uma história dentre as relatadas pelos(as) trabalhadores(as) para encenar.

Etapa 2

Montagem do cenário e escolha das pessoas que interpretarão a cena, os(as) formadores(as) podem estar envolvidos nessa composição.

Etapa 3

Explicar a atividade: a cena vai ser reproduzida conforme foi relatada, caso a platéia note que algo foi esquecido ou feito de maneira diferente poderá se manifestar.



Etapa 4

Interpretação da cena de acordo com as opiniões da platéia. Os papéis entre o palco e a platéia podem se inverter durante o desenvolvimento da cena. Depois de estabelecida a situação de opressão a platéia é convidada a se manifestar para sugerir maneiras de enfrentar o problema. O espectador que sugerir uma forma de reação deve ser convidado a encenar sua sugestão. O(A) formador(a) pode ter em mãos algumas situações para serem sugeridas durante a peça, se a atividade não se desenvolver conforme o esperado. Essas situações devem estar relacionadas com a problemática do grupo.

ENCERRAMENTO

Depois da dinâmica, deve ser feita uma roda onde o grupo expõem problemas, situações complicadas, interessantes ou curiosas que viveram na cena apresentada. Vale ressaltar que, na própria encenação, pode-se encontrar a resolução do conflito.

ANEXO

Relato da oficina feito pela atriz Fabiana Fonseca, na associação de profissionais do sexo de Campinas "Mulheres Guerreiras".

O tema da oficina era “O mundo do cliente”, então tive a idéia de experimentar, pela primeira vez, o teatro como forma ativa de refletir sobre esse tema. Depois de mais de um ano participando das reuniões, achei que era o momento de propor uma atividade teatral. Fiquei muito empolgada com a idéia! Fui com tudo preparado: pensei numa brincadeira pra acordar o corpo e depois já iríamos pra cena... Pensei em montar um quarto na sala de reuniões: uma formadora levou uma colcha de cetim vinho, levei uma luminária vermelha, umas calcinhas brilhantes e provocantes com algumas frases coladas, um sutiã para a pessoa que representasse a profissional do sexo e uma camisa para quem representasse o cliente.

Pedi para que se levantassem e respirassem um pouco... Dividi as pessoas em dois grupos, cada grupo ficava atrás de uma linha colorida. A idéia era fazer um jogo baseado na brincadeira infantil “barra manteiga”, onde se canta uma música, escolhe-se uma pessoa, bate na mão dela e sai correndo para o seu grupo, mas pensei em já inserir algum elemento do mundo do cliente, então mudei a letra da música da brincadeira. Ao invés de “barra manteiga na fuça da nega 1,2,3”, propus “loira, alta, baixa, magra, a escolhida foi você”, qual profissional o cliente vai escolher?? O melhor foi que, logo de cara, elas compreenderam a brincadeira e começaram a criar suas próprias músicas: “negra, índia, feia, gorda, gostosa... A escolhida foi você!” e, assim, o jogo aconteceu de uma forma





livre e descontraída! Voltamos pra sala, já estava estabelecido o espaço do palco e da platéia, coloquei a música “Fever”, catada por Peggy Lee, e disse que precisaria da colaboração delas. Vesti um sutiã na Joana, a mulher que representaria a profissional do sexo, e, segurando a camisa, pedi uma voluntária para representar o cliente... Demorou um pouco... Até que Gisele levantou e vestiu a camisa! A situação era a que elas vivem todos os dias, a profissional estava na praça, chegava o cliente, eles negociavam o programa e iam ou não pra o quarto. Começou a cena, Gisele literalmente vestiu a camisa e entrou no jogo, mas num determinado momento parou e disse “mas ela não vai fazer nada”, ou seja, a profissional deveria agir de outra forma, pedi que uma das meninas viesse representar então como acontecia, veio a Sofia... e assim foi acontecendo, outras mulheres foram entrando em cena, vivenciamos plenamente uma oficina de teatro do oprimido, técnica teatral desenvolvida por Augusto Boal, onde não há divisão entre atores e espectadores, todos podem atuar e participar dando opiniões. A Amanda também entrou em cena, a Bia, e, se divertindo, elas foram revivendo as situações com os clientes. Muitas questões surgiram: o cliente não queria usar camisinha, queria baratear o programa... Mas, num determinado momento, as cenas não avançavam, por isso já tinha preparado algumas frases que recolhi do texto da minha peça “Eu quero ver a Rainha” (com depoimentos de profissionais do sexo do Jd. Itatinga). Li em voz alta para que estimulasse a representação de outras situações:

“tem uns que pagam só pra conversar, pagam pra num fazer nada”

“tem uns que tem preconceito, nem toca na gente”

“ele queria que eu comesse e batesse nele bastante”

“tem um que eu gosto bastante, que eu me defino mais com ele”

Um dos formadores entrou como cliente e buscou criar situações abordando os temas sugeridos pelas frases; fez um cliente que queria conversar, que tinha algumas taras esquisitas e assim a cena se desenrolou... foi realmente um momento de muito prazer, onde todos pudemos refletir de maneira ativa.

A ITCP/UNICAMP acompanha desde 2006 uma associação de profissionais do sexo, um projeto em parceria com o programa de prevenção a DST/AIDS da Secretaria Municipal de Saúde de Campinas. Esse trabalho de incubação, apesar de ter uma série de especificidades, tem o mesmo público de trabalhadores(as) de baixa renda que buscam alternativas de organização solidárias ao trabalho precário.

*todos os nomes presentes no relato são fictícios.





CATEGORIAS

corpo e saúde

DURAÇÃO

2 horas

MATERIAL NECESSÁRIO

- Figuras dos temas abordados.

Sexualidade

OBJETIVO

Trabalhar questões de sexualidade com os(as) trabalhadores(as): anatomia e funcionamento dos órgãos sexuais masculinos e femininos, métodos contraceptivos e doenças sexualmente transmissíveis (DSTs).

INTRODUÇÃO

A intenção desta oficina é que os(as) trabalhadores(as) possam conhecer melhor o seu corpo e o do(a) parceiro(a), podendo prevenir uma possível gravidez indesejada e conhecendo os métodos para evitar uma possível DST. O debate deve ser guiado baseando-se nas questões trazidas pelos(as) trabalhadores(as) ao longo da discussão e no material preparado. Apesar de não estar diretamente relacionado ao processo de trabalho, esse é um tema importante de ser tratado nos empreendimentos, por ser um tema tabu e que muitas vezes os(as) trabalhadores(as) nunca tiveram acesso. A demanda por esse tipo de discussão surgiu em empreendimentos com trabalhadores(as) jovens.

DESCRIÇÃO/ROTEIRO DA ATIVIDADE

O debate é iniciado com a pergunta geradora: “O que é sexo?”.

Etapa 1 - Anatomia e funcionamento.

Após debate inicial sobre a questão, são exibidas figuras ilustrativas dos aparelhos genitais masculino e feminino, interna e externamente. As partes do corpo podem ser apontadas para que os(as) trabalhadores(as) respondam, quando souberem, qual parte do corpo é aquela e qual sua função (exemplos: uretra, trompas, ovários etc.). Também, deve ser incluído no debate o funcionamento hormonal e as fases do período menstrual.

Etapa 2 - Métodos contraceptivos.

Em um segundo momento, podem ser discutidos os métodos anticoncepcionais. Os materiais podem ser levados para



que os(as) trabalhadores(as) tenham contato com métodos menos conhecidos, como, por exemplo, o diafragma.

Etapa 3 – Doenças sexualmente transmissíveis.

Finalmente, também com figuras grandes, pode-se debater a questão das doenças sexualmente transmissíveis: qual a forma de contágio, as manifestações/sintomas, os prejuízos para a saúde a curto e longo prazo, as formas de se evitar o contágio e o tratamento existente para cada caso.

ENCERRAMENTO

Ao final da oficina é interessante que um formador e uma formadora que tenham participado da oficina se coloquem a disposição para responder outras dúvidas que surjam, bem como para responder perguntas sobre saúde e sexualidade que trabalhadores(as) queiram fazer em caráter particular.





CATEGORIAS

comunicação
identidade

DURAÇÃO

3 encontros
de 2 horas

MATERIAL NECESSÁRIO

- papel pardo;
- pincéis atômicos;
- cola;
- tesouras;
- folhas sulfite;
- imagens relacionadas ao empreendimento.

Como apresentar o empreendimento à sociedade?

OBJETIVOS

- Aprimorar conhecimentos sobre cooperativismo e sobre o empreendimento;
- Estimular e exercitar a expressão verbal para apresentação ao público.

INTRODUÇÃO

A intenção da oficina é oferecer subsídios para que os(as) trabalhadores(as) sintam-se seguros para apresentar o empreendimento à população, em visitas de escolas, em eventos etc. Esta oficina é interessante para evitar que apenas um representante do empreendimento assumira esse papel, para que todo o grupo se sinta seguro e capacitado para apresentar o empreendimento a visitantes e em eventos.

DESCRIÇÃO/ROTEIRO DA ATIVIDADE

Para que os(as) trabalhadores(as) se sintam aptos a apresentar o empreendimento, recomenda-se levantar dois temas principais relacionados ao empreendimento (na oficina em questão, os temas foram “meio ambiente” e “o cooperativismo”). Para isso, a oficina será dividida em duas partes temáticas (realizadas em dois encontros distintos) e um terceiro encontro, quando será retomado o que foi discutido e será feita uma simulação de apresentação do empreendimento pelos(as) trabalhadores(as).

Primeiro Encontro:

Etapa 1. Falar sobre a importância da voz para a comunicação, inspirar-se em trecho do livro “Essa escola chamada vida” (entrevista com Paulo Freire e Frei Betto, organizada pelo Ricardo Kotscho, ver bibliografia, p. 149), em que Frei Betto faz o seguinte depoimento: “Por que o trabalhador tem dificuldade de falar? Porque o seu trabalho dispensa a



palavra. Ele tem que ser o apêndice da máquina e da enxada. Então, quando ele fala, parece ter a mesma dificuldade que a máquina e a enxada têm para falar e produzir a palavra. E o que eu fazia? Eu dizia ‘olha, vamos hoje fazer um passeio pelas nossas próprias bocas. Vamos abrir a boca. Mais, mais! Agora, passem a língua em toda a boca. Agora enfiem a mão direita no céu da boca, na língua, nos dentes, bochecha esquerda, direita. Agora, com as duas mãos...’ Assim, eles iam tomando consciência de como a boca é um órgão de expressão muito maior do que pensamos e que, em geral, temos pudor, preguiça de usar”. Fazer um exercício parecido com os(as) trabalhadores(as) e enfatizar que, para que as pessoas sintam-se aptas a apresentar o empreendimento, elas têm que, em primeiro lugar, perder a timidez de falar em público. Por isso, resolvemos iniciar as oficinas com jogos corporais, com a intenção de trabalhar a desinibição e a fala.

Etapa 2. Dinâmica corporal com a voz. Pode-se escolher uma música que todos(as) conheçam e cantar junto. O objetivo é que todas as pessoas, em determinado momento, estejam cantando.

Etapa 3. Levantamento dos pontos que os(as) trabalhadores(as) consideram importantes para a apresentação do empreendimento.

Etapa 4. Os(As) trabalhadores(as) são divididos em dois grupos e separados em volta de mesas. Nas mesas, são colocadas fotos retratando o tema gerador com a intenção de propiciar um debate sobre aquele tema, fazer relações com o trabalho no empreendimento (por exemplo, na oficina em questão, o tema era meio ambiente e foram levadas fotos de meio ambiente degradado e poluído e colocadas em uma mesa junto com materiais recicláveis; pediu-se para que fizessem a relação entre as imagens e os objetos).

Etapa 5. Após a discussão em grupo, faz-se uma roda com os(as) trabalhadores(as) e pede-se para que as pessoas falem das relações estabelecidas entre as diversas imagens.

Etapa 6. Montagem de um mural contendo as informações discutidas, com as imagens disponibilizadas. A intenção é que o mural sirva de apoio aos(as) trabalhadores(as) quando precisarem falar da questão aos visitantes do empreendimento (o(a) formador(a) e os(as) trabalhadores(as) devem pensar em algum espaço do empreendimento para guardar esses materiais, para que sejam retomados posteriormente).

Etapa 7. Pedir para que voluntários(as) vão à frente e apresentem o mural.

Etapa 8. Fazer uma rodada de avaliação coletiva, na qual todos(as) devem completar oralmente três frases: “Eu elogio...”, “Eu critico...” e “Eu proponho...”, relacionadas à oficina realizada (essa atividade é uma adaptação do método de avaliação de Freinet. Ver bibliografia, p. 149).



Segundo Encontro:

Realizar a oficina **O Cooperativismo e a minha história (p. 86)**

Terceiro Encontro:

Simular a apresentação do empreendimento.

Etapa 1. Relembrar as duas últimas oficinas com os(as) trabalhadores(as): o tema gerador do empreendimento, o trabalho no empreendimento e a oficina sobre cooperativismo.

Etapa 2. Atividade prática: simulação de uma apresentação do empreendimento. Pedir aos(as) trabalhadores(as) interessados(as) para apresentarem o empreendimento para os(as) outros(as) trabalhadores(as) a partir do que foi discutido nas duas últimas oficinas e, se precisarem, com apoio de elementos escritos em papel pardo, elaborados no decorrer desse processo (buscar os materiais guardados no empreendimento). Esta oficina pode ser uma oportunidade para debater a produção de meios de comunicação que divulguem o empreendimento (ver oficina: **Diagnóstico de comunicação externa, p30**).

ENCERRAMENTO

Avaliar coletivamente se a atividade ofereceu subsídios suficientes para as pessoas se sentirem seguras para apresentar o empreendimento à sociedade.

É interessante que, antes de realizar essa oficina, o empreendimento já tenha feito um debate com relação ao cooperativismo e as relações de produção, sendo indicado realizar a oficina **Dinâmica da fábrica capitalista (p. 137)** antes dessa série de oficinas.



CATEGORIAS

identidade
org. política

DURAÇÃO

2 horas

MATERIAL NECESSÁRIO

- papel pardo;
- pincéis atômicos;
- cola;
- tesouras;
- folhas sulfite;
- imagens diversas.

O cooperativismo e a minha história

OBJETIVOS

Trabalhar os conceitos do cooperativismo e chegar ao tema do empreendimento através das histórias de vida dos(as) trabalhadores(as), por meio de atividades que envolvam desinibição corporal e memória.

INTRODUÇÃO

Essa oficina tem o intuito de relacionar a história de vida dos(as) trabalhadores(as) ao contexto histórico e ao momento do cooperativismo. A proposta é construir autoconhecimento que possibilite o estabelecimento de uma identidade coletiva conectada a um contexto maior que o do empreendimento.

DESCRIÇÃO/ROTEIRO DA ATIVIDADE

Etapa 1 – Exposição da voz.

Jogo corporal, com a intenção de trabalhar a desinibição e a exposição em público. Fazer uma roda e propor uma atividade de utilização da voz ou de movimentos corporais.

Sugestão: uma pessoa começa um movimento ou um som e a pessoa ao lado tem que imitar o movimento e inventar outro. O terceiro imita os dois anteriores e cria outro e assim por diante.

Como continuação, pode ser feita outra atividade: uma pessoa vai ao centro da roda e faz qualquer movimento ou som e as pessoas da roda a imitam. Uma atividade com um grau de dificuldade um pouco maior em relação à atividade anterior, já que esta implica a ida ao centro e a imitação coletiva de uma criação pessoal.

Etapa 2 – Atividade em grupo.

Pedir aos(as) trabalhadores(as) para que se dividam em dois grupos que ficarão em mesas/locais diferentes. Colocar figuras nas mesas, com imagens diversas e contrastantes: trabalhadores(as) informais, catadores(as) de lixo,

peças de papelão, jornais, revistas, fotos, imagens de pessoas pobres e ricas, barracos e casas grandes, carros velhos e novos, trabalhadores(as) diversos(as), transporte público lotado, favela, imagens de pessoas desnutridas, entre outras. Pedir para as pessoas discutirem as figuras e relacionarem, de alguma forma, com sua história de vida, dizendo como se aproximaram do empreendimento. Cada grupo ficará encarregado de escolher uma história de vida para apresentar ao coletivo.

Etapa 3 – Nossa história.

Fazer uma roda e pedir para as pessoas escolhidas pelos grupos contarem suas histórias. Ao final dessa atividade, relacionar as histórias e falar um pouco da história do Brasil e sobre a relação entre a história do país e as histórias de cada um: a vida no campo, o êxodo rural, a vida na cidade, o desemprego e o empreendimento como uma alternativa de geração de trabalho e renda.

ENCERRAMENTO

Para complementar esta atividade, recomenda-se realizar a oficina **Linha do tempo – nosso lugar na história (p. 28)**.



27

Equipamentos de Proteção Individual (EPIs)

CATEGORIAS

corpo e saúde
produção

DURAÇÃO

1 hora

MATERIAL NECESSÁRIO

- EPIs utilizados no empreendimento;
- papel pardo;
- pincéis atômicos.

OBJETIVOS

- Estimular os(as) trabalhadores(as) a utilizar os Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) necessários à sua atividade de trabalho;
- Debater a adequação dos EPIs disponíveis à realidade dos empreendimentos incubados.

INTRODUÇÃO

A utilização de EPIs pelos empreendimentos nem sempre acontece. Muitas vezes, por causa das suas condições socioeconômicas, os empreendimentos não adquirem os equipamentos necessários. No entanto, outras vezes os equipamentos disponíveis não são adequados ao trabalho realizado. Um exemplo disso são as luvas utilizadas por empreendimentos de separação de resíduos sólidos. As luvas disponíveis ou não protegem os(as) trabalhadores(as) dos diversos riscos (cortes, contaminação) ou não são maleáveis o suficiente. Por isso, o debate sobre EPIs deve passar pela discussão dos riscos presentes no trabalho realizado, mas também pela viabilidade de adquirir os equipamentos e pela disponibilidade de equipamentos adequados.

É fundamental que o(a) formador(a) estude antes, de acordo com a regulamentação daquela atividade de trabalho, quais os EPIs necessários para o(a) trabalhador(a).

DESCRIÇÃO/ROTEIRO DA ATIVIDADE

Levantar, junto aos(as) trabalhadores(as), quais os riscos que acreditam correr na realização da atividade de trabalho e quais as formas possíveis para evitá-los e/ou preveni-los.

Com base na discussão, apresentar os EPIs necessários àquela atividade de trabalho e discutir com o grupo a utilidade ou adequação de cada um dos equipamentos, bem



como as dúvidas e incertezas quem envolvem o uso desses equipamentos. Caso haja inadequações de algum EPI, buscar soluções alternativas e discutir a viabilidade dessas soluções propostas, tanto do ponto de vista da segurança do(a) trabalhador(a) quanto do custo deste equipamento.

Debater, também, práticas alternativas de proteção utilizadas pelos(as) trabalhadores(as) e os riscos e potencialidades associadas a elas.

Discutir a viabilidade da compra desses EPIs pelo empreendimento em questão e as conseqüências legais de sua não utilização.

ENCERRAMENTO

O empreendimento deve munir-se de recursos (financeiros, cognitivos) para escolher quais EPIs irá utilizar com objetivo de garantir a segurança dos(as) trabalhadores(as) dentro de suas possibilidades. Um encaminhamento possível para a atividade é, a partir desta oficina, começar a pensar na formação de uma Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (CIPA), caso o empreendimento ainda não possua uma.





CATEGORIAS

corpo e saúde

DURAÇÃO

1 hora

MATERIAL NECESSÁRIO

- série de alongamento.

Oficina de alongamento

OBJETIVO

Incentivar o empreendimento a realizar pausas e alongamentos durante a atividade de trabalho a fim de prevenir Lesões por Esforços Repetitivos/Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (LER/DORT).

INTRODUÇÃO

Essa oficina busca debater como os(as) trabalhadores(as) compreendem a saúde do(a) trabalhador(a) e a questão da ergonomia. Para isso, é necessário discutir a importância de se fazer pausas e alongamentos durante a jornada de trabalho e estar atento quando o corpo pede para ser alongado.

Caso o(a) formador(a) não seja da área da saúde, aconselhamos a consulta a um profissional da área, tanto para elaboração do material didático quanto para execução da oficina.

DESCRIÇÃO/ROTEIRO DA ATIVIDADE

Após fazer um debate inicial sobre saúde do(a) trabalhador(a), ergonomia e a necessidade do alongamento durante o trabalho, falar sobre como o corpo é feito para o movimento e, a partir disso, iniciar a atividade de alongamento.

Cada exercício deve ser realizado primeiro de um lado do corpo, com pausa para perceber a diferença entre os dois lados, para então realizar o exercício do outro lado e poder, assim, perceber a diferença.

A idéia é fazer um exercício de alongamento, sentindo o corpo. Os exercícios devem ser realizados pelo(a) formador(a) e, em seguida, realizados pelos(as) trabalhadores(as) que o imitam como um “espelho”. Caso algum(a) trabalhador(a) tenha maior dificuldade na realização do exercício, o(a) formador(a) pode ajudá-lo(a) com instruções verbais ou mesmo auxiliando-o(a) fisicamente a realizar o movimento.



ENCERRAMENTO

Após o exercício, propor o debate sobre a importância da consciência corporal para a saúde do(a) trabalhador(a). Ajudar o grupo a pensar como realizar a atividade de trabalho: qual a força colocada na atividade, qual a melhor forma para o corpo realizar cada atividade. A partir disso, o(a) trabalhador(a) pode perceber se o espaço de trabalho é ou não adequado. O debate deve ser guiado pelo(a) formador(a), baseando-se nas fichas preenchidas na atividade **Entrevistas para conhecer o empreendimento (p. 56)** e nas informações que surgirem durante a oficina de alongamento.

Encerrado o debate, o grupo deve estipular coletivamente um período de descanso para alongar o corpo e sua periodicidade, durante o trabalho, bem como um conjunto de exercícios para realizar nessas pausas.

Uma sugestão interessante é realizar um registro fotográfico desta atividade, com os(as) próprios(as) trabalhadores(as) de modelos, demonstrando como devem ser feitos os exercícios. Esse material pode ser organizado pelo(a) formador(a) de maneira a montar um painel com a seqüência de exercícios a ser fixado no espaço de trabalho do empreendimento.





CATEGORIAS

corpo e saúde
produção

DURAÇÃO

2 horas

MATERIAL NECESSÁRIO

- material semelhante ao triado pelo empreendimento;
- adesivos numerados;
- apostila “Perigos do Lixo” (em anexo).

Perigos do lixo

OBJETIVOS

- Debater com os empreendimentos que trabalham na triagem/catação de materiais recicláveis (resíduos sólidos), os riscos que envolvem a atividade, principalmente, quando realizada sem os equipamentos de proteção necessários;
- Debater os riscos que envolvem o consumo do material triado (alimentos, medicamentos, produtos de higiene etc.);
- Encaminhar a discussão sobre o uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) e medidas de profilaxia, como a vacinação, no empreendimento.

INTRODUÇÃO

Para preparar esta oficina é necessário que o(a) formador(a) tenha um diagnóstico dos hábitos envolvidos no trabalho de triagem desses(as) trabalhadores(as): utilizam-se os Equipamentos de Proteção Individual necessário e quais produtos são utilizados para consumo pessoal.

Antes de iniciar a atividade, o(a) formador(a) deve selecionar materiais semelhantes aos selecionados pelos(as) trabalhadores(as) de forma que cada trabalhador(a) que for participar da oficina receba uma sacola com todos os tipos de materiais.

Uma numeração será criada para cada risco à saúde passível de ser encontrado (exemplo: tétano, conjuntivite, perfuração etc.). Devem ser feitos adesivos com esses números que serão colados nos materiais que apresentarem esse risco. É interessante montar um material para deixar com os(as) trabalhadores(as) contendo os temas abordados com figuras ilustrativas (consultar apostila “perigos do lixo”, em anexo).

Caso o(a) formador(a) não seja da área da saúde, aconselhamos a consulta a um profissional da área, tanto para elaboração do material didático quanto para execução da oficina.

DESCRIÇÃO/ROTEIRO DA ATIVIDADE

Antes de iniciar, explicar a atividade para todos(as). Uma sacola de material será entregue a cada um(a) dos(as)



trabalhadores(as) (também é possível fazer em duplas ou trios), que deverão triar o material de acordo com as seguintes categorias: 1) material para a reciclagem (que o empreendimento vende); 2) material que eu levo para casa e uso; 3) rejeito (aquilo que volta para o lixo).

Ao final do processo de triagem, o(a) formador(a) explica a idéia dos números: cada um deles corresponde a uma doença ou a um “perigo do lixo”. “Quem consegue pensar qual seria?”. A idéia é que os(as) trabalhadores(as) possam olhar para o material e debater a questão: o que poderia acontecer com o consumo daquele material ou seu manuseio sem a utilização do EPI? O(A) formador(a) media a discussão e explica cada um dos números de acordo com a curiosidade dos(as) trabalhadores(as).

ENCERRAMENTO

Ao final desta atividade, o grupo deve estar munido de recursos para escolher, de forma consciente, como realizar seu trabalho, quais produtos consumir e quais os riscos implicados nessas escolhas.

O debate deve ser guiado pelo(a) formador(a) baseando-se nas questões trazidas pelos(as) trabalhadores(as) ao longo da discussão e pelo material preparado.

A discussão pode levar a algum encaminhamento coletivo do grupo sobre o uso de Equipamentos de Proteção Individual e medidas de profilaxia, como a vacinação dos(as) trabalhadores(as), por exemplo. Dependendo dos resultados, o(a) formador(a) pode realizar a oficina **Equipamentos de Proteção individual (EPIs)** (p. 88).

ANEXOS

Apostila Perigos do Lixo

Há muito tempo atrás, os resíduos gerados pelo homem eram, basicamente, excrementos. Posteriormente, com o início da atividade agrícola e de produção de ferramentas de trabalho e de armas, surgiram outros tipos de resíduos. Ainda assim, esses resíduos eram provenientes de produtos de origem natural (estacas, barro, couro etc.). Portanto, a sua disposição no meio não causava grandes impactos ambientais. Além disso, a quantidade descartada não era tão grandiosa como nos dias de hoje.

Atualmente, os produtos feitos pelo homem ainda são fabricados a partir de recursos naturais, mas passam por tantas transformações que não podem ser degradados pela natureza em tempo hábil. Além disso, a quantidade de lixo gerada é muito grande.





As demais espécies viventes na Terra também geram resíduos. Mas muitas substâncias descartadas por certos organismos, além de serem constituídas por matéria orgânica, são reutilizadas por outros como fonte de alimento. A palavra reciclagem significa alterar o ciclo ou dar um novo ciclo de vida a algo que já existe. Isto é algo que todas as espécies fazem sem hesitar. Atualmente, o homem percebe a necessidade de reciclar, pois os problemas gerados pelo acúmulo de lixo são muitos:

Se o lixo é constantemente jogado em rios ou córregos, vão se acumulando a ponto de não permitir o fluxo para locais onde o rio é canalizado. Isto resulta nas enchentes;

O lixo exposto ao ar atrai inúmeros animais, pequenos ou grandes. Os primeiros a aparecer são as bactérias e os fungos, fazendo seu fantástico papel na natureza. O cheiro da decomposição se alastra com o vento e atrai outros organismos, como baratas, ratos, insetos e urubus que, além de se nutrirem a partir da matéria orgânica presente no lixo, proliferam-se, pois o local também lhes oferece abrigo. Esses animais são veiculadores (vetores) de muitas doenças, podendo ser citados a febre tifóide, a cólera, diversas diarreias, disenteria, tracoma, peste bubônica;

Quando o lixo se acumula e permanece por algum tempo em determinado local, começa a ser decomposto por bactérias anaeróbicas, resultando na produção de chorume, que é 10 vezes mais poluente que o esgoto. Isto por que o chorume dissolve substâncias como tintas, resinas e outras substâncias químicas e metais pesados de alta toxicidade, contaminando o solo e impedindo o crescimento das plantas, podendo chegar aos lençóis freáticos em dias chuvosos (pois aumenta a penetração do solo);

Quando chove, os líquidos que saem do lixo caem nas águas subterrâneas (processo conhecido como lixiviação), poluindo águas de rios que servem de “habitat” para inúmeras espécies e fonte de água para muitas outras, inclusive o homem. A poluição pelo lixo pode chegar até o oceano atingindo mais e mais espécies, causando considerável desequilíbrio ecológico;

Mesmo que os resíduos sólidos não sejam queimados, o material orgânico em decomposição gera, além do chorume, gás metano (CH_4) e outros gases (como o gás sulfídrico) que causam odores desagradáveis, escurecem a pintura dos edifícios vizinhos e tornam-se explosivos quando colocados em um depósito ou outro espaço fechado. Além disso, pessoas mais sensíveis podem desenvolver doenças respiratórias;

É muito comum o lixo ser queimado para que se diminua seu volume, evitando uma aparência desagradável e a proliferação dos vetores. A queima de qualquer material libera CO_2 (gás carbônico) na atmosfera, gás tóxico em grandes quantidades (o que já acontece devido à emissão por fábricas e carros). Além desse gás, outros, também altamente tóxicos, são liberados na atmosfera;

Com a incineração, os problemas como as doenças, quantidade e volume excessivo de lixo e “poluição estética” são amenizados. Entretanto, os resíduos ainda fornecem risco potencial ao ambiente. O plástico é o pior deles. Podem-se formar, com a incineração, ácidos halogenados a partir das moléculas de cloro existentes em alguns plásticos (como o PVC) que podem ser responsáveis pela acidificação de águas e de solos e pela síntese de dioxinas e furanos, sendo necessário um sistema





de tratamento rigoroso de gases (o que tem um custo muito elevado e, portanto, não é muito freqüente).

Além disso, o acúmulo de lixo em determinada região impossibilita o uso do espaço para outras finalidades. (cada tonelada de lixo solto, isto é, sem sofrer compactação, ocupa um volume entre 3 e 5 metros cúbicos).

Quanto mais lixo é gerado, maiores são os gastos da prefeitura e do governo com os serviços necessários para a manutenção de uma cidade ou país. Por isso, a situação está como a encontramos hoje: problemas sociais, fome, falta de estrutura pública, principalmente na saúde e na educação.

Devido à enorme quantidade de animais atraídos pelo lixo e também à dificuldade de higiene nos espaços de triagem, o contato direto com resíduos do lixo pode acarretar na contração de diversas doenças. Principalmente, os(as) trabalhadores(as) envolvidos(as) na triagem do material reciclável estão muito propensos(as) a contrair tais doenças, sendo necessário o uso de equipamentos de segurança e também a observação de diversos hábitos de higiene e profilaxia para a manutenção da saúde. Citam-se, a seguir, algumas doenças possíveis de se contrair através do contato com o lixo:

Leptospirose: A leptospirose é uma doença infecciosa febril, aguda, potencialmente grave, causada por uma bactéria, a *Leptospira interrogans*. O risco de adquirir leptospirose pode ser reduzido evitando-se o contato ou ingestão de água que possa estar contaminada com urina de animais, da mesma forma, alimentos armazenados de maneira indevida ou retirados do lixo não devem ser ingeridos devido ao risco de contato com a urina de rato. A presença de pequenos ferimentos na pele facilita a penetração, que pode ocorrer também através da pele íntegra quando a exposição é prolongada. Equipamentos de proteção, como botas e luvas impermeáveis, devem ser oferecidos às pessoas com risco ocupacional.

Tétano: O tétano é uma doença grave causada pela toxina produzida por uma bactéria, o *Clostridium tetani*. Essa bactéria é encontrada no ambiente (solo, esterco, superfície de objetos) sob uma forma extremamente resistente, o esporo. Quando contamina ferimentos, sob condições favoráveis (presença de tecidos mortos, corpos estranhos e sujeira), torna-se capaz de produzir a toxina, que atua em terminais nervosos, induzindo fortes contrações musculares. O tétano é uma doença imunoprevenível. Como não é possível eliminar os esporos do *Clostridium tetani* do ambiente, para evitar a doença é essencial que todas as pessoas estejam adequadamente vacinadas.

Hepatite A: A hepatite A é uma doença infecciosa aguda, causada pelo vírus da hepatite A, que produz inflamação e necrose do fígado. A transmissão deste vírus é fecal-oral, através da ingestão de água e alimentos contaminados ou, diretamente, de uma pessoa para outra. A hepatite A pode ser evitada através: das medidas de prevenção contra doenças transmitidas por água e alimentos; da vacinação e, em algumas situações, da utilização de imunoglobulina intramuscular.

Dermatite de contato: É a inflamação da pele resultante do contato direto com substâncias que causam reação alérgica ou inflamatória. O tipo mais comum é causado pelo contato com substâncias que podem ser irritantes. A dermatite de contato também pode ser provocada pela exposição a um determinado material ao





qual a pessoa seja hipersensível ou alérgica. Exemplo: ácidos, materiais alcalinos como sabonetes, detergentes, solventes, produtos vencidos ou estragados, fragrâncias, adesivos, cosméticos e outras substâncias químicas. Os sintomas são coceira na pele e formação de bolhas que podem estourar formando crostas e descamações. Se a pele não for tratada, poderá escurecer ficando grossa e rachada. É importante o uso de luvas de proteção ou outras formas de isolamento. Lavar as mãos, após a exposição, também é apropriado.

Cólera: O cólera é uma infecção intestinal aguda causada pelo *Vibrio cholerae*, que é uma bactéria capaz de produzir uma enterotoxina que causa diarreia. O *Vibrio cholerae* penetra no organismo humano por ingestão de água ou de alimentos contaminados (transmissão fecal-oral). O consumo de água tratada e o preparo adequado dos alimentos são medidas altamente eficazes de proteção individual. Quando o risco de infecção é muito elevado, é indicada a utilização das vacinas orais, como medida complementar.

Tracoma: Tracoma é uma doença infecciosa da conjuntiva causada pela *Chlamydia tracomatis*. É uma conjuntivite que pode levar à formação de cicatrizes na conjuntiva e córnea. É conhecida há séculos como uma importante causa de cegueira. A transmissão da doença pode ocorrer através do contato manual com os olhos, de toalhas ou roupas usadas para limpar o rosto e mãos.

Febre tifóide - Salmonella - Tifo: A febre tifóide é uma doença infecciosa potencialmente grave, causada por uma bactéria, a *Salmonella typhi*. Caracteriza-se por febre prolongada, alterações do trânsito intestinal, aumento de vísceras como o fígado e o baço e, se não tratada, confusão mental progressiva, podendo levar ao óbito. A principal forma de transmissão é a ingestão de água ou de alimentos contaminados com fezes humanas ou, menos freqüentemente, com urina contendo a *Salmonella typhi*. Mais raramente, pode ser transmitida pelo contato direto (mão-boca) com fezes, urina, secreção respiratória, vômito ou pus proveniente de um indivíduo infectado. A profilaxia mais efetiva é feita através do tratamento correto da água e da preparação adequada de alimentos.

Parasitas intestinais: Os **parasitas intestinais** são pequenos vermes que vivem no trato intestinal. Os mais comuns são: *Áscaris Lumbricóides*, *Ancilostomo Duodenale*, *Trichiuris Trichiura*, *Tênia Saginata*, *Tênia Solium*, Amebas e *Giardia*. São muitos os tipos desses vermes, os quais causam perda de apetite e de peso, diarreia, anemia, desordem de cólon e irritação do reto até o ânus. A transmissão pode ser pelo ato de comer alimentos mal cozidos ou crus, de procedência desconhecida e sem os cuidados de limpeza recomendados, beber água contaminada, contato com excremento humano ou animal. São indicados exames de fezes regulares, lavar bem os legumes e verduras, ferver a água de beber, lavar bem as mãos antes das refeições ou de qualquer alimentação, usar calçados e, em áreas com possível contaminação, tomar um vermífugo natural a cada três meses.





Massagem em duplas

OBJETIVO

Estimular outra forma de contato corporal por meio de uma atividade de relaxamento e massagem em duplas.

CATEGORIAS

corpo e saúde

DURAÇÃO

1 hora

MATERIAL NECESSÁRIO

- cadeiras;
- novelo de lã.

INTRODUÇÃO

Essa oficina é importante para mobilizar os(as) trabalhadores(as) na sensibilização de seu próprio corpo, buscando desconstruir a alienação do corpo no espaço de trabalho, para prevenir doenças relacionadas às atividades que o empreendimento realiza. A idéia é explorar alongamentos e massagens de acordo com o que se percebe da produção e da história do corpo de cada pessoa, possibilitando uma maior consciência corporal aos(às) trabalhadores(as). Vale ressaltar que nesta oficina a equipe de incubação precisa ter sensibilidade para sentir se os(as) trabalhadores(as) estão à vontade para realizar este tipo de atividade.

DESCRIÇÃO/ROTEIRO DA ATIVIDADE

Pedir aos(às) trabalhadores(as) para formarem duplas. Uma pessoa fica na cadeira e a outra fica posicionada atrás da cadeira. Pedir às pessoas que fiquem de pé para se espreguiçarem e esfregarem as mãos, umas nas outras, e comecem com um toque no próprio rosto. Depois, podem passar para o ombro do(a) companheiro(a) sentado(a), braços e cabeça. Para acabar, pedir para “varrerem a cara do(a) companheiro(a)” com um punhado de lã. Depois, cada um(a) da dupla troca de posição e a atividade é repetida.

ENCERRAMENTO

Discutir coletivamente as sensações de cada trabalhador(a) suscitadas pela atividade. Os pontos abordados podem auxiliar no encaminhamento de novas maneiras de relacionamento do corpo nas atividades diárias de trabalho como, por exemplo, estabelecimento de tempo de descanso, pausas para alongamento, posturas corporais etc.



CATEGORIAS

comunicação
criação e arte
identidade

DURAÇÃO

de 3 a 5 encontros
de 2 horas

MATERIAL NECESSÁRIO

- imagens de logomarca;
- imagens relacionadas ao grupo;
- papel pardo;
- pincéis atômicos;
- tesoura;
- cola.

Comunicação visual

OBJETIVOS

Criar coletivamente a marca/emblema/brasão do empreendimento e, a partir daí, produzir outros materiais de comunicação, como “banners” e cartões de visita.

INTRODUÇÃO

A logomarca/emblema/brasão quase sempre é visto como um trabalho externo ao empreendimento, isto é, uma tarefa a ser executada por um(a) profissional(a) de publicidade. Acreditamos, no entanto, que este trabalho deve ser realizado em conjunto com o empreendimento, e o(a) formador(a) deve mediar esse processo coletivo. E é exatamente isso que esta atividade propõe: a elaboração coletiva do emblema/brasão.

As palavras emblema e brasão foram utilizadas em detrimento da palavra logomarca por serem mais conhecidas pelos(as) trabalhadores(as).

Uma observação importante é que, para esta atividade, é necessário que os(as) trabalhadores(as) já tenham escolhido o nome do empreendimento. Caso contrário, veja a atividade **Nome e identidade visual (p. 109)**.

DESCRIÇÃO/ROTEIRO DA ATIVIDADE

Etapa 1 - Conceituando o que é marca/emblema/brasão

O trabalho inicia-se com a apresentação de uma série de exemplos de logomarcas comuns ao empreendimento. Pode-se mostrar também outras logomarcas produzidas coletivamente por outros empreendimentos populares. Também é interessante levar algum livro de comunicação visual, como exemplo. Nesse momento, deve-se debater coletivamente os significados das marcas/emblemas/brasões, construindo coletivamente o que seria sua função e significado. A equipe de incubação deve levar os conceitos técnicos da elaboração de logomarcas para serem debatidos com o grupo, como por exemplo:

1. A marca é um símbolo/desenho que representa uma



organização, por isso, essa imagem traz consigo os conceitos, valores, crenças, produtos e/ou serviços relacionados a esse empreendimento;

2. A necessidade de sua simplificação para facilitar a reprodução do desenho em diversas plataformas sem perder suas características;
3. O uso das cores: porque determinadas marcas usam determinadas cores? O que cada pessoa sente quando vê determinada cor? (sugestão: esta oficina pode ser realizada em conjunto com a atividade **O uso da cor – a paleta de cores do empreendimento – p. 122**).

Vale ressaltar que o conceito do que é logomarca deve ser elaborado coletivamente, buscando conceituar o que seria e para que serviria este instrumento de comunicação para o empreendimento. As considerações e definições elaboradas no debate podem ser anotadas em um local que todos(as) possam visualizar.

Etapa 2 – A imagem do empreendimento.

Realizar uma sensibilização com o grupo para levantar imagens que podem representar o empreendimento, ou mesmo, quais seriam os elementos principais da identidade do grupo. Nesse momento, também podem ser retomadas as informações elaboradas em outras oficinas de identidade realizadas, anteriormente, como a oficina de **Desenvolvimento de produto e identidade (p. 117)**, **O manto da minha história (p. 119)** e **Como apresentar o empreendimento à sociedade? (p. 83)**.

Essa sensibilização pode acontecer de várias maneiras, dependendo do grupo em questão: trabalhos corporais, contar histórias ou fábulas etc. De maneira geral, o uso de imagens nesta etapa é o mais indicado, pois auxilia no processo da criação de uma nova imagem, que é a logomarca. Dessa forma, devem ser escolhidas algumas imagens, selecionadas previamente pela equipe de incubação, que tenham relação com o grupo. Deve-se espalhar ou passar essas imagens pela sala. Cada pessoa deve escolher uma imagem que acredita possuir relação com o empreendimento e, depois, cada um explica porque escolheu suas imagens.

Enquanto o grupo fala, um(a) formador(a) deve ir anotando em uma lousa, ou outro local de fácil acesso visual, os símbolos/idéias que vão surgindo pela fala dos(as) trabalhadores(as).

Por exemplo, na cooperativa Tatuapé de triagem de resíduos sólidos, as falas foram:

“Eu escolhi essas garrafas porque é daqui que a gente tira nosso dinheiro” = imagem de material reciclável





“Eu escolhi esses(as) trabalhadores(as) porque nós aqui somos trabalhadores(as)” = imagem de pessoas trabalhando.

Etapa 3 – Composição da logomarca/emblema/brasão

Depois de escritos todos os símbolos/idéias levantados, deve-se discuti-los coletivamente: existe alguma discordância? Algum símbolo/idéia deve ser retirado? Algum símbolo/idéia que não apareceu pode ser adicionado. A equipe de incubação deve auxiliar no processo, buscando relembrar informações obtidas em outras oficinas de identidade de grupo.

A partir dos símbolos/idéias escolhidos, começar a construção da logomarca/emblema/brasão. Nesse momento, é interessante que um(a) formador(a) possa auxiliar na visualização coletiva por meio de desenhos. Todos os símbolos/idéias escolhidos devem ser desenhados de um lado da lousa e, por meio do debate, o grupo vai tentando encaixá-los, em forma de um desenho único, na logomarca do outro lado da lousa. Com a visualização de todos(as) para o debate coletivo, chega-se ao desenho final. Algumas figuras desenhadas na lousa em uma oficina realizada encontram-se em anexo.

Etapa 4: Outros materiais de comunicação (opcional).

Outros materiais de comunicação podem ser elaborados da mesma maneira. Por meio do uso da lousa e do debate coletivo, pode-se visualizar como será esse material de comunicação. Vale ressaltar que a logomarca deve ser a primeira coisa a ser feita e, baseando-se nela, pode-se produzir os outros materiais de comunicação necessários ao grupo.

Por exemplo, a elaboração de um “banner”. Primeiramente, deve-se debater coletivamente o que vai constar no “banner”: marca, slogan, fotos de produtos, pequeno texto sobre o empreendimento, contato e endereço, logo dos parceiros etc. Depois, por meio da lousa, fazer o mesmo processo citado, anteriormente, colocando-se todos os elementos escolhidos para compor o “banner” de um lado e escolhendo, coletivamente, onde encaixá-los, em um desenho do outro lado da lousa. Em anexo, fotos de uma atividade realizada no “Grupo Contágio”, incubado pela ITCP/UNICAMP.

ENCERRAMENTO

Depois da oficina, um(a) formador(a) deve construir a logomarca, cartão de visita, etiqueta e “banner” no computador, de acordo com as premissas acordadas na oficina. Esse material digitalizado deve, ainda, ser aprovado pelo empreendimento.

A forma de construção da logomarca, apresentada acima, pode ser considerada a maneira mais básica. Porém, a equipe de incubação deve atentar para o fato





de que cada empreendimento, nas suas especificidades, pode contribuir para essa elaboração coletiva de certa maneira.

Em alguns empreendimentos, como no empreendimento de artesãos “Grupo Contágio”, os(as) trabalhadores(as) desenharam vários modelos de logotipo que eram reelaborados a cada encontro, misturando as propostas de cada pessoa, por meio de recortes, colagens e novos desenhos. Baseando-se na produção realizada nessa oficina, todas as cores e elementos que apareciam nos desenhos individuais foram feitos no computador e trazidos separadamente de maneira a possibilitar, novamente, recortar, colar e agregar elementos para uma nova composição do logo, mas em cima de uma gama menor de possibilidades, possibilitando utilizar idéias que outras pessoas do grupo utilizaram na composição. Nesse esquema de atividade, cada pessoa pode apresentar sua idéia para debate, para depois se iniciar uma nova composição e possibilitar uma mistura de idéias. O empreendimento também pode escolher as melhores logomarcas e colocá-las para votação.

Em outra experiência, na associação de profissionais do sexo “Mulheres Guerreiras”, as trabalhadoras preferiram posar com seus próprios corpos para a composição do logo. O(A) formador(a), auxiliado por uma máquina fotográfica, foi registrando as imagens, que o grupo mesmo dirigia indicando as posições, as caras e quem iria compor a imagem. Mais tarde, foi feita uma apresentação/exposição das fotos tiradas e uma delas foi escolhida, coletivamente, sobre a qual foi desenhada a logomarca pelo(a) formador(a) no computador.

ANEXOS

Exemplo: Atividade de comunicação visual realizada na “Associação Mulheres Guerreiras”



Figuras: Comunicação visual – fotos da oficina e versão final do emblema da Associação “Mulheres Guerreiras”.



Exemplo: Atividade de comunicação visual realizada no “Grupo Contágio”:

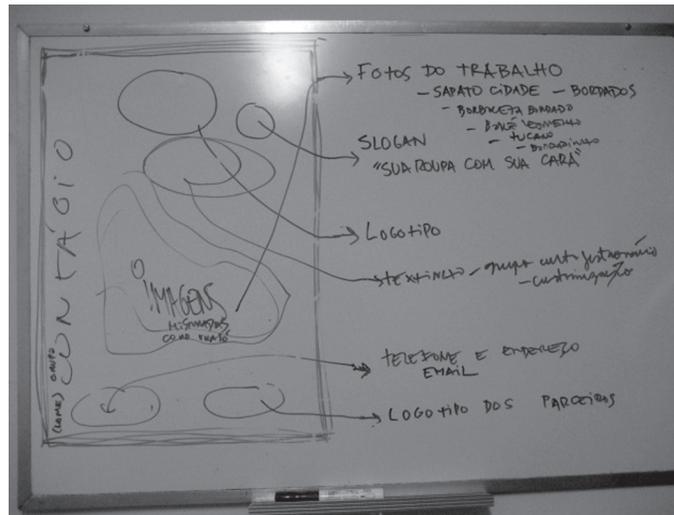


Figura: Comunicação visual - lousa para criação de “banner” do “Grupo Contágio”



Figura: “banner” finalizado.



CATEGORIAS

comunicação
criação e arte
identidade

DURAÇÃO

2 encontros
de 2 horas

MATERIAL NECESSÁRIO

- máquina fotográfica;
- maquiagem;
- roupas.

Ensaio fotográfico e auto-imagem dos(as) trabalhadores(as)

OBJETIVOS

- Fazer um ensaio fotográfico no qual os(as) trabalhadores(as) saiam na foto da forma como eles(as) gostariam e não como os fotógrafos gostariam de fotografá-los(as);
- Trabalhar questões de auto-estima, identidade e registro histórico dos(as) trabalhadores(as).

INTRODUÇÃO

Essa oficina surgiu de uma situação em um empreendimento de separação de resíduos sólidos, a cooperativa Barão, em que alguns(algumas) trabalhadores(as) mostraram-se resistentes em aparecer nas fotos com “cara de trabalhador(a)”. Disseram que não gostam de aparecer em fotos sujos(as), com roupa suja. Foi nesse dia, então, que a equipe sugeriu um ensaio fotográfico dos trabalhadores e trabalhadoras em que eles(as) apareceriam do jeito que quisessem.

Para isso é necessário que o ensaio seja marcado com antecedência, para que, no dia, os(as) trabalhadores(as) estejam preparados(as) para a atividade.

DESCRIÇÃO/ROTEIRO DA ATIVIDADE:

Etapa 1 – O dia do ensaio fotográfico

No dia do ensaio, já previamente agendado com os(as) trabalhadores(as), pedir para que eles(as) escolham um lugar onde gostariam de ser fotografados(as). Mostrar os acessórios trazidos, como maquiagem e opções de roupa, e deixar à disposição de quem quiser utilizar. As pessoas podem se ajudar na composição das roupas e maquiagem. Nesta atividade, os(as) trabalhadores(as) podem discutir sobre as diversas representações que cada indivíduo elabora na composição de sua imagem, o que remete diretamente a sua identidade pessoal.



Na medida em que as pessoas se mostrarem prontas, iniciar o ensaio, de acordo com as indicações de cada um. Começar perguntando como cada um quer a foto, que ângulo, que tipo de plano. Aproveitar este momento para passar alguns conceitos de fotografia para o grupo. Fazer algumas fotos e, se a câmera for digital, mostrar para o(a) trabalhador(a) para conferir se está do jeito que ele(a) gostaria. Fazer o número necessário de fotos até satisfazer cada pessoa quanto à criação de sua “auto-imagem”. Após as fotos individuais, fazer uma foto de grupo, como registro do coletivo de trabalhadores e trabalhadoras do empreendimento.

Etapa 2 – O dia da entrega das fotos.

Após o ensaio, imprimir (de preferência em papel fotográfico) duas fotos por trabalhador(a) e entregar para cada um(a). O retorno das fotos aos(as) trabalhadores(as) é uma etapa fundamental do trabalho fotográfico com empreendimentos populares. Ao contrário do que os grandes meios de comunicação fazem, onde o produto final da foto é o mais importante, na comunicação popular o processo de produção fotográfica e retorno das imagens aos que fazem parte dela é parte integrante do processo. Quando se tira a foto e não se retorna, fica a sensação, para os(as) trabalhadores(as), de que foram usados(as).

ENCERRAMENTO

No dia de entrega das fotografias, recomenda-se fazer um trabalho de fotografia e história de vida (ver oficina **Fotografia e história de vida**, p. 105).

Esta oficina pode ser utilizada em diversas situações como, por exemplo, para levantar elementos da individualidade dos(as) trabalhadores(as), para promover a integração e o autoconhecimento. Para além disso, ela levanta elementos que podem ser utilizados/retomados em outras oficinas. Alguns exemplos podem ser citados: uma trabalhadora que quis ser fotografada com plantas e animais, outra quis ser fotografada ao lado de um carro e falando ao celular, um trabalhador quis ser fotografado trabalhando etc. A atividade traz importantes questões para debate entre equipe de incubação e trabalhadores(as). Possibilita também uma maior integração entre os(as) trabalhadores(as) e os(as) formadores(as). As fotos produzidas servirão de registro, tanto para o empreendimento, quanto para o trabalho da incubadora.





CATEGORIAS

comunicação
criação e arte
identidade
org. política

DURAÇÃO

3 horas

MATERIAL NECESSÁRIO

- imagens relacionadas à realidade do empreendimento;
- imagens pessoais dos trabalhadores;
- folhas sulfite;
- lápis de cor;
- potes de tinta.

Fotografia e história de vida

OBJETIVO

A partir de fotografias dos(as) trabalhadores(as), resgatar suas histórias de vida.

INTRODUÇÃO

Essa atividade contribui para que trabalhadores(as) aprimorem a noção de sujeitos históricos. A partilha das histórias individuais é o ponto de partida para se chegar à compreensão e discussão de processos históricos mais amplos.

DESCRIÇÃO/ROTEIRO DA ATIVIDADE

Etapa 1 – Fotografia e história.

Mostrar alguma foto que remeta à realidade dos(as) trabalhadores(as). Perguntar o que a foto lembra aos(as) trabalhadores(as).

Por exemplo, na cooperativa Barão foi utilizada uma foto do Sebastião Salgado, do livro Êxodos, de uma senhora magra com muitas rugas no rosto. Uma das trabalhadoras da cooperativa falou que a senhora da foto, pelas rugas e pele castigada pelo sol, parecia aquelas mulheres do norte que trabalham na roça, que têm uma vida sofrida. Disse ainda que o rosto da mulher lembra a terra árida do norte. Algumas pessoas concordaram, já haviam trabalhado na roça e morado no nordeste. A formadora perguntou se a vida dessa mulher só tinha sofrimento. Disseram que não, porque no norte as pessoas trabalham pesado, têm uma vida sofrida, mas no final de semana vai todo mundo para o forró.

Após a discussão da foto, é relevante chamar a atenção para o fato de uma única foto poder remeter a tantas coisas, a tantas imagens, a tantas histórias e que todas aquelas informações levantadas poderiam, até mesmo, ser apenas fatos imaginados, mas que, provavelmente, muito do que foi falado é verdade.

Etapa 2 – Atividade de histórias de vida através das fotos

dos(as) trabalhadores(as).

Para essa atividade, são necessárias fotos dos(as) trabalhadores(as) (é possível fazer um ensaio fotográfico com os(as) trabalhadores(as), ver a oficina **Ensaio fotográfico dos trabalhadores(as) e trabalhadoras** na p. 103 - ou pedir para que eles levem fotografias pessoais).

Passar as fotografias entre os(as) trabalhadores(as) e retomar a discussão sobre a foto anterior, dizendo que, da mesma forma que aquela foto remete a muitas coisas de sua vida, as nossas fotos também possuem muitas histórias.

O(A) formador(a) deve pedir para as pessoas pensarem sobre o que há por trás daquela foto e, em seguida, entregar uma folha sulfite branca para cada um e pedir para que as pessoas registrem (de forma escrita ou artística) algum elemento relacionado com suas vidas. Oferecer ajuda caso alguém tenha dificuldade para escrever e queira relatar algo por escrito.

ENCERRAMENTO

Apresentação dos trabalhos.

Perguntar se alguém gostaria de mostrar o que escreveu e/ou desenhou, ou se prefere que seu texto seja lido. Caso ninguém se manifeste, fazer uma rodada de apresentações. Outra idéia é colocar os trabalhos no chão ou em alguma mesa, pedir para as pessoas andarem e darem uma olhada e, então, perguntar se alguém gostaria de falar sobre seu trabalho. Nesse momento, é importante estabelecer as conexões entre as histórias pessoais de maneira a identificar dados importantes na produção da identidade do grupo (na cooperativa Barão, foram contadas histórias da vida de alguns(algumas) trabalhadores(as) que nunca saberíamos perguntando, histórias que remetiam à infância, às dificuldades, às alegrias. Esse tipo de abertura só foi possível graças à imersão que a atividade propiciou, estabelecendo um contato mais próximo entre os trabalhadores, as trabalhadoras e formadores(as)).



CATEGORIAS

comunicação
criação e arte
identidade

DURAÇÃO

2 horas

MATERIAL NECESSÁRIO

- máquina(s)
fotográfica(s).

Fotografia e memória do empreendimento

OBJETIVOS

- Familiarizar os(as) trabalhadores(as) com princípios básicos de fotografia;
- Fomentar o registro histórico do empreendimento.

INTRODUÇÃO

Em empreendimentos de Economia Solidária, comumente, o registro fotográfico fica a cargo das entidades de fomento. Essa oficina pretende estimular trabalhadores(as) a se apoderarem desse instrumento bem como trabalhar e praticar algumas técnicas da fotografia. Essa atividade pode ser realizada com o grupo todo ou com uma comissão, dependendo da disponibilidade de tempo do empreendimento bem como da quantidade de máquinas fotográficas. As fotos produzidas poderão ser utilizadas para elaboração de material de apresentação do empreendimento a visitantes ou para participação em feiras e encontros.

DESCRIÇÃO/ROTEIRO DA ATIVIDADE

Etapa 1 - Iniciar a atividade com uma conversa sobre como cada pessoa guarda as lembranças de suas famílias, perguntar se guardam fotografias. A partir das respostas, debater como o empreendimento grava sua memória. Debater a importância da construção da história do empreendimento para sua constante melhoria por meio do registro dos acertos e erros, bem como a importância do registro histórico para fortalecer a identidade do grupo.

O(A) formador(a), também, pode levar um caderno de presente para o grupo iniciar o registro dos acontecimentos do empreendimento, no qual podem ser colocadas as fotografias posteriormente. A fotografia é um recurso na oficina que funciona para instigar o grupo a registrar sua história.

Sugestão de oficina a ser realizada previamente: **Linha do Tempo - Nosso Lugar na História (p. 28)**.



Etapa 2 - Depois dessa introdução sobre o registro histórico, propor para que o grupo registre, por meio da fotografia, elementos do empreendimento que deseja que fiquem guardados na história do grupo. As pessoas também podem se fotografar da maneira que desejarem.

Para esse exercício, é interessante explicar o funcionamento da máquina fotográfica, como enquadramento, luz e contraluz, foco, zoom etc. Durante as fotografias, o(a) formador(a) deve acompanhar os(as) trabalhadores(as) de maneira a auxiliá-los(as) com a máquina fotográfica ao mesmo tempo em que registram as imagens desejadas. Enquanto alguns(algumas) trabalhadores(as) tiram as fotos, outros(as) podem registrar algumas coisas no caderno de registro.

ENCERRAMENTO

Depois de todos(as) tirarem as fotos desejadas, pode-se realizar um debate sobre as dificuldades e descobertas percebidas pelo exercício da fotografia, demonstrando a facilidade da ferramenta e todas as possibilidades que esta pode trazer.

Em um segundo encontro, o(a) formador(a) deve levar as fotografias impressas (de preferência em papel fotográfico) para devolver aos participantes da oficina. Nesse dia, é interessante expor coletivamente as fotografias e debatê-las. As pessoas podem explicar o porquê da escolha de captar tal imagem, buscando, por meio desta discussão, fortalecer os laços identitários do grupo.

Ao final, o grupo pode colar as fotografias no caderno de registro, compondo as fotos com outros elementos que julgarem interessantes registrar. Caso seja interessante para o grupo, sugerir que seja feito um mural com fotos do empreendimento.





Nome e identidade visual

OBJETIVO

Decidir coletivamente o nome do empreendimento.

INTRODUÇÃO

O nome e o logotipo são elementos que contribuem para a construção da identidade do empreendimento. A criação, por isso, deve ser fruto de um trabalho coletivo entre formadores(as) e trabalhadores(as), em que o produto final é tão importante quanto o processo. Por isso, a concretização destes elementos não deve ser visto como um trabalho técnico de um “designer”, mas um provocador de discussão sobre as imagens e nomes que melhor representam o trabalho e os(as) trabalhadores(as) do empreendimento.

CATEGORIAS

comunicação
criação e arte
identidade

DURAÇÃO

1h30min

MATERIAL NECESSÁRIO

- imagens que tenham relação com o empreendimento (jornais e revistas, ou dos próprios trabalhadores);
- papel pardo;
- pincéis atômicos;
- canetinhas;
- tesoura;
- cola.

DESCRIÇÃO/ROTEIRO DA ATIVIDADE

Etapa 1

Iniciar a atividade distribuindo as imagens aos(as) trabalhadores(as) e pedir para que escolham alguma imagem e relacionem cada imagem com palavras, símbolos, características do empreendimento e dos(as) trabalhadores(as) que o compõem.

Etapa 2

Fazer a leitura das anotações de cada imagem. Anotar as palavras fundamentais em papel pardo. Abrir para comentários: o que acharam das imagens de maneira geral? Qual a imagem que marcou mais? Por quê? (tudo isso são elementos para a identidade, nome etc.).

Etapa 3

Perguntar ao grupo se alguém imaginou um emblema ou nome para o empreendimento. Ver opiniões do grupo, o porquê do nome, dar opiniões etc. Anotar as sugestões no papel pardo.

Etapa 4

Fazer uma roda e trabalhar com a brincadeira “palavra que lembra palavra”, desta forma: em roda, por exemplo, uma pessoa começa com a palavra “luta”. A seguinte diz uma palavra associada à palavra “luta”, e assim em diante, até chegar à última. Anotar as palavras sugeridas no papel pardo. Após esta atividade, lembrar as sugestões de nomes do empreendimento e as palavras principais anotadas. O objetivo é que os(as) trabalhadores(as) pensem em outras palavras que podem ser nomes para o empreendimento. Para a atividade fazer sentido, o empreendimento tem que se envolver e os(as) formadores(as) têm que fazer associações com as possibilidades de nome do empreendimento.

Etapa 5

Atividade de desenho, recorte e colagem. Perguntar aos(às) trabalhadores(as) que imagens associam ao futuro nome do empreendimento. Esta atividade pode ser feita a partir da imagem sugerida por alguém ou, então, ser uma atividade individual com a seguinte proposta: sugerir a criação de um desenho que seja símbolo do empreendimento ou a seleção e recorte de imagens (de revistas, jornais etc.) que podem simbolizar o empreendimento. Após este exercício, lembrar as palavras levantadas anteriormente. O emblema, então, será trabalhado a partir das criações.

ENCERRAMENTO

Para finalizar, fazer a socialização dos trabalhos e comentários dos(as) trabalhadores(as), aproveitando para fazer o debate do que consideram boas idéias para os emblemas. Rerler para todos(as) as idéias levantadas e escolher coletivamente as melhores. Deve-se tentar escolher o nome coletivamente, por consenso, ou realizar uma votação para levantar os nomes preferidos. Sugere-se a oficina de **Comunicação visual (p. 98)** para dar continuidade a essa atividade.



CATEGORIAS

comunicação
criação e arte
identidade

DURAÇÃO

5 encontros
de 2 horas

MATERIAL NECESSÁRIO

- vídeos em curta-metragem;
- papel pardo;
- canetinhas;
- blocos de anotação;
- canetas e lápis.

Produção coletiva de vídeo

OBJETIVOS

A oficina tem por objetivo a produção coletiva de um vídeo, além disso, as atividades têm a intenção de discutir a história do empreendimento e dos(as) trabalhadores(as), a forma e o conteúdo de um vídeo (de maneira introdutória) e trabalhar questões relativas à organização, criatividade e expressão.

INTRODUÇÃO

A produção de um vídeo não tem por objetivo somente a divulgação e registro audiovisual. Esta oficina pretende que o processo de produção de um documentário suscite questões sobre o trabalho e história do empreendimento, além de introduzir noções básicas sobre a produção de um documentário. É importante ressaltar que, caso o grupo todo não se interesse em participar do processo por inteiro, mas reconheça a importância do vídeo enquanto instrumento de divulgação, recomenda-se a criação de uma comissão para viabilizar o projeto.

DESCRIÇÃO/ROTEIRO DA ATIVIDADE

Etapa 1 – Introdução à produção de um vídeo.

a) Apresentação da oficina e introdução de alguns conceitos de vídeo.

Por que produzir um vídeo? Algumas possíveis respostas: comunicação com a sociedade, divulgação do trabalho do empreendimento na comunidade, sensibilização da população em relação a questões pertinentes que envolvam o empreendimento (por exemplo, na cooperativa Barão, empreendimento de separação de resíduos sólidos, existia a necessidade de sensibilizar a população em relação à coleta seletiva e esclarecer quanto ao material reciclável), identidade do empreendimento.

b) Exemplificação dos planos de um filme/vídeo.

Com o auxílio de algumas cartolinas cortadas em forma de



quadrados vazados, como se fossem telas de televisão de vários tamanhos, exemplificar como a câmera pode captar imagens em diversos planos (plano detalhe, plano aberto, plano fechado etc.) e ângulos (de frente, de perfil, de cima para baixo, de baixo para cima). Para isso, posicionar as telas na frente de alguma pessoa ou objeto como se fosse o plano da gravação. Falar que um filme é como contar uma história e que podemos contar uma história de diversas formas, pensando nas imagens e sons que vamos colocar no filme. Perguntar aos(as) trabalhadores(as) que elementos um filme possui para contar uma história: imagens (planos, cenário, personagens, objetos de cena etc.) e sons (trilha sonora, locução, narração, depoimentos etc.). Essas imagens e esses sons podem ser colocados de diversas formas e isso diferencia um filme do outro: a maneira como você organiza as imagens e os sons. E isso se chama roteiro. Por isso, um filme não é só a história que se conta, o conteúdo, mas como se conta essa história, a forma.

Etapa 2 – Análise de filmes.

a) Exibição de curtas-metragens

Para discutir melhor os conceitos de forma e conteúdo, exibir alguns curtas-metragens de ficção e documentários, para fazer um contraponto entre as diferentes linguagens. Recomenda-se que esses sejam exibidos duas vezes, para que as pessoas possam prestar atenção na forma e no conteúdo. Além disso, esta atividade pode ser intercalada com as atividades de gravação, para que não fique muito cansativo analisar mais de dois filmes por dia. Pedir para as pessoas não prestarem atenção só no conteúdo, mas também em como a história é contada, a forma (as imagens, que imagens, planos; os sons, que sons, trilha, enfim, os diversos elementos que compõem o vídeo). Esta atividade é importante para se criar um distanciamento em relação ao conteúdo e para mostrar que por trás de cada imagem existe uma pessoa que está construindo o filme, recortando planos dentro de uma realidade, de acordo com seu ponto de vista.

Sugestões de filmes: “Ilha das Flores” (Jorge Furtado, 13 min); “O menino, a favela e as tampas de panelas” (Cao Hambúrguer, 5 min); “Invasão ou cidadania?” (Rede Rua de Comunicação, 32 min). Ver bibliografia na p. 156.

b) Roda de discussão sobre a forma e conteúdo do filme.

Como se contou a história? Que elementos estavam presentes no filme? Música, imagens, falas. A tendência é que a discussão fique centrada no conteúdo. Tentar estimular o debate sobre os outros elementos presentes no vídeo. Relembrar os elementos trabalhados no primeiro encontro e buscar pontos em comum e diferenças entre as linguagens apresentadas: ficção e documentário. Quais os elementos que diferenciam os dois filmes? Dizer que uma das formas de produzir um documentário é fazer entrevistas com as pessoas que



fazem parte de determinada realidade e que esta é uma possibilidade para o empreendimento.

Etapa 3 – Produção do pré-roteiro.

a) Divisão em grupos para atividade de produção de roteiro. Pedir para que cada trabalhador(a) pense como gostaria que fosse o vídeo do empreendimento, que elementos poderia conter, que histórias gostariam de contar. Após alguns minutos, pedir para que se dividam em dois grupos. Para cada grupo, entregar uma folha de papel pardo e canetas. Pedir para que os grupos discutam o que eles consideram importante para ser colocado no filme do empreendimento, que elementos, que história, que imagens etc.

b) Apresentação da idéia de cada grupo na tentativa de unir as idéias para a elaboração de um pré-roteiro do documentário. O(A) formador(a) pode anotar as idéias em comum. Após esta rodada, retomar as idéias sistematizadas, checar se há concordância e, caso necessário, apresentar. Então, lembrar que essas idéias deverão se tornar uma história, com uma estrutura, e que alguns elementos podem contar esta história: imagens do empreendimento, depoimentos (entrevistas), desenhos, narração etc.; e que isso tem que ser pensado também. Fazer algumas perguntas, caso decidam: 1. Entrevistas: Quem vamos entrevistar? Que perguntas serão feitas?; 2. Imagens de apoio: Que imagens vamos gravar? Como? Em que lugares? Vamos montar alguma cena? Quem vai aparecer? Que ação será gravada?; Locução/Narração: O que vamos falar? Qual o texto a ser narrado? Quem vai narrar? Tem alguma voz que vocês achem interessante para aparecer como narração? E, assim, vai se construindo como será o vídeo.

Etapa 4 – Apresentação do equipamento e atividade prática.

Esta atividade deve ser dividida em alguns dias de gravação, sempre gravando e exibindo aos(às) trabalhadores(as) e decidindo o que ainda falta para acabar, sempre em cima do pré-roteiro construído coletivamente. Recomenda-se seguir os seguintes passos:

a) A partir do pré-roteiro pensado, fechar um esquema com as imagens que seriam interessantes de serem gravadas nesse dia. Levantar alguns elementos: produção no empreendimento, o trabalho, a história do empreendimento, entre outros pontos.

b) Mostrar como se manuseia uma câmera, passar na mão de cada um(a) e pedir para que façam algumas entrevistas no empreendimento, a partir do que foi discutido. Iniciar atividade prática de gravação e captação de depoimentos. Pedir para os(as) trabalhadores(as) fazerem gravações do trabalho no empreendimento.

c) Exibir o que foi gravado aos(às) trabalhadores(as) e discutir se seguiu o que

113

foi combinado no pré-roteiro. O(A) formador(a) deve sistematizar as opiniões e sugestões no decorrer desse processo, para retomar na discussão do roteiro final.

d) A partir das imagens gravadas, discutir sobre a escolha das imagens para a edição, pensando um roteiro final.

e) Atividade de elaboração de um roteiro final a partir das imagens gravadas.

Etapa 5 - Edição do vídeo.

Finalizada a elaboração do roteiro final (a partir desse roteiro, será feita a decupagem das imagens para a edição), verificar interessados em participar do processo de edição e buscar parceria para editar o vídeo.

Etapa 6 - Exibição do vídeo aos(as) trabalhadores(as).

Finalizada a edição do vídeo, tirar uma data de exibição do vídeo para os(as) trabalhadores(as). A idéia é exibir e fazer uma discussão, verificar se o filme atendeu às expectativas e se cumpriu o roteiro elaborado coletivamente. Aprovado pelo empreendimento, planejar um lançamento do vídeo junto a outros(as) trabalhadores(as) e convidados(as), com debate do vídeo após a exibição.

ENCERRAMENTO

O exercício de produção de um vídeo é uma oportunidade para os(as) trabalhadores(as) refletirem sobre sua própria realidade e tentarem responder questões pessoais e coletivas. Por isso, a produção de um meio de comunicação deve ser vista não só como a concretização de um produto final, mas como um processo que estimula o resgate de uma história, além de ser um instrumento de organização dos(as) trabalhadores(as). Por isso, após esse processo de cinco encontros, é importante fazer uma avaliação coletiva e levantar quais foram os aprendizados.



37

Comunicação popular: oficina das três linguagens

CATEGORIAS

comunicação
criação e arte
identidade

DURAÇÃO

4 horas

MATERIAL NECESSÁRIO

- reportagem, vídeo ou texto, que possua conteúdo relacionado ao empreendimento;
- fanzine;
- canetas;
- folhas sulfite;
- revistas e jornais;
- papéis coloridos;
- tinta;
- tesoura;
- cola;
- lápis de cor;
- fitas cassete;
- gravador;
- CDs de música;
- aparelho de som;
- objetos para cenário;
- tecidos;
- perucas;
- fantasias.

OBJETIVOS

- Construir instrumentos de arte-educação e comunicação popular;
- Promover debate sobre os meios e linguagens de comunicação;
- Desmistificar a produção desses meios.

INTRODUÇÃO

A proposta dessa oficina é discutir como as informações podem ser produzidas de diversas maneiras e como temos vários instrumentos para comunicar o que desejamos, além de promover a reflexão acerca desses meios de comunicação e desmistificar seu processo de produção.

DESCRIÇÃO/ROTEIRO DA ATIVIDADE

Etapa 1 - O coletivo deverá ser dividido em 3 grupos, cada qual com o objetivo de transformar o material “base” em linguagens de comunicação diferentes. Geralmente, o grupo é, igualitariamente, distribuído entre as três atividades: produção de fanzine, programa de rádio e teatro (dependendo do tamanho do grupo e do material disponível pelo(a) formador(a), pode-se aumentar ou trocar essas atividades, podendo ser adicionado um grupo de produção de vídeo, por exemplo).

Os participantes escolhem em que grupo participar por afinidade com o tipo de atividade.

Vale à pena preparar três salas/espços separados, já organizados com os materiais necessários para a realização de cada linguagem.

Nos grupos, acontece a leitura ou visualização do material de comunicação escolhido como base.

Etapa 2 - Cada grupo deve desenvolver o seu material de comunicação (teatro, programa de rádio e fanzine) separadamente. O grupo deve estudar a informação transmitida pelo material “base” de comunicação e tentar reproduzi-la por meio da linguagem do seu grupo (teatro, programa de rádio e fanzine). A idéia é exercitar a transformação de uma linguagem de comunicação em outra, levando cada grupo a discutir por meio da prática as especificidades de cada linguagem. O que é um programa de rádio? O que é um fanzine? O que é o teatro? Qual a melhor forma de realizar essas linguagens?

ENCERRAMENTO

No final, devem ser apresentados os materiais produzidos, seguido de um debate sobre o processo de elaboração. Nesse momento, é interessante instigar o grupo a comparar as formas de comunicação, demonstrando suas especificidades. Outro debate interessante é demonstrar a facilidade de produção desses meios de comunicação, com a possibilidade de planejar a produção de materiais de comunicação para o empreendimento.

Um exemplo é o resultado da oficina realizada com o IDESC (Instituto para o Desenvolvimento Sustentável e Cidadania do Vale do Ribeira), em que o material escolhido como base foi um texto sobre as dificuldades de sobrevivência da Economia Solidária no capitalismo. Os três materiais produzidos acabaram enfocando a dificuldade de um empreendimento autogestionário e solidário sobreviver dentro da lógica capitalista. O grupo do fanzine destacou a dificuldade de encontrar imagens e frases adequadas ao intuito do fanzine nos jornais e revistas disponibilizados. Isso mostra o quanto o debate dos valores da Economia Solidária não é considerado pela grande mídia. O teatro retratou uma disputa jurídica: um empresário capitalista que queria desapropriar um empreendimento popular. Foi debatido o empreendimento popular e sua autonomia em contraponto ao trabalho de regime CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas) submetido ao patrão. O programa de rádio foi apresentado com vinhetas, músicas e abordou o conteúdo dos textos através de uma entrevista, além disso, foram feitos anúncios de empreendimentos solidários e divulgadas reuniões para discutir a temática. O programa de rádio impressionou pela sua qualidade e demonstrou, na prática, que esse tipo de comunicação popular é viável.



CATEGORIAS

produção
identidade
criação e arte

DURAÇÃO

3 horas

MATERIAL NECESSÁRIO

- imagens relacionadas ao empreendimento;
- portfólio do empreendimento.

Desenvolvimento de produto e identidade

OBJETIVOS

Construir, consolidar e sistematizar coletivamente uma identidade para os produtos que o grupo produz ou produzirá.

INTRODUÇÃO

A definição do produto que o empreendimento irá produzir e comercializar é uma etapa fundamental da construção de sua identidade. Nem sempre o grupo de trabalhadores(as) possui clareza em relação à construção da linha de produtos do empreendimento, à elaboração da imagem que pretendem divulgar ou sobre quem serão os possíveis consumidores. Esta oficina tem por objetivo estabelecer este debate entre os trabalhadores, buscando abordar identidade do produto, seu público-alvo e possibilidades de comercialização.

DESCRIÇÃO/ROTEIRO DA ATIVIDADE

Parte 1 - Escolher e debater uma imagem que tem relação com o grupo.

Espalhar as imagens pela sala e pedir para cada pessoa escolher uma imagem que, em sua opinião, possui relação com o empreendimento. Depois, fazer uma rodada na qual cada pessoa explica para todo mundo porque escolheu aquela imagem. A idéia é extrair, a partir da interpretação individual das imagens, e do estímulo à subjetividade dos(as) trabalhadores(as), o que “representaria” o grupo. Anotar as idéias que surgirem.

Parte 2 - Escolher e debater uma imagem que tenha relação com o produto que o empreendimento produz (ou que gostaria de produzir).

Espalhar novas imagens pelo chão e pedir para as pessoas escolherem a imagem que tem mais relação com o produto que o empreendimento produz (ou que eles gostariam de produzir) e proceder como anteriormente: fazer uma rodada na qual cada um explique o porquê da escolha de determinada imagem. Anotar as idéias que surgirem.



Parte 3 - Definir a identidade da linha de produtos do empreendimento.

Nesse momento, deve-se mostrar o portfólio elaborado a partir das imagens da produção do empreendimento (se o grupo ainda não possui produtos, fazer um “portfólio fictício”, com imagens de possíveis produtos a serem feitos). Pode-se aproveitar para comentar a importância da realização do registro dos produtos do empreendimento, como forma de divulgação.

ENCERRAMENTO

Em cima das imagens escolhidas, das idéias levantadas e dos produtos do portfólio, discutir a identidade dos produtos que desenvolvem ou pretendem desenvolver (o que é característico destes produtos, que imagem pretendem construir para divulgá-los etc.) e relacionar com a questão do público-alvo (possíveis consumidores, estilo do produto, custo, local de venda). A partir dessa discussão, identificar oportunidades e, assim, definir o foco do grupo para a produção e comercialização.

Recomenda-se como continuidade do debate sobre identidade visual as oficinas

Nome e identidade visual (p. 98) e Comunicação visual (109).





CATEGORIAS

criação e arte
identidade

DURAÇÃO

3 encontros
de 1 hora

MATERIAL NECESSÁRIO

- papel pardo;
- pincéis atômicos;
- tecidos;
- panos;
- cola quente;
- jornais;
- papéis coloridos;
- sementes secas;
- outros objetos significativos para o grupo.

O manto da minha história

OBJETIVOS

- Estímulo à criatividade dos(as) trabalhadores(as);
- Resgate e construção da identidade artística e cultural, a partir da criação individual de um manto do(a) trabalhador(a).

INTRODUÇÃO

Esta oficina é um exercício de exteriorização da identidade por meio da confecção de um manto artístico. A partir de reflexões sobre a relação entre cultura, história e vestimenta e os elementos artísticos que permeiam a criação de um manto representar a identidade do(a) trabalhador(a).

DESCRIÇÃO/ROTEIRO DA ATIVIDADE:

Etapa 1

A oficina começa com uma discussão a respeito das funções e história das vestimentas. Com o auxílio de imagens de várias épocas - essencial para contribuir com o repertório de criação dos(as) trabalhadores(as) -, relacionar o uso da roupa, ao longo das épocas, com as mudanças na história, principalmente a partir do corpo da mulher. Após esse exercício, trabalhar o conceito de signo e significado, mostrando como as roupas e os acessórios podem representar sentidos para quem os veste, levantando, assim, aspectos históricos, culturais e sociais e anotar em papel pardo ou na lousa.

A partir das idéias surgidas, o conceito da construção do manto se apresenta. A oficina propõe a cada participante executar um manto que, de certa forma, represente sua identidade por meio de inscrições e demais trabalhos plásticos realizados sobre um suporte de tecido, algo como um autorretrato abstrato que expresse as subjetividades de cada um. O manto deve ser como uma capa, capaz de cobrir o corpo do participante, para que as analogias com pele e placenta possam vir à tona.



O trabalho do artista plástico Artur Bispo do Rosário (imagens em anexo) é utilizado como parâmetro, pois se trata de um excelente exemplo de criação de uma poética artística particular, desvinculada dos movimentos artísticos oficiais e, sobretudo, realizada com materiais do cotidiano como tecidos, lençóis, cobertores e fios de linhas. O fato de o artista ter vivido e desenvolvido sua arte em um manicômio judicial também é um elemento importante.

Todos devem trazer suas idéias para a confecção do manto e começar a realizar sua composição no encontro seguinte.

Observação: Ninguém precisa ser artista para fazer o trabalho, todos(as) podem se expressar e criar. O objetivo é criar uma obra de arte pessoal, pensando do indivíduo para o próprio indivíduo, lembrando que não precisa agradar a ninguém, somente exercitar sua capacidade criativa.

Etapa 2

Cada pessoa deve expor a idéia de seu manto para que o projeto seja debatido coletivamente. Se alguém já tiver começado a construir seu manto, também pode expô-lo. O(A) formador(a) e os(as) outros(as) trabalhadores(as) podem auxiliar no processo de construção identitária individual, trazendo elementos para a confecção do manto.

O processo de desenvolvimento do manto deve ser acompanhado pelo grupo e pelos(as) formadores(as) envolvidos(as), sendo que a duração da oficina depende da disponibilidade de tempo do grupo, podendo se estender por vários dias para a construção final de cada manto.

Observação: É interessante ressaltar que a realização de um trabalho que não tem o intuito de ser comercializado e nem posto à prova de qualidade e avaliação faz surgir características inusitadas de trabalho nos participantes. Muitos(as) trabalhadores(as) acabam realizando no seu manto composições que nunca tinham se permitido realizar e acabam descobrindo qualidades especiais adormecidas pela alienação, padronização, medo de errar etc. O(A) formador(a) deve ficar atento a essas características do trabalho, de maneira a valorizar e incentivar as criações surgidas durante a atividade.

ENCERRAMENTO

Com os mantos individuais prontos, pode-se fazer uma apresentação dos trabalhos, que pode ser individual, por meio de um desfile ou performances, da forma como os(as) trabalhadores(as) preferirem.

Após esta exposição, deve-se debater coletivamente os materiais individuais utilizados por cada um, tecendo a unidade das histórias de vida que compõem o empreendimento, bem como os elementos criativos desenvolvidos durante a atividade que podem ser agregados ao trabalho do empreendimento.





Figura: Exemplos de mantos, produzidos pelo “Grupo Contágio” em 2007.

ANEXO

Arthur Bispo do Rosário

Arthur Bispo do Rosário viveu internado 50 anos em um hospital psiquiátrico (Colônia Juliano Moreira – Rio de Janeiro). Inserido em um contexto excludente, marginalizado, o “Bispo” acabou sendo consagrado como referência da arte contemporânea brasileira.

Um de seus trabalhos mais significativos é o “Manto da apresentação”, onde bordou, minuciosamente, a história de sua vida.



Figura: Imagens do Bispo do Rosário (fonte: Hidalgo, 1996).





CATEGORIAS

criação e arte
identidade

DURAÇÃO

40 minutos

MATERIAL NECESSÁRIO

- papel pardo;
- pincéis atômicos;
- imagens sobre a
teoria das cores (em
anexo).

A paleta de cores do empreendimento

OBJETIVOS

- Possibilitar a apropriação básica da teoria das cores pelo empreendimento, para que este possa utilizá-la na confecção de seus produtos e elaboração de materiais visuais;
- Discutir e apresentar a teoria das cores (cor luz e cor pigmento, círculo cromático e a combinação das cores);
- Construir coletivamente a “paleta de significados das cores” do empreendimento.

INTRODUÇÃO

Existem muitos significados para cada cor. A bibliografia relacionada ao tema exemplifica vários significados das cores (vermelho é paixão, tensão, fogo etc.; branco é paz, quietude etc.), porém esses signos estão muito ligados à cultura de cada sociedade. Culturas distintas podem possuir diferentes significados para determinadas cores.

Por isso, a idéia central dessa oficina é possibilitar aos(as) trabalhadores(as), por meio da teoria da cor, do uso de várias gamas cromáticas, da sua aplicação e experimentação prática, descobrir e explorar, por si mesmos(as), o mundo das cores.

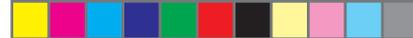
DESCRIÇÃO/ROTEIRO DA ATIVIDADE

Etapa 1 - Paleta de significados das cores

Primeiramente, inicie construindo a “paleta de significados das cores” do empreendimento.

Pensar uma paleta de cores com um número limitado de possibilidades evitando usar cores parecidas. Como sugestão utilize o vermelho, o amarelo, o azul, o verde, cor-de-laranja, o violeta, o marrom, o preto e o branco.

Cada cor deve ser discutida separadamente, o(a) formador(a) pode escolher uma cor, utilizando-se de objetos e tecidos dessa tonalidade que estão no espaço do próprio empreendimento. Nesse momento, o grupo vai falando as primeiras



coisas que vem à cabeça sobre cada cor apresentada. Essas informações devem ser anotadas na lousa demonstrando os significados de cada cor para o grupo.

Na cultura ocidental, as cores são classificadas segundo alguns significados:

Vermelho: paixão, força, energia, amor, velocidade, liderança, masculinidade, perigo, fogo, raiva, revolução, “pare”;

Azul: harmonia, confiança, conservadorismo, austeridade, monotonia, dependência, tecnologia, liberdade, tranquilidade, paz, sossego, limpeza, frescor;

Verde: natureza, primavera, fertilidade, juventude, desenvolvimento, riqueza, dinheiro (Estados Unidos), boa sorte, ciúmes, ganância;

Amarelo: concentração, otimismo, alegria, felicidade, idealismo, riqueza (ouro), fraqueza;

Violeta: espiritualidade, criatividade, realeza, sabedoria, resplandecência, dor;

Alaranjado: energia, criatividade, equilíbrio, entusiasmo, ludismo;

Branco: pureza, inocência, reverência, paz, simplicidade, esterilidade, rendição;

Preto: poder, modernidade, sofisticação, formalidade, morte, medo, anonimato, raiva, mistério;

Marrom: sólido, seguro, calmo, natureza, rústico, estabilidade, estagnação, peso, aspereza.

Esses significados padronizados serão apresentados com o intuito de se construir, coletivamente, o que cada cor significa para o grupo em questão.

Etapa 2 - Teoria das cores.

Depois dessa primeira atividade coletiva, o(a) formador(a) deve expor a “teoria das cores”, as cores primárias e secundárias, as possibilidades de combinação das cores etc. Enfatizar a questão de composição/contraste/mistura no uso da cor para auxiliar no processo de confecção dos produtos do empreendimento.

Para exemplificar, o(a) formador(a) pode se utilizar dos próprios produtos feitos no empreendimento, mostrando que muito do que está sendo ensinado já é produzido de maneira sensitiva e empírica pelos(as) trabalhadores(as).

ENCERRAMENTO

Essa atividade requer que o(a) formador(a) tenha familiaridade com a teoria das cores. Isso é importante para que a oficina estimule a criatividade dos(as) trabalhadores(as).



Para que esse processo seja retomado, deve-se organizar os dados construídos coletivamente pelo empreendimento na “paleta de cores” em um painel, ou cartaz, de maneira que fique exposto nos locais próximos às atividades de confecção dos produtos, para serem uma referência no momento da criação de uma nova peça.

Exemplo:

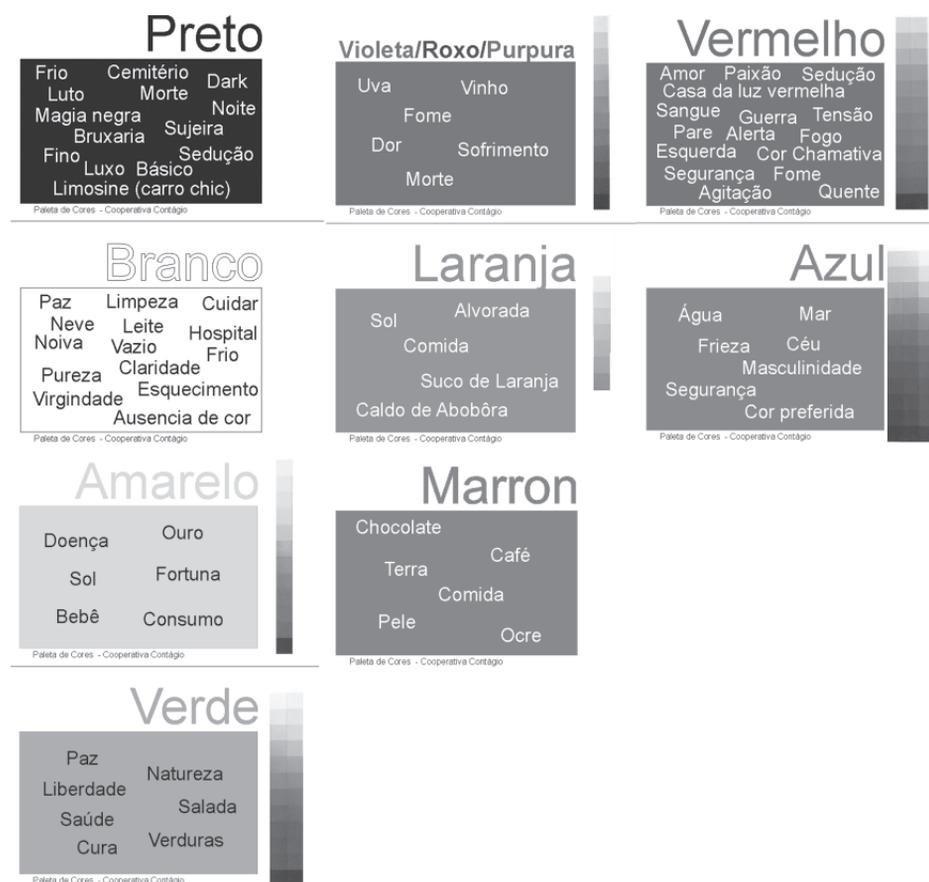


Figura: paleta de cores produzida pelo “Grupo Contágio”



41

O que é ser homem e ser mulher? O gênero na linha de produção

CATEGORIAS

gênero
produção
autogestão

DURAÇÃO

3 horas

MATERIAL NECESSÁRIO

- televisão;
- aparelho de DVD;
- vídeo “Acorda Raimundo...Acorda!” (16 minutos)
- objetos que representem cada um dos gêneros em nossa sociedade (gênero feminino: bonecas, ferro, vassoura, panela; gênero masculino: carro, ferramentas, equipamentos);
- tecidos;
- caderno;
- canetas;
- livros.

OBJETIVOS

- Discutir as relações de gênero no empreendimento, procurando desconstruir os papéis sociais colocados a cada um dos sexos;
- Discutir a divisão sexual do trabalho no processo produtivo do empreendimento.

INTRODUÇÃO

Essa oficina busca discutir as relações de gênero no processo produtivo dos empreendimentos incubados. As relações desiguais de gênero, muitas vezes trazem uma falsa naturalização de ‘tarefas masculinas’ e ‘tarefas femininas’ que prejudicam o trabalho tanto dos homens quanto das mulheres. Por isso, essa atividade busca discutir a construção social da divisão sexual do trabalho, perceber como elas se materializam no cotidiano de trabalho do empreendimento e viabilizar a reorganização da produção segundo relações de igualdade entre homens e mulheres.

É preciso que a equipe de incubação faça uma pesquisa inicial sobre a divisão sexual do trabalho no empreendimento e elabore um esquema representativo dessa divisão para ser apresentado na oficina (ver exemplo de imagem em anexo).

DESCRIÇÃO/ROTEIRO DA ATIVIDADE

Etapa 1 – Roda de discussão

Em roda, iniciar a oficina com a construção social das relações de gênero. Fazer as seguintes perguntas:

- O que é ser mulher? O que é ser homem?

Após esta rodada, dispor alguns objetos e brinquedos no centro da roda e pedir para que as pessoas relacionem as falas com estes: “Tem objeto de homem e objeto de mulher?”



Estes aqui, por exemplo, quais são de homem e quais são de mulher? Por quê?”.

Colocar a seguinte frase: “A gente nasce mulher ou homem e a gente também cresce mulher ou homem.”. Colocar para debate a construção social dos comportamentos de gênero, bem como a construção cultural da força masculina.

Etapa 2 – Exibição e debate de vídeo.

Exibição e debate sobre o vídeo, em curta-metragem, **Acorda Raimundo... Acorda!** (p. 156).

Etapa 3 – Debate sobre a divisão sexual do trabalho.

“Quem aqui faz trabalho doméstico? Como é a divisão do trabalho em casa? E no empreendimento?”. Apresentar estatística da participação de homens e mulheres nos Empreendimentos Econômicos Solidários do município ou do país (buscar informações no Sistema de Informação em Economia Solidária – SIES, no site <http://www.mte.gov.br/ecosolidaria/sies.asp>).

Etapa 4 – A divisão sexual do trabalho no empreendimento.

Conversar sobre a divisão do trabalho que ocorre no empreendimento (se possível, utilizar um esquema representativo para ilustrar as informações). Marcar, junto com os(as) trabalhadores(as), onde trabalham os homens e as mulheres. Fazer as seguintes perguntas:

“O que acontece quando os homens não vêm trabalhar? Tem muita gente que fala que não adianta nem vir quando não tem homem? Quantos homens vocês têm hoje no empreendimento? E quando estes saírem, o empreendimento vai fechar?”.

Etapa 5 – Repensar o processo produtivo a partir da divisão sexual do trabalho.

ENCERRAMENTO

Discussão sobre adequação do processo produtivo para as mulheres também. Aproveitar para voltar à questão da construção cultural da força física masculina. O homem tem, sim, uma capacidade física maior, mas ele também é educado para ter um corpo mais forte, sobe em árvores desde pequeno, joga bola, enquanto as meninas brincam mais no âmbito doméstico. Essa construção cultural da imagem do homem forte faz também com que ele tente responder a essa imagem, suportando muitas vezes cargas maiores do que poderia, prejudicando a sua saúde. Fazer uma segunda oficina para efetivar a mudança do sistema produtivo.



ANEXOS

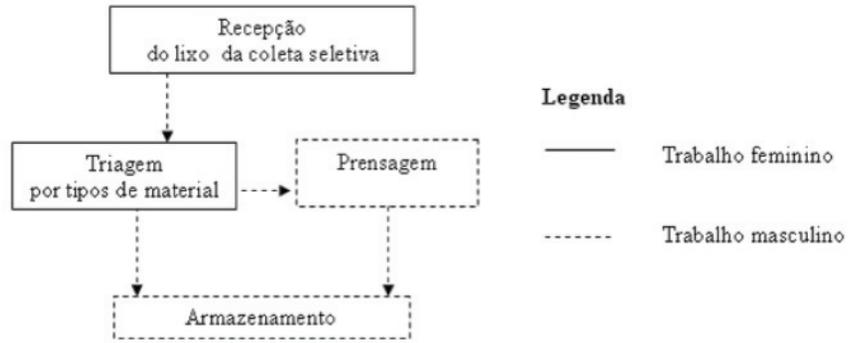


Figura: Divisão sexual do trabalho em cooperativa de separação de resíduos sólidos.



Gênero e identidade no trabalho em empreendimentos populares

CATEGORIAS

gênero
identidade
org. política

DURAÇÃO

2 encontros
de 2 horas

MATERIAL NECESSÁRIO

- televisão;
- aparelho de DVD;
- vídeo “Acorda Raimundo...Acorda!” (16 minutos);
- poema de Eduardo Galeano “A autoridade” (GALEANO, 2006, em anexo);
- apostila do MST-Coletivo Nacional de Mulheres, “Cartilha: Compreender e Construir Novas Relações de Gênero” (MST, 1998);
- imagens de mulheres diversas (diferentes classes sociais, etnias, trajes).

OBJETIVO

Fomentar o debate de gênero como forma de trabalhar a identidade do grupo.

INTRODUÇÃO

A proposta é iniciar um debate sobre a divisão sexual do trabalho e o papel das mulheres na Economia Solidária, abordando essa divisão como construção histórica, buscando trabalhar a identidade do grupo. Destacar os papéis sociais que as mulheres do empreendimento desempenham para trabalhar sua identidade: “O que compõe sua identidade enquanto mães? Que outras identidades as mães têm?”.

DESCRIÇÃO/ROTEIRO DA ATIVIDADE

Etapa 1 - Sensibilização.

Exibição do vídeo **Acorda Raimundo... Acorda!** (ver bibliografia, p. 156).

Iniciar o debate, após o filme, refletindo sobre a divisão do trabalho, no filme, e sobre os papéis sociais dos homens e das mulheres. Explicitar os conflitos das relações desiguais que foram sendo construídas ao longo da história.

Ler o poema de Eduardo Galeano “A Autoridade” (GALEANO, 2006).

Etapa 2 - Exposição teórica - fundamentos históricos e políticos:

Diferenças construídas como desigualdades e explicações religiosa, biológica, econômica e cultural. Enfatizar que, nesse momento, a idéia não é entrar na esfera privada da vida de cada um(uma): busca-se pensar, coletivamente, como podem

se desenvolver relações igualitárias e democráticas dentro do empreendimento, o que, por sua vez, não afasta a necessidade de questionar o tipo de vida que se leva e quais relações humanas desejam construir em sociedade.

Etapa 3 – Exposição teórica: fundamentos históricos e políticos.

Fazer uma breve explicação sobre as visões legitimadoras das desigualdades entre os homens e as mulheres e abrir para discussão. Depois, passar as imagens de mulheres, fotos de revistas, catálogos etc.; pedir para elas(es) selecionarem as fotos com as quais se identificam. Fazer um debate de gênero e classe social, luta e conquista de direitos.

Referência para o debate: MST – Coletivo Nacional de Mulheres, “Cartilha Compreender e Construir Novas Relações de Gênero” (ver bibliografia, p. 149).

ENCERRAMENTO

Finalizar a atividade com uma roda de discussão sobre as questões apresentadas, refletindo sobre as mudanças do papel da mulher na sociedade no decorrer da história do Brasil, e dos papéis diversos das mulheres de classes antagônicas.

ANEXOS

Poema de Eduardo Galeano (GALEANO, 2006):

A AUTORIDADE

Em épocas remotas, as mulheres se sentavam na proa das canoas e os homens na popa. As mulheres caçavam e pescavam. Elas saíam das aldeias e voltavam quando podiam ou queriam. Os homens montavam as choças, preparavam a comida, mantinham acesas as fogueiras contra o frio, cuidavam dos filhos e curtiam as peles para abrigo.

Assim era a vida entre os índios onas e os yaganes, na Terra do Fogo, até que um dia os homens mataram todas as mulheres e puseram as máscaras que as mulheres tinham inventado para aterrorizá-las.

Somente as meninas recém-nascidas se salvaram do extermínio. Enquanto elas cresciam, os assassinos lhes diziam e repetiam que servir aos homens era seu destino. Elas acreditaram. Também acreditaram suas filhas e as filhas de suas filhas.



CATEGORIAS

autogestão

DURAÇÃO

2 encontros
de 2 horas

MATERIAL NECESSÁRIO

- papel pardo;
- folhas sulfite;
- fita adesiva;
- pincéis atômicos.

Para que serve um regimento?

OBJETIVO

Ressaltar a importância do regimento interno no empreendimento e sua característica dinâmica de ser alterado de acordo com a necessidade dos(as) trabalhadores(as).

INTRODUÇÃO

O regimento interno de um empreendimento é um importante instrumento para a consolidação de sua autogestão. Muitas vezes, ele é elaborado por entidades que apóiam o empreendimento e não é conhecido pelos(as) trabalhadores(as). A discussão da finalidade de um regimento interno e de seu caráter dinâmico traz inúmeras possibilidades de atividades de formação em um processo de incubação.

Essa atividade pode ser feita com empreendimentos que não possuem conhecimento de seu regimento e/ou querem mudar seu conteúdo. Em qualquer situação, sugerimos que a atividade parta da leitura coletiva do regimento do empreendimento. Após a leitura, outras atividades podem ser realizadas.

DESCRIÇÃO/ROTEIRO DA ATIVIDADE

Etapa 1 - Leitura do regimento interno.

Ler o regimento junto com os(as) trabalhadores(as), ou os pontos principais. Essa leitura deve respeitar o tempo dos(as) trabalhadores(as). Quando surgirem dúvidas, estas podem ser esclarecidas tanto pela equipe de incubação quanto pelos(as) trabalhadores(as) mais antigos(as) que participaram de sua elaboração. Deixar algumas cópias do regimento interno no empreendimento, em lugar acessível para quem tiver interesse. Essa etapa, embora simples, tem grande importância, pois, por um lado gera uma compreensão coletiva das regras vigentes no empreendimento e, por outro, garante que essa compreensão atinja também os(was) trabalhadores(as) não alfabetizados ou com dificuldade de leitura.

Etapa 2 - Testando o regimento.

Propor aos(as) trabalhadores(as) que durante uma semana observem o funcionamento do empreendimento e avaliem se as regras trazidas pelo regimento estão sendo cumpridas. Para isso, pode-se levantar com os(as) próprios(as) trabalhadores(as) alguns pontos que sempre costumam aparecer para facilitar a observação.

Após essa semana, sentar com os(as) trabalhadores(as) e socializar as observações de cada um. À equipe de incubação cabe mediar esse debate, tentando sempre não personificar os casos trazidos pelos(as) trabalhadores(as), discutindo as regras do regimento e a relação com a prática e não os problemas pessoais. O caso específico de cada trabalhador(a) deve servir de substrato para a discussão, mas não deve ser o foco da atividade.

Discutir a experiência de cumprimento ou não das regras apontadas no regimento. Questões norteadoras: “As regras colocadas no regimento foram cumpridas? Por quê? Quais foram as dificuldades? Existe interesse em alterá-las?”.

Finalizar a etapa perguntando aos(as) trabalhadores(as) se o regimento atual possui relação com o trabalho do empreendimento e se continua atual. Aqui, vale ressaltar que os(as) trabalhadores(as) podem e devem modificar as regras presentes no regimento, ou acrescentar novas regras, desde que a modificação seja feita de maneira coletiva em assembléia.

Etapa 3 - Modificação do regimento atual.

Caso o empreendimento avalie a necessidade de modificar o regimento interno, propor a seguinte atividade: utilizar cartões/tarjetas para escrever os títulos dos capítulos do regimento e colar na parede ou em papel pardo. A partir daí, relembrar cada um dos capítulos. Pedir a ajuda de algum(a) trabalhador(a) para essa atividade (alguém que participou do processo de elaboração do regimento ou que tenha este conhecimento). Pedir aos(as) trabalhadores(as) para que levistem a ordem de prioridades desses capítulos.

Alguns exemplos de capítulos de regimento:

- Direitos dos(as) trabalhadores(as);
- Responsabilidade do empreendimento frente aos acidentes;
- Deveres dos(as) trabalhadores(as);
- Retiradas;
- Reunião geral;
- Obrigações do empreendimento;
- Princípios do empreendimento;
- Exclusão de trabalhadores(as);
- Bens do empreendimento;



- Pré-requisitos para se associar ao empreendimento;

Levantar, em cada capítulo, os problemas encontrados e possíveis soluções.

Formar uma comissão para elaboração do texto do regimento formada por formadores(as) e trabalhadores(as).

ENCERRAMENTO

É importante que as alterações sugeridas sejam realmente efetivadas. Por isso, a comissão formada deve ser acompanhada pela equipe de incubação e o texto final aprovado pelo coletivo de trabalhadores(as). O regimento deve ser visto como um instrumento de fortalecimento da autogestão e não como uma camisa de força para o empreendimento.

A oficina deve, também, fomentar o uso do computador pelo empreendimento, incentivando que os próprios(as) trabalhadores(as) elaborem o texto, com o auxílio da equipe de incubação.





CATEGORIAS

comunicação
org. política

DURAÇÃO

1 hora

MATERIAL NECESSÁRIO

- imagem previamente escolhida pelo grupo.

Descrição oral de uma imagem

OBJETIVOS

- Discutir problemas de comunicação no empreendimento;
- Debater a transmissão de informações entre emissores e receptores, demonstrando que toda informação depende do interlocutor que a transmite, mas também do receptor;
- Discutir como a história é construída a partir de um ponto de vista e, por isso, deve ser entendida como uma versão dos fatos e não como uma verdade absoluta.

INTRODUÇÃO

É corriqueiro para os empreendimentos incubados enfrentar problemas com a comunicação interna e externa. Esses problemas, muitas vezes, geram dificuldades para a coesão e organização do grupo e com os parceiros. Por isso, essa atividade propicia, de maneira lúdica, trabalhar essas questões. A atividade mostra também que toda história é uma história contada, isto é, uma história que carrega elementos de quem a contou e, por isso, uma construção.

DESCRIÇÃO/ROTEIRO DA ATIVIDADE

A atividade consiste em contar oralmente como uma pessoa vê uma figura. São necessárias quatro pessoas ou mais. As quatro pessoas devem ficar fora da sala e entrar uma por vez. Os(As) outros(as) trabalhadores(as) ficam assistindo a transmissão da informação. A primeira pessoa entra e é a única que, em um primeiro momento, vê a imagem. A imagem é então guardada e essa pessoa deve contar para a próxima que entrar como é a figura. A pessoa que está escutando pode fazer perguntas para obter mais informações, mas não deve ver a figura. A primeira pessoa deve sair (pode assistir as outras etapas, mas não deve mais falar) e a segunda pessoa descreve a imagem para uma terceira (que estava do lado de fora). Isso deve ser repetido sucessivamente. O restante do grupo assiste a todo o processo sem ver a figura.



ENCERRAMENTO

Ao final, devem-se reunir todos(as) os(as) participantes e mostrar a imagem para o coletivo. A equipe de incubação deve propor ao empreendimento um debate sobre a atividade. Algumas questões para o debate: “O que tinha sido imaginado a partir das informações descritas por cada voluntário(a)? Quais as diferenças com a imagem real? O que isso significa?”.

O encerramento da atividade deve trazer o debate para situações concretas que o empreendimento viveu. Além disso, a equipe de incubação deve conduzir o debate propondo questões relacionadas aos problemas de comunicação, de manipulação de mensagens e da importância da transmissão da idéia.





CATEGORIAS

org. política
autogestão
produção

DURAÇÃO

2h30min

MATERIAL NECESSÁRIO

- televisão;
- aparelho de DVD;
- vídeo “Tempos Modernos” (87 minutos);

Debate sobre o filme “Tempos Modernos”

OBJETIVOS

- Debater as características do trabalho capitalista;
- Debater a função da tecnologia capitalista e suas implicações para a autogestão.

INTRODUÇÃO

O filme em questão é um clássico, não apenas do cinema, mas também de trabalhos de formação. Isso porque, ele traz elementos para o debate sobre o trabalho e a tecnologia no modo capitalista de produção com uma linguagem acessível aos(as) trabalhadores(as). Ler um texto sobre o mundo do trabalho, por exemplo, poderia ser interessante para debater o mesmo assunto. Porém, o filme possibilita um reconhecimento do(a) trabalhador(a) com as atividades realizadas pelo personagem principal e, com isso, facilita o debate proposto.

DESCRIÇÃO/ROTEIRO DA ATIVIDADE

Etapa 1 – Exibição de “Tempos Modernos”.

Passar trechos do filme “Tempos Modernos” (ver p. 156). O ideal é passar o filme todo, mas caso os(a)s trabalhadores(as) estejam sem tempo, passar os trechos que mostram o personagem Carlitos trabalhando na fábrica, na prisão e andando desempregado nas ruas, até o momento em que conhece a mocinha, também pobre e desempregada.

Etapa 2 – Debate.

Fazer o debate a partir das primeiras cenas do filme na fábrica. Levantar as questões: “Como o funcionário é tratado na fábrica? Ele tem consciência sobre o que está produzindo? O patrão (presidente da fábrica) possui qual posição em relação aos funcionários? Quando Carlitos fica louco e acaba entrando nas engrenagens da fábrica, o que isso representa? Quais são as características da tecnologia (máquinas, ferramentas) utilizadas? Quem decide a maneira (e o tempo)



como o trabalho é realizado?”. Para esse debate, diversas questões podem ser levantadas de acordo com a realidade do empreendimento.

Etapa 3 - A produção do empreendimento.

A equipe de formação deve propor um debate mais específico sobre a produção no empreendimento: “Como as questões mostradas pelo filme estão presentes nessa realidade? Quem decide como o trabalho é organizado? Quais tecnologias (máquinas, equipamentos) são utilizadas? Algum(a) trabalhador(a) se sente como o Carlitos? O que pode ser feito para mudar essa situação?”.

ENCERRAMENTO

Esta atividade deve ser vista como uma atividade de sensibilização para as questões relativas à organização da produção e à tecnologia. Nem sempre as tecnologias utilizadas são adequadas a um empreendimento autogerido. Por isso, trazer esse debate à tona pode ser um instrumento importante para o fortalecimento da autogestão nos empreendimentos.

Após essa atividade de sensibilização, recomendamos que o processo produtivo seja trabalhado em outras atividades no processo de incubação e que a equipe, junto com os(as) trabalhadores(as), busquem alternativas adequadas ao empreendimento incubado tanto em relação à organização da produção quanto às tecnologias utilizadas.





Dinâmica da fábrica capitalista

CATEGORIAS

org. política
autogestão
produção

DURAÇÃO

2 horas

MATERIAL NECESSÁRIO

- sacolas pretas;
- folhas sulfite;
- tesoura;
- gravata.

OBJETIVO

Introduzir o debate sobre o modo de produção capitalista.

INTRODUÇÃO

Jogo que propicia o debate, de forma introdutória, sobre o trabalho no modo de produção capitalista, ressaltando as contradições e podendo-se discutir, em contraposição, como poderia ser o trabalho numa cooperativa. Exercício básico para apresentação e discussão dos conceitos da economia política, a exploração do(a) trabalhador(a), a mais-valia, a alienação etc.

DESCRIÇÃO/ROTEIRO DA ATIVIDADE

A atividade consiste em “recrutar” pessoas para executar um processo produtivo (compra de força de trabalho) em troca de um salário, negociado pelos(as) trabalhadores(as) com o patrão. Os(As) trabalhadores(as) são organizados(as) em fileiras, como num processo produtivo, com linhas de produção e divisão do trabalho. Em seguida, o “dono da fábrica” pede que os(as) trabalhadores(as) produzam certo número de produtos (será fornecida uma folha de papel, que é a matéria-prima para ser dobrada e cortada). O papel dobrado e cortado será a mercadoria produzida: sapatos para exportação. É necessário que um(a) formador(a) faça o papel do patrão e outro(a) o(a) de gerente de produção.

Etapa 1

- Simular a produção numa fábrica capitalista (exagerando algumas questões para torná-las mais visíveis);
- Montam-se tantas linhas de produção quantas forem necessárias;
- Cada linha de produção deve ter o mesmo número de operadores(as) (a definir, de acordo com o número de participantes);



- Os(As) primeiros(as) operadores(as) das linhas de produção recebem uma folha que estes(as) deverão dobrar ao meio e passar para os(as) segundos(as) operadores(as);
- Os(As) segundos(as) operadores(as) dobram novamente ao meio e passa para os(as) terceiros(as);
- E assim por diante, até que os dois(duas) últimos(as) operadores(as) cortam as folhas em quadrados iguais e colocam a produção no saco preto (posicionado, anteriormente, no fim das linhas de produção);
- Deixe a produção acontecer por algum tempo;
- Ao final da produção, o patrão vai pagar os funcionários com os próprios produtos. Pergunta quanto eles acham justo ganhar e paga o dobro disso. Caso o produto seja um sapato e este custe R\$100 e o salário seja R\$500, então, entrega-se, por funcionário, cinco quadradinhos de papéis (representando cinco produtos, neste caso, sapatos).
- Depois de pagar a todos(as), o patrão esvazia o saco preto e, só então, torna-se visível a quantidade enorme de produtos (capital) que o patrão embolsou;

Etapa 2

Debater a forma de trabalho nas empresas capitalistas: especialização do trabalho, tempo de produção desumano, esforço desumano, divisão hierárquica do trabalho e do capital, gerência focando na produtividade e não na saúde etc.

Por exemplo, se o dono contrata 10 trabalhadores(as) a R\$100,00 por dia, e, todos(as) juntos(as) produzem 10 sapatos (por dia), que são vendidos a R\$100,00 cada, o dono da fábrica fica com R\$900,00 por dia (de onde se retira parte para o pagamento da matéria-prima, o desgaste das máquinas e contas). A idéia é apresentar, de forma geral, a exploração dentro de uma fábrica. O dono também deverá contratar alguém “de fora” por um salário menor (considerando que este está desempregado, aceitará sem problemas), e, através disso, mostrar como o “exército industrial de reserva” é um elemento de coerção sobre os(as) trabalhadores(as) empregados(as).

Durante a atividade, algumas variações podem ser introduzidas: um(a) funcionário(a) exemplar que recebe bonificações, um(uma) trabalhador(a) que é punido(a) por ter um ritmo mais lento, introdução de inovações tecnológicas que aumentam a produtividade do trabalho etc. A atividade além de mostrar que existe a exploração do trabalhador, que não existe “bom patrão”, ainda mostra como ocorre a extração da mais-valia.

Observação: É interessante explorar bem as características do patrão e do gerente: acelerar a produção, trocar postos de trabalho, ameaçar de demissão os(as) “incompetentes”, ressaltar que os(as) trabalhadores(as) não podem





conversar nem rir, nem ir ao banheiro senão pára a produção, exaltar a competitividade oferecendo prêmios para o(a) melhor trabalhador(a). Na hora de pagar os(as) empregados(as), ressaltar como o patrão é bom e paga muito bem seus(suas) funcionários(as) e dá bônus etc. O gerente sempre “puxa o saco” do patrão, mal ajudando os(as) funcionários(as). Caso o(a) formador(a) queira apresentar o cálculo da mais-valia partido dos dados de salário e custo do produto presentes na dinâmica, deve fazer alguns cálculos antes e durante a atividade para saber valores máximos de salário. Esta oficina foi pensada sem esses cálculos exatos, o que conduz a uma apresentação genérica, não baseada nos dados da dinâmica, da produção da mais-valia.

ENCERRAMENTO

Depois da atividade, realizar um debate. Sugestão: lançar perguntas geradoras para estimular o debate. Sugerimos também que os seguintes tópicos sejam estudados e trazidos ao debate: Como se dá a produção de mais-valia, Funcionamento da sociedade capitalista e Luta de classes.

Esta atividade pode ser complementada pela oficina **Princípios do cooperativismo” (p. 144).**





CATEGORIAS

autogestão
coesão e conflito

DURAÇÃO

2 horas

MATERIAL NECESSÁRIO

- “situações problema” (exemplos em anexo);
- material para interpretação cênica.

Situações problema e papéis dos conselhos

OBJETIVO

Esclarecer os papéis dos conselhos e comissões, bem como evidenciar os problemas e conflitos do trabalho.

INTRODUÇÃO

Esta oficina visa possibilitar a compreensão e a construção do papel dos conselhos (Conselho Administrativo e Conselho Fiscal) e comissões criadas pelo empreendimento para trabalhar questões específicas (por exemplo, comissão de direitos humanos, de educação, de gênero e saúde etc.).

Previamente, a equipe de incubação deve criar situações-problema que tenham relação com situações existentes no empreendimento. As situações-problema podem ser interpretadas pelos(as) formadores(as) ou pelos(as) próprios(as) trabalhadores(as), como pequenas ações teatrais.

DESCRIÇÃO/ROTEIRO DA ATIVIDADE

Apresentação das situações-problema. Será uma situação para cada conselho e comissão do estatuto/regimento do empreendimento. Dividir os papéis em cada situação entre trabalhadores(as) e formadores(as). Os(As) trabalhadores(as) devem interagir com as situações, buscando soluções para resolvê-las.

ENCERRAMENTO

Em anexo, são apresentadas algumas situações-problema criadas. É importante reparar que cada situação tem íntima relação com o empreendimento incubado. Reproduzir essas situações pode não ser o mais indicado para outros empreendimentos, por isso, elas devem ser avaliadas em cada caso. Além disso, as situações escolhidas devem caminhar para a solução dos problemas evidenciados por elas.

ANEXO

Exemplo de “situação problema” criada para a eleição na associação de profissionais do sexo “Mulheres Guerreiras”:

1. Conselho Administrativo-Financeiro

Situação 1: o que fazer com dinheiro acumulado com o bazar, atividade organizada pelas coordenadoras da associação, recorrentemente, para angariar fundos para a associação.

Tina e Suzi fazem parte da associação.

Tina remete-se às mulheres da associação presentes e diz que arrecadou R\$ 700 no último bazar e que não quer ficar com a grana em casa... Pergunta: “O que vamos fazer? Precisamos colocar essa grana no banco.”

Suzi: “Mas numa conta sua?”

Tina: “Não, pessoal, tem que ter uma conta da associação.”

Suzi: “Mas como faz isso?”

Se não souberem como fazer, explicar que nessa situação a coordenação responsável é a administrativo-financeira. Para abrir uma conta, são necessários o estatuto da associação e a ata de fundação, com o nome das associadas eleitas para as coordenadorias registrados no cartório. Pois, para abrir uma conta de uma entidade, o banco pede pelo menos esses documentos. Provavelmente, dois nomes ficarão responsáveis pela conta, a coordenadora administrativo-financeira e a coordenadora geral (e os cheques deverão ser assinados pelas duas).

Citar que a coordenadora administrativo-financeira tem a obrigação de apresentar relatório dos gastos (com notas fiscais), extrato da conta etc.

Situação 2: fechamento de hotéis. Suzi e Tina não fazem parte da associação.

Diálogo entre as duas sobre hotéis que freqüentam e que foram fechados (dar nomes fictícios aos hotéis). Tina sugere que procurem a associação. Voltam-se para as mulheres da associação, como se estivessem em uma reunião.

“Alguém tem que fazer alguma coisa. Vamos fazer um ato, como aquele que aconteceu em 2006. Vamos procurar alguém que nos apóie. Quem da associação pode nos representar, marcar uma reunião com o pessoal da prefeitura?”

Falar sobre o papel representativo do Conselho Administrativo-Financeiro, mas que, apesar deste papel, não tem mais poder que nenhuma outra associada, apenas uma função designada, a associação é horizontal.



2. Conselho fiscal

Situação: Tina e Suzi são da associação. Suzi, como se estivesse em uma reunião da associação, na qual Tina não está, comenta que desconfia que Tina tem feito ações em nome da associação sem perguntar nas reuniões se pode fazer o que está fazendo.

Suzi: “A Tina comentou aqui que iria pedir apoio por ai, no comércio? Porque me disseram que ela anda fazendo isso em nome da associação ‘Mulheres Guerreiras’. Eu não vi, mas me disseram. O que vamos fazer?”.

Expectativa: que elas se manifestem propondo solução para o caso. Orientar no seguinte sentido: neste caso, o Conselho Fiscal deve averiguar o que está acontecendo, antes que a associação acuse alguém, verificar se não é apenas fofoca, conversar com a Tina, procurar os lugares que fizeram doações. Procurar fazer isso com a Coordenação Geral.

3. Coordenadoria de gênero e saúde

Situação: a utilização do tampão ou diafragma nas relações sexuais quando estão menstruadas, para evitar infecções, já que algumas mulheres recorrem a chumaços de algodão ou até absorventes internos para evitar o sangramento no momento da relação. Situação escolhida, porque algumas coordenadoras da associação assistiram a uma palestra sobre o tema.

Suzi e Tina não fazem parte da associação.

Suzi reclama do problema de transar menstruada, usou algodão, teve uma infecção, ficou dias sem trabalhar.

Tina comenta a palestra que assistiu, em que até a Laura da associação estava também, onde falaram para usar um negócio que ela não lembra bem o que era. “Vamos pedir para associação arranjar o tal tampão pra gente.”. Dirigem-se às mulheres da associação pedindo uma solução.

Orientar o diálogo, perguntando quem ficaria responsável por auxiliar Tina e Suzi nesta questão, qual coordenadoria.

Expectativa: que elas se lembrem da palestra, que informem que o diafragma pode ser adquirido em postos de saúde, que elas entendam que essa situação é responsabilidade da coordenadoria de gênero e saúde.

4. Coordenadoria de direitos humanos

Situação: Tina é espancada e roubada por um cliente em um motel. Situação escolhida por fazer referência a um caso ocorrido em Minas Gerais. “Prostituta foi espancada pelo cliente e o processou por ‘danos morais’ e ‘danos materiais’”. Danos materiais foi o argumento mais progressista, afirmando que





devido aos ferimentos foi obrigada a ficar vários dias sem poder trabalhar. A justiça do estado não deu ganho de causa no caso dos danos materiais.

Tina liga para Suzi pedindo ajuda, pois acabara de ser espancada. Suzi combina de buscar Tina no motel, onde teve sua bolsa roubada, e vão direto para um Pronto Socorro.

Enquanto esperam no PS, conversam sobre o que fazer:

Tina: “E agora, o que vou fazer?”.

Suzi: “Você tem que prestar uma queixa desse bandido.”.

Tina: “Ah tá, você acha que vão me levar a sério na delegacia?”.

Suzi: “É, mas se pedirmos ajuda pra alguém?”.

Tina: “E o pior é que vou ter que ficar vários dias sem trabalhar... quem vai querer fazer um programa com uma mulher de olho roxo e braço quebrado?”.

Suzi: “Você tinha que processar esse cara...”.

Tina: “Você pirou, né, Suzi?”.

Suzi: “Olha só, fiquei sabendo de uma associação que formaram aí, acho que a Teresa faz parte, talvez elas possam ajudar. Vamos ligar para a Teresa e pedir pra nos ajudar.”.

Suzi liga para Tereza pedindo para ela interagir no teatro, pedindo que ajude a Tina.

Suzi: “O que podemos fazer, Tereza? Vocês conhecem algum advogado? Sabe se podemos ir à delegacia fazer uma queixa do cara?”

Expectativa: questionar quem na associação poderia acompanhá-las neste caso e que sugiram a coordenadora de direitos humanos; que elas consigam refletir sobre algumas ações já comentadas em alguns momentos nas reuniões da associação.





CATEGORIAS

autogestão
org. política

DURAÇÃO

2 encontros
de 2 horas

MATERIAL NECESSÁRIO

- garrafa;
- lápis;
- barbante;
- papel pardo;
- pincéis atômicos;
- folhas sulfite;
- lápis de cor;
- canetinha.

Os princípios do cooperativismo

OBJETIVOS

Debater o que é um empreendimento popular e o cooperativismo.

INTRODUÇÃO

Este oficina se propõe a fomentar um debate comparativo entre os princípios do cooperativismo e a empresa capitalista, a partir da experiência dos(as) trabalhadores(as) e de elementos fundamentais do cooperativismo. Situar as cooperativas dentro da economia, como funcionam as empresas e como funcionam as cooperativas: elementos comuns e diferentes. Além disso, a proposta é fomentar o debate da autogestão como forma de organização das cooperativas.

DESCRIÇÃO/ROTEIRO DA ATIVIDADE

Etapa 1 - Jogos cooperativos.

Para dar início às atividades, é sugerida a realização de algum jogo cooperativo para deixar o grupo mais à vontade para realizar a atividade. Sugestões:

Colocar o lápis na garrafa: O lápis fica preso por diversos barbantes. Cada ponta de barbante fica na mão de uma pessoa. O objetivo é encaixar o lápis dentro da garrafa. Para trabalhar a cooperação.

Telefone sem fio: Em roda, uma pessoa escolhe uma palavra e fala no ouvido da próxima, repetindo-se o processo até a última pessoa que deve dizer em voz alta qual foi a palavra escolhida. Para trabalhar a comunicação interna cooperativa.

Etapa 2 - Comparação empresa x empreendimento.

A proposta é levantar as diferenças entre o funcionamento da empresa capitalista e do Empreendimento Econômico Solidário a partir da experiência dos(as) trabalhadores(as). Pedir aos(as) trabalhadores(as) para lembrarem experiências pessoais de trabalho em empresas e no empreendimento

e escreverem e/ou desenharem. Após essa atividade, fazer uma roda e pedir para que apresentem suas experiências de trabalho. Enquanto isso, um(a) formador(a) escreve, num papel pardo afixado na parede, as diferenças entre empresa e cooperativa, pontos positivos e negativos.

Durante a exposição dos(as) trabalhadores(as), o(a) formador(a) deve trazer elementos relacionados ao funcionamento da empresa capitalista e aos princípios básicos do cooperativismo. Para isso, o(a) formador(a) deve conhecer bem esses elementos.

Etapa 3 – Debate.

Encerrar a atividade com uma leitura do quadro e perguntar se alguém gostaria de complementar, e dar seqüência ao debate.

ENCERRAMENTO

Como complemento dessa oficina, sugerimos a realização da oficina **Dinâmica da fábrica capitalista (p. 137)**.

ANEXOS

Exemplo de quadro feito em cooperativa:

Empresa	Cooperativa
<ul style="list-style-type: none">- Patrão e empregado;- Salário;- Carteira assinada - direitos (FGTS...);- Setores:* Limpeza;* Administração;* Comunicação;- Normas.	<ul style="list-style-type: none">- Todos iguais/todo mundo é patrão;- Retirada: recebe de acordo com o tempo de trabalho (pode ser discutido);- Autônomo/autogestão;- Grupos de trabalho rotativos;* Conselho administrativo;* Conselho fiscal;* Saúde;- Assembléia (votação das decisões);- Regimento (regras);- Cota;- Fundo;- Educação permanente.



CATEGORIAS

avaliação

DURAÇÃO

2 horas

MATERIAL NECESSÁRIO

- objetos, figuras ou fotografias que permitam lembrar das atividades realizadas pela equipe de incubação;
- folhas sulfite;
- canetinhas.

Avaliação das atividades

OBJETIVOS

Recordar e avaliar coletivamente as atividades realizadas pelo grupo.

INTRODUÇÃO

Essa atividade pode ser realizada ao final de um semestre de incubação. A partir dela, a equipe de incubação e o empreendimento poderão olhar para o trabalho realizado de forma sistematizada e coletiva. Para alguns(algumas) trabalhadores(as) é neste momento que todo o processo ganha uma unidade. Serão, então, colhidas críticas e sugestões a serem incorporadas ao próximo planejamento.

DESCRIÇÃO/ROTEIRO DA ATIVIDADE

Etapa 1

Atividade de relembrar o trabalho de incubação (oficinas, reuniões, atendimentos pontuais) junto aos(as) trabalhadores(as) com a ajuda dos objetos distribuídos no chão, relacionados às atividades que foram desenvolvidas, como por exemplo, fotos tiradas durante as oficinas, planilhas elaboradas, ata de assembléias, materiais produzidos, o logotipo desenvolvido, crachás de encontro de Economia Solidária, entre outros. Cada trabalhador(a) deve pegar um objeto e relembrar a atividade relacionada. Outros(as) trabalhadores(as) podem ajudar a relembrar também. No final de cada descrição, o(a) formador(a) pode complementar o que foi dito caso avalie faltou alguma informação importante.

Etapa 2

Após lembrar e comentar todas as atividades, dividir a turma em grupos pequenos com a proposta de avaliar cada encontro. Os grupos podem receber o planejamento anterior e discutir os pontos positivos e negativos do que foi desenvolvido no empreendimento ao longo do período em avaliação.



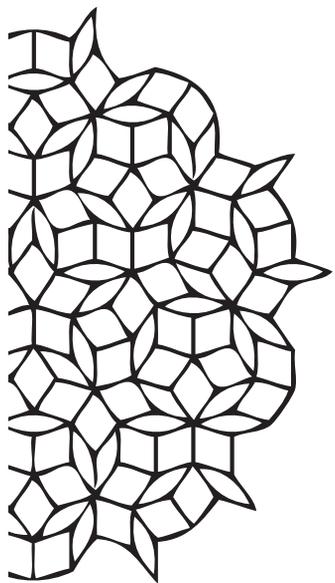
Etapa 3

Ao final do tempo estipulado, uma pessoa de cada grupo apresenta o que foi discutido para todos(as). O objetivo é avaliar não apenas as atividades realizadas, mas também o crescimento do grupo.

ENCERRAMENTO

É aconselhável a realização de uma oficina de planejamento, a partir dos elementos levantados durante essa oficina.





SUGESTÕES

LEITURAS

ABRAMO, P. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

ANTEAG. **Autogestão – Construindo uma Nova Cultura nas Relações de Trabalho**. São Paulo: Anteag, 2000.

ARBEX, José Jr. **Showrnalismo: a notícia como espetáculo**. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-Educação no Brasil – Realidade hoje e expectativas futuras**. In: Estudos Avançados, Universidade de São Paulo, São Paulo, v.3, n 7, p. 170-182, 1989.

_____, **Arte-Educação no Brasil: do modernismo ao pós-modernismo**. Revista Digital Art, no. 0. Outubro, 2003 (www.revista.art.br)

BERNARDET, Jean-Claude. **Cineastas e Imagem do Povo**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BOAL, A. **200 exercícios e jogos para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1977.



_____. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, s/d.

_____. **Jogos para atores e não-atores.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. **Senso de honra.** In: CORREA, Mariza (org.) Textos Didáticos. Ensaios sobre a África do Norte. IFCH/UNICAMP, no. 46 - Fev, 2002.

BETTO, Frei. **Desafios da Educação Popular.** São Paulo : CEPIS, 2000.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pensar a prática - escritos de viagem e estudos sobre a educação.** São Paulo: Loyola, 2002.

_____. **O que é o método Paulo Freire.** São Paulo: Brasiliense, 1981.

CALDART, Roseli. **A pedagogia do Movimento Sem-Terra.** São Paulo: Expressão Popular, 2004.

CALIXTRE, André Bojikian. **A Solidariedade Autogestionária - Reflexões sobre a Economia Política e o Planejamento Econômico de Cooperativas e Empreendimentos Populares Autogestionários.** Monografia de Conclusão do Curso de Graduação em Ciências Econômicas, Unicamp, Campinas, 2007. Disponível em: http://www.itcp.unicamp.br/itcp/arq_87.pdf

CITELLI, Adilson. **Comunicação e educação - a linguagem em movimento.** São Paulo: SENAC, 1999.

_____. **Aprender e ensinar com textos não escolares.** São Paulo: Cortez, 1997.

COGO, Denise Maria. **No ar... uma rádio comunitária.** Petrópolis: Vozes, 1998.

DAGNINO, Renato. **A tecnologia social e seus desafios.** Fundação Banco do Brasil. In: Tecnologia Social: uma estratégia para o desenvolvimento. Fundação Banco do Brasil: Rio de Janeiro, 2004.

_____. **Enfoques sobre a relação Ciência, Tecnologia e Sociedade: Neutralidade e Determinismo.** Trabalho apresentado na Organização dos Estudos Iberoamericanos para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2002. Disponível em: <http://www.campusoei.org/salactsi/index.html> - Acesso em: 30 mai. 2007.





_____. **Os estudos sobre Ciência, Tecnologia e Sociedade e a Política Científica e Tecnológica: buscando coerência na Ibero - América.** Campinas, 104 p, 2005. [Ainda não publicado].

_____. **Mais além da participação pública na ciência: buscando uma reorientação dos Estudos sobre Ciência, Tecnologia e Sociedade em Ibero - américa.** CTS+I, México, v. 7, 2006.

DAGNINO, Renato et al. **Sobre o marco analítico-conceitual da tecnologia social. In: Tecnologia Social: uma estratégia para o desenvolvimento.** Fundação Banco do Brasil: Rio de Janeiro, 2004.

DAGNINO, Renato e NOVAES, Henrique. **O Fetiche da Tecnologia.** Org & demo, Marília, v. 1, n. 4, p. 30-51, 2004.

DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DUARTE Jr. João Francisco. **Por que Arte-Educação,** Campinas: Papirus, 1985.

EINSENSTEIN, S. M. **A forma do filme.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

_____. **O sentido do filme.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

FERREIRA, Maria Nazareth. **Imprensa operária no Brasil.** São Paulo: Editora Ática, 1988.

FRAGA, Lais. **O Curso de Graduação da Faculdade de Engenharia de Alimentos da UNICAMP: uma análise a partir da Educação em Ciência, Tecnologia e Sociedade.** 2007. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Política Científica e Tecnológica, Unicamp, Campinas, 2007.

FREINET, Celestin, BALESE, L. **A leitura pela imprensa na escola.** Lisboa: Dinalivro, 1977

FREINET, Celestin, SALENGROS, R. **Modernizar a escola.** Lisboa: Dinalivro, 1977.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

_____. **Política e educação: ensaios.** São Paulo: Cortez, 1993.

_____. **Educação e Mudança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.





FREIRE, Paulo e BETTO, Frei. **Essa escola chamada vida: depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho**. São Paulo: Ática, 1986.

GALEANO, Eduardo. **Mulheres**. Tradução de Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM, 2006. GIANOTTI, Vito. **O que é jornalismo operário**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

GEILFUS, Frans. **80 Herramientas para el Desarrollo Participativo: Diagnóstico, planificación, monitoreo, evaluación**. San Salvador: SV, 1998.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

HIDALGO, Luciana. **Arthur Bispo do Rosário: o senhor do labirinto**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

IANNI, Otávio. **Enigmas da modernidade mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000

IDAC. **Cuidado, Escola! Desigualdade, domesticação e algumas saídas**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

KAPLÚN, Mario. **La educación para los medios en la formación del comunicador social**. Montevideo: FCU, 1987.

_____. **El comunicador popular**. Buenos Aires: lúmen Humanitas, 1996.

_____. **Procesos educativos y canales de comunicación**. Anais do I Congresso Internacional de Comunicação e Educação. São Paulo, 1998.

_____. **Del educando oyente al educando hablante - perspectivas de la comunicación educativa en tiempos de eclipse**. Revista Diálogos de Comunicación, nº 37, Setembro, 1993.

KAWAMURA, L. **Engenheiro: Trabalho e Ideologia**. 2ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 1981.

KUBRUSLY, Cláudio A. **O que é fotografia**. São Paulo: Brasiliense, 1985

LABAKI, Amir. **Introdução do Documentário brasileiro**. São Paulo, Editora Francis, 2006.

LAUDARES, B. **Trabalho e Formação do Engenheiro**. Belo Horizonte: Editora Fumarc, 2000.





LEITE, Márcia. **Mudanças produtivas e atores sociais**. In: Trabalho e Sociedade em Transformação. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

LENIN, Vladimir I. **Marx-Engels e marxismo**. Rio de Janeiro: Calvino, 1945.

_____. **A cerca de la prensa**. Moscou: Editorial Progreso, 1980.

LIMA, Jacob Carlos. **As Artimanhas da Flexibilização: o trabalho terceirizado em cooperativas de produção**. São Paulo: Terceira Margem, 2002.

LÓPEZ CERREZO, José Antonio. **Ciencia, Tecnología y Sociedad: Bibliografía comentada**. Revista Iberoamericana de Educación, [s.i.], 1998, n. 18, p.171-176.

MACHADO, A. **A arte do vídeo**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

MACHADO, Arlindo; MAGRI, Caio; MASAGÃO, Marcelo. **Rádios Livres a reforma agrária no ar**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Escriba, 1968.

MARX, Karl. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007

_____. **A liberdade de imprensa**. Porto de Alegre: L&PM, 1980.

_____. **O Capital: crítica da economia política**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MERTON, R.K. **Os imperativos institucionais da ciência**. In: J. D. Deus (org). A Crítica da Ciência. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979, pp.37-52.

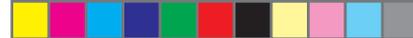
MONTECLARO, Lauro. **A Economia Solidária é uma alternativa ao capitalismo global?** C.M.I. Centro de Mídia Independente, 17/06/2004.

MORAES, Denis. **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro-São Paulo: Record, 2004.

MORÁN, José Manoel. **Leituras dos Meios de Comunicação**. São Paulo, Pancast, 1993.

MST - Coletivo Nacional de Mulheres. **Cartilha Compreender e Construir Novas Relações de Gênero**. São Paulo, Secretaria Nacional, 1998.





NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. Campinas, Papyrus, 2005.

NUNES, Alesse F. e outros. **Jornal comunitário: alcance e limitações**. Um estudo de caso. Campinas, PUC-Campinas, 1998. [mimeo]

PALUDO, Conceição. **Educação Popular em busca de alternativas: uma leitura desde o Campo Democrático Popular**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2001.

PINHO, J.B. **Comunicação em marketing: princípios da comunicação mercadológica**. Campinas-SP: Papyrus, 1989

PENTEADO, Heloísa Dupas. **Pedagogia da Comunicação -teorias e práticas**, SP, Cortez, 1998.

_____. **Televisão e escola: conflito de cooperação?** São Paulo; Cortez, 1994.

PEREIRA, Maria Cecília Camargo. **Experiências autogestionárias no Brasil e na Argentina**. Dissertação (mestrado) - Faculdade de Educação, UNicamp, Campinas, 2007.

PERUZZO, Cicília. **Comunicação nos movimentos populares**. Petrópolis, Vozes, 1998.

_____. **Relações públicas no modo de produção capitalista**. São Paulo: Summus, 1986

PESTRE, D. **Por uma nova História Social e Cultural das Ciências: novas definições, novos objetos, novas abordagens**. Cadernos IG/UNICAMP, 1996 Vol. 6, no. 1, pp. 356.

PISTRAK, Moisey Mikhaylovich. **Fundamentos da Escola do Trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

POCHMAN, Márcio. **Emprego e custo do trabalho feminino no Brasil no final do século XX**. In: Organização Internacional do Trabalho. Questionando um mito: custos do trabalho de homens e mulheres. Ed Lais Abramo, OIT, 2005.

PORTELLA, Ana Paula e GOUVEIA, Taciana. **Idéias e dinâmicas para trabalhar com gênero**, Metodologia SOS Corpo, Recife: 1999, p. 55.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal...o que é mesmo documentário**. São Paulo, SENAC, 2008.





REBELLATO, José Luis. **Antología mínima, La Habana**. Colección Educación Popular N°13. Havana: Editorial Caminos, 2000.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Produzir para Viver: os caminhos da produção não capitalista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

SANTORO, Luiz Fernando. **A imagem nas mãos: o vídeo popular no Brasil**. São Paulo, Sumus, 1989.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Sociedade de informação ou da comunicação**. São Paulo: Cidade Nova, 1997.

_____. **Boletins Diocesanos Católicos: Veículos de Comunicação a Serviço dos Marginalizados**. In: Melo, José Marques de (coord.). Comunicação e classes subalternas. São Paulo, Cortez, 1980.

SALGADO, Sebastião. **Êxodos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **Trabalhadores**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **Retratos de crianças do Êxodo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **Terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SAYÃO, Déborah T. **Pequenos homens, pequenas mulheres? Meninos, meninas? Algumas questões para pensar as relações entre gênero e infância**. In: Pro-Posições, v.14, n.3 (42) – set/dez, 2003

SINGER, Paul; SOUZA, André Ricardo. **A Economia Solidária no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2000.

_____. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

SUTZ, Judith. **Ciencia, Tecnología y Sociedad: argumentos y elementos para una innovación curricular**. Revista Iberoamericana de Educación, 1998, [s.i.], n. 18, p.145-169. Disponível em: <<http://www.rieoei.org/oeivirt/rie18a06.htm>>. Acesso em: 5 maio 2007.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**, São Paulo: Cortez, 1985.

_____. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo: Ed. Polis, 1987, p. 86.





VACAREZZA, Leonardo Silvio. **Ciencia, Tecnología y Sociedad: el estado de la cuestión en América Latina**. Revista Iberoamericana de Educación, [s.i.], n. 18, p.13-40, set. 1998. Disponível em: <<http://www.rieoei.org/oeivirt/rie18a01.htm>>. Acesso em: 5 maio 2007.

VESSURI, H.M.C. **Perspectivas recientes en el estudio social de la ciencia**, Interciencia, vol. 16, no 2, 1991, pp.60-68.

VIEIRA, Sheila. **Cooperativismo é alternativa no mercado de trabalho**. Correio Popular - Empregos - 09/7/2006

FILMES

A Greve Direção: Sergei Eisenstein, Ficção, 82 min. 1924 (clássico do cinema soviético revolucionário sobre greve de trabalhadores).

A classe operária vai ao paraíso Direção: Elio Petri, Ficção, 126 min., 1971 (filme sobre processo de consciência de classe de operário símbolo da classe média italiana).

A revolução não será televisionada Direção: Kim Bartley e Donnacha O'Briain, Documentário, 74 min., 2003 (o filme mostra o golpe que tirou o presidente Hugo Chávez do poder por 48 horas, a manipulação dos meios de comunicação na articulação da quebra da legalidade e a forte reação popular que reconduziu o presidente da Venezuela à liderança do país).

ABC da Greve Direção: Leon Hirszman, Documentário, 75 min., 1979/90 (se passa na região do ABC e acompanha a trajetória de 150.000 metalúrgicos)

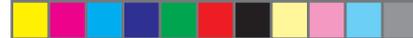
Acorda, Raimundo, Acorda! Direção: Alfredo Alves, Ficção, 1990, 16 minutos (curta que mostra “troca de papéis” entre homem e mulher).

Beijo 2347/78 Direção: Walter Rogério, Ficção (filme sobre trabalhador que é acusado judicialmente por ter beijado uma trabalhadora durante o expediente de trabalho em fábrica).

Candelária aquela que conduz a luz Direção: Jade Moraes (55 min), Documentário, 2005 (a luta de profissionais do sexo em Sergipe).

Eles não usam black tie Direção: Leon Hirszman, Ficção, 120 min.m 1981 (filme sobre movimento sindical e conflitos políticos entre pai militante e filho operário).





Em Construção Direção: ITCP-USP, Documentário, 37min, 2003 (video sobre o trabalho da ITCP-USP com cooperativismo e autogestão, você pode assisti-lo através do link <http://www.itcp.usp.br/drupal/node/157>)

Ilha das Flores Direção Jorge Furtado. Documentário, 13 min, 1989 (um tomate é plantado, colhido, vendido e termina no lixo da Ilha das Flores, entre porcos, mulheres e crianças. Documentário que denuncia as desigualdades sociais na região do Rio Grande do Sul. Este curta está disponível para exibição online em www.portacurtas.com.br).

Invasão ou Cidadania? Direção: Rede Rua de Comunicação - Alderon Pereira da Costa e Arlindo Pereira Dias. Documentário-reportagem, 32 min, 2000 (sobre luta pela terra e MST)

La terra trema Direção: Luchino Visconti, Ficção, 180 min., 1947 (aspectos de proletariado de trabalhadores do mar em região pobre da Itália, exploração do trabalho e organização dos trabalhadores)

Ladrões de bicicleta Direção: Vittorio de Sica, Ficção, 93 min., 1948 (filme clássico do neo-realismo italiano que se passa no período pós II Guerra Mundial, marcado por cidades destruídas e desemprego. Conta o drama de um homem que tem sua bicicleta roubada, veículo requisitado pelo recém conseguido emprego).

Mimi, o metalúrgico Direção: Lina WertMüller, 121 min., 1972 (Mimi torna-se metalúrgico de próspera indústria e se envolve com uma militante trotskysta).

Muito além do cidadão Kane Direção: Simon Hartog, BBC, Documentário, 90 min., 1983 (filme sobre a criação da Rede Globo, seus acordos espúrios e casos de manipulação).

O homem que virou suco Direção: João Batista de Andrade, Ficção, 90 min., 1980 (filme sobre homem nordestino que vai para o sudeste em busca de emprego e se depara com o preconceito e as dificuldades da cidade grande).

O menino, a favela e as tampas de panela Direção: Cao Hamburger. Ficção, 5 min, 1995 (as peripécias de um garoto para conseguir algumas tampas de panela em uma favela. Este curta está disponível para exibição online em www.portacurtas.com.br).

Os carvoeiros Direção: Nigel Noble, Documentário, 65 min., 1999 (filme sobre trabalho infantil e trabalho semi-escravo em carvoarias localizadas em Minas Gerais, Mato Grosso e Pará)





Ossos do Ofício ITCP - UFRJ, 10 min. (Vídeo produzido junto com a publicação do mesmo título. Traça um panorama do trabalho da ITCP. Maiores informações: <http://www.itcp.coppe.ufrj.br>).

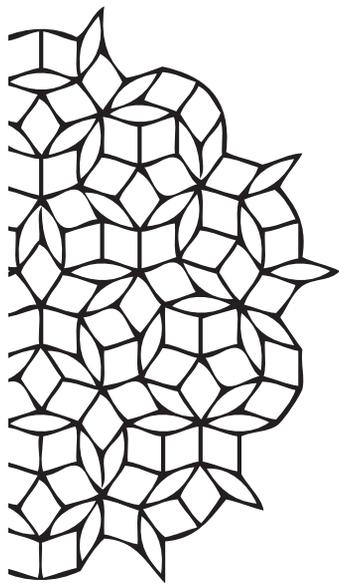
Pão e Rosas Direção: Ken Loach, Ficção, 110 min., 2000 (história de mulher mexicana que vai tentar "fazer a América" nos Estados Unidos e se revolta contra as condições de trabalho da empresa e situação dos trabalhadores imigrantes).

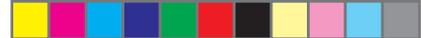
Tempos Modernos Direção Charles Chaplin. Ficção, 87 min, 1936 (clássico do cinema mudo sobre o trabalho repetitivo, estafante e alienante de um trabalhador na fábrica)

Terra para Rose Direção: Tetê Moraes, Documentário, 84 min., 1987 (sobre luta pela terra - Rose é uma agricultora sem-terra que, com outras 1.500 famílias, participou da primeira grande ocupação de uma terra improdutiva, a fazenda Annoni, no Rio Grande do Sul. Fala do início do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra). Rose deu à luz ao primeiro bebê que nasceu no acampamento e foi morta num estranho acidente).









CRÉDITOS

ORGANIZAÇÃO:

Cristina Alvares Beskow
Diana Helene Ramos

EQUIPE DE REALIZAÇÃO:

Bruna Vasconcellos
Cristina Alvares Beskow
Diana Helene Ramos
Ioli Gewehr Wirth
Lais Silveira Fraga

COMISSÃO EDITORIAL:

Bruna Vasconcellos
Ioli Gewehr Wirth
Lais Silveira Fraga
Letícia Gregório Canelas
Marta Eugênia Fontenele Pimenta
Maria Cecília Camargo Pereira



AUTORES ITCP/UNICAMP:

Adriana Silva - GEPES Gênero
Ana Carolina Costa Simões - GEPES Dinâmica das Relações Humanas
Aline Tavares - GEPES Gênero
Alessandro Oliveira - GEPES Processos Pedagógicos
André Calixtre - GEPES Planejamento Econômico
Artur Monte Cardoso - GEPES Planejamento Econômico
Bruna Vasconcellos - GEPES Produção & Tecnologia
Maria Cecília Camargo Pereira - GEPES Dinâmica das Relações Humanas
César Andaku - GEPES de Planejamento Economico
Cíntya Alejandra Castillo Pizarro - GEPES Produção & Tecnologia
Cristina Álvares Beskow - GEPES Comunicação e Artes
Diana Helene Ramos - GEPES Comunicação e Artes
Jefferson Vasques Rodrigues - GEPES de Processos Pedagógicos
Ioli Gewehr Wirth - GEPES Processos Pedagógicos
Karin Deleuse Blikstad - GEPES Dinâmica das Relações Humanas
Lais Silveira Fraga - GEPES de Tecnologia e Produção
Letícia Canelas - GEPES Dinâmica das Relações Humanas
Marcela Basic - GEPES Saúde e Meio Ambiente
Mariana Cestari - GEPES Comunicação e Artes
Mariana Machitte - GEPES de Planejamento Economico
Mayra Silveira Bueno - GEPES Produção & Tecnologia
Mônica Iha - GEPES Saúde e Meio Ambiente
Ricardo Silveira - GEPES Produção & Tecnologia
Potiguara Mateus Lima - GEPES Saúde e Meio Ambiente
Simone Cecília Fernandes - GEPES Saúde e Meio Ambiente
Taciana Dorácio - GEPES Saúde do Trabalhador
Tatiana Dimov - GEPES Saúde do Trabalhador

AUTORES CONVIDADOS/COLABORADORES:

Adriana Ramos (Oficina de Manto)
Fabiana Fonseca (Teatro do oprimido)
Sônia Bergamasco (Jogo de Bolas)

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Denis Forigo

REVISÃO DE TEXTO/ORTOGRAFICA

Jefferson Vasques

GRUPOS PARTICIPANTES

ACCOOP - A ACCOOP é a associação das cooperativas de triagem de Campinas e região, conta com 16 cooperativas de triagem e uma cooperativa de biodiesel. É um espaço de luta política das cooperativas, visa também a venda conjunta. As cooperativas Tatuapé e Bonsucesso também fazem parte desta associação.

AMA - A AMA, Associação de Mulheres Agroecológicas do Horto Vergel, trabalha a partir dos princípios da agroecologia com produção agrícola, artesanato e processamento de alimentos. O grupo está consolidado em torno de um projeto de cooperativa de processamento da produção agrícola do assentamento e articulado para a comercialização desta produção. O grupo comercializa sua produção com produtores e fabricantes que praticam o manejo orgânico, ou utilizam matérias primas orgânicas, e possam garantir um trabalho sócio-ambiental responsável.

ASSOCIAÇÃO MULHERES GUERREIRAS - A Associação de Profissionais do Sexo de Campinas existe desde 2006, criada em parceria com o Programa Municipal de DST/Aids. Os principais objetivos da associação se baseiam na luta pelos interesses da categoria de profissionais do sexo; pelo direito ao trabalho e a cidadania; pelo estabelecimento de uma eficaz política de saúde para a mulher prostituta; contra o preconceito e toda e qualquer forma de violência física, moral ou social em relação às mulheres prostitutas; melhores condições de trabalho e qualidade de vida para as profissionais do sexo; organizar e manter programas de assessoria jurídica, contábil, previdenciária, social e psicológica; combater a prostituição infantil; realizar debates, conferências e seminários com atividades informativas sobre a prostituição, contribuindo para a visibilidade social da profissional do sexo de maneira digna, contra uma construção que tende a marginalizá-la.

COOPERATIVA BARÃO - A Cooperativa Popular Barão, localizada no distrito Barão Geraldo, no município de Campinas, tem como atividade produtiva a triagem de resíduos sólidos. Ela existe como grupo informal desde 2002 e foi formalizada no início de 2005. A cooperativa é, para muitos de seus integrantes, a única alternativa de geração de trabalho e renda e é, além do lugar de trabalho, um lugar de aprendizagem da gestão coletiva.

COOPERATIVA BONSUCESSO - Cooperativa de triagem de resíduos sólidos, existe desde 2002, tem grande flutuação de cooperados(as), no entanto, ao longo destes anos, quatro cooperados se mantiveram durante todo o tempo na cooperativa. A qualidade do material recebido através do programa de coleta seletiva é muito ruim e a cooperativa já teve inúmeros problemas de infra-estrutura, o que acarreta na baixa retirada e conseqüente rotatividade dos(as) cooperados(as).

COOPERATIVA TATUAPÉ - Cooperativa de triagem de resíduos da construção civil, existe desde 2001, é acompanhada pela ITCP desde 2004, tem cerca de 22 cooperados(as), sendo a maioria mulheres. Apesar das condições inadequadas de trabalho é uma das cooperativas populares com maior retirada na cidade de Campinas.



COOPERMANDI - Grupo de produção de derivados da mandioca, formado por mulheres residentes em Hortolândia. Produzem bolos, doces e salgados e vendem para bares, restaurantes e feiras.

GRUPO CONTÁGIO - Cooperativa de customização de roupas existente desde 2006, criada em parceria com o Programa Municipal de DST/Aids e sediada no RNP+ Campinas (Rede Nacional de Pessoas Vivendo com HIV/Aids). Os(As) cooperados(as) trabalham com roupas semi-novas e novas provenientes de doação, renovando-as e transformando-as, imprimindo sobre elas novas linguagens visuais baseadas na identidade artística que a cooperativa desenvolve.

IDESC - O Instituto para o Desenvolvimento Sustentável e Cidadania do Vale do Ribeira (IDESC) é uma organização não governamental que existe desde de 2001, com sede em Registro (SP), no Vale do Ribeira. É um grupo incubado dentro do Projeto Rede de Tecnologia Social (RTS) de incubação de incubadoras. O acompanhamento está na fase de desincubação e estruturação da nova incubadora.







Impresso em janeiro de 2009.

Tiragem
250 exemplares

